

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ARIADNE GUIMARÃES DIAS

**A VOZ DA RAÇA, OS ECOS DA EDUCAÇÃO:
PERCEPÇÕES SOBRE AS PERMANÊNCIAS DA HERANÇA CULTURAL
AFRICANA NO BRASIL**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2018

ARIADNE GUIMARÃES DIAS

**A VOZ DA RAÇA, OS ECOS DA EDUCAÇÃO:
PERCEPÇÕES SOBRE AS PERMANÊNCIAS DA HERANÇA CULTURAL
AFRICANA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Furlin

Área de concentração: Formação de Educadores

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

D543v Dias, Ariadne Guimarães

A Voz da Raça, os ecos da educação: percepções sobre as permanências da herança cultural africana no Brasil / Ariadne Guimarães Dias. 2018.

130 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) --Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

Orientação de: Marcelo Furlin.

1. A Voz da Raça (Jornal) 2. Frente Negra Brasileira 3. Imprensa Negra 4. Racismo 5. Educação I. Título.

CDD 370

A dissertação de mestrado intitulada: “A VOZ DA RAÇA, OS ECOS DA EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES SOBRE AS PERMANÊNCIAS DA HERANÇA CULTURAL AFRICANA NO BRASIL”, elaborada por ARIADNE GUIMARÃES DIAS, foi apresentada e aprovada em 09 de setembro de 2018, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Marcelo Furlin (Titular/UMESP), a Profa. Dra. Regina Rossetti (Titular/ USCS) e o Prof. Dr. Cláudio André (Titular/ UMESSP).

Prof. Dr. Marcelo Furlin

Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Furlin

Coordenador da Pós-Graduação em Educação

Programa: Pós-Graduação em Educação

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Formação de Professores

ARIADNE GUIMARÃES DIAS

A VOZ DA RAÇA, OS ECOS DA EDUCAÇÃO:
PERCEPÇÕES SOBRE AS PERMANÊNCIAS DA HERANÇA
CULTURAL AFRICANA NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Furlin

Defesa realizada em

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Furlin
Orientador e Presidente da Banca

Profa. Dra. Regina Rossetti
Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Titular

Prof. Dr. Cláudio André
Universidade Metodista de São Paulo
Titular

DEDICATÓRIA

Ao “núcleo duro”, Elie e Beatriz; Mariza, Ayres e João Antônio; D. Loutfia, Ohannes e Marie. Aqueles que me fazem seguir acreditando;

Aos irmãos Lauand, sempre presentes;

Aos meus ancestrais, negros, brancos e indígenas, que me permitiram chegar até aqui;

A Hilton Cobra e à Companhia dos Comuns, fonte de eterna inspiração;

A Deus - Princípio e fim.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo benefício “Bolsa CAPES/PROSUP”, que ajudou a viabilizar esta pesquisa;

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da UMESP, professores e colegas que dividiram ideias e projetos.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar a presença africana nos textos publicados no jornal “A Voz da Raça” (1933 a 1937), pertencente à Frente Negra Brasileira (FNB). Para isso, são inicialmente contextualizados o personagem-chave do processo – o negro que vivia em São Paulo no início do século XX; a cena – conjunto de ideias e movimentos que compunham o ideário vigente; e a voz – os textos publicados pelos fretenegrinos. Para auxiliar na leitura desses registros, há uma recuperação histórica e social da trajetória do negro e sua diáspora na obra de Achille Mbembe (“A Crítica da Razão Negra”). A educação, apontada pelos integrantes do movimento negro como via de ascensão social, é investigada sob diferentes pontos: discurso e prática x prática do Estado e caminhos alternativos. Para complementar, a investigação da presença de palavras de origem Banto nos textos do periódico possibilitam uma visão da presença africana em nosso cotidiano. Em todo conteúdo, destaca-se uma denúncia inegavelmente negra, africana, sobre o abandono, o desemprego e a luta por cidadania dos afrodescendentes, ainda que sob um discurso muitas vezes branco e hegemônico.

Palavras-chave: A Voz da Raça, Frente Negra Brasileira (FNB), Imprensa Negra, Educação, Racismo.

ABSTRACT

This work aims to investigate the African presence on the newspaper “A Voz da Raça” (The Voice of the Race), a tabloid published by Frente Negra Brasileira (Brazilian Black Movement), from 1933 to 1937. To pursue this investigation was defined three steps: the key character, the black man who lived in São Paulo on the beginning of the XX century; the scene, the major ideas present on the black movements at that time; and the voice, the texts published by the followers of Frente Negra Brasileira. Achilles Mbembe's book (“Critique of Black Reason”) helps on the texts' analysis by a historical and social recuperation of black trajectory and his diaspora. Education, signaled by black activists as a possibility of social upgrade is investigated by different points: speech and practice versus State's model and alternatives paths. The analysis of Banto's words presence in the newspaper allows a perspective of African permanency in our lives. To summarize, the content stands out an undeniably black, African denunciation of abandonment, unemployment and the struggle for citizenship of Afro-descendants, albeit sometimes under a white and hegemonic discourse.

Keywords: A Voz da Raça, Frente Negra Brasileira (FNB), Black Press, Education, Racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Homem idoso recostado em grade metálica da rua São João	43
Figura 2 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Duas mulheres conversando, nas proximidades do atual parque Dom Pedro II	44
Figura 3 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Casario e lavadeiras às margens do Rio Tamandateí	44
Figura 4 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Homem costurando o próprio sapato	45
Figura 5 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Homens conversando	45
Figura 6 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Casal trabalhando em plantação de milho	46
Figura 7 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Vendedor ambulante trabalhando nas ruas do Centro	46
Figura 8 - Foto de Vincenzo Pastore. Arquivo IMS - Duas mulheres conversando, nas proximidades do atual parque Dom Pedro II	46
Figura 9 – Ilustração do livro Types of Mankind	68
Figura 10 - Ilustração do livro Types of Mankind	69
Figura 11 - Capa do American Phrenological Journal	70
Figura 12 - Ilustração do Segundo Congresso de Eugenia	71
Figura 13 - Ilustração de Samuel G. Morton	72
Figura 14 - Reprodução “A Redenção de Cam”, tela de Modesto Brocos	73
Figura 15 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#22 - 30/09/1933)	102

Figura 16 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#41 - 11/08/1934)	102
Figura 17 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#09 - 13/05/1933)	103
Figura 18 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#45 - 11/05/1935)	103
Figura 19 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#13 - 17/06/1933)	103
Figura 20 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#41 - 11/08/1934)	103
Figura 21 - Reprodução capa 1º exemplar de A Voz da Raça (18/03/1933)	104
Figura 22 - Reprodução capa # 52 de A Voz da Raça (Abril/1936)	104
Figura 23 - Foto do Grupo Carnavalesco Barra Funda (autor desc.)	104
Figura 24 - Foto do Cordão do Camisa Verde e Branco (autor desc.)	105
Figura 25 - Foto da Escola de Samba Lavapés (autor desc.)	105
Figura 26 - Reprodução da capa de “A Voz da Raça” (#64 - Abril 1937)	106
Figura 27 - Reprodução artigo de A Voz da Raça (#64 - Abril 1937)	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ACN	Associação Cultural do Negro
AIB	Ação Integralista Brasileira
ANB	Associação dos Negros Brasileiros
ANPUH	Associação Nacional de História
ANL	Aliança Nacional Libertadora
ANM	Academia Nacional de Medicina
BN	Biblioteca Nacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FIOCRUZ	Fundação Casa de Oswaldo Cruz
FNB	Frente Negra Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMS	Instituto Moreira Salles
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MNBA	Museu Nacional de Belas Artes
PCB	Partido Comunista do Brasil
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Pedagogia, África e nossas relações étnico-raciais	
CAPÍTULO 1 – A Personagem	23
Quem era o negro brasileiro no início do Séc. XX, em São Paulo	
Trabalho, movimentos sociais e os muros altos das escolas	
CAPÍTULO 2 – A Cena	49
Cor & raça / Quando a ciência suporta o racismo	
A Educação e o Estado invisível	
CAPÍTULO 3 – A Voz	76
Branco papel, signos negros	
Em busca da presença africana	
CAPÍTULO 4 – Considerações Finais	109
Fluxo, refluxo – Permanências	
Base para futuros estudos e questionamentos	
ANEXO – PERFIS NEGROS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

*“Negro acorda é hora de acordar
Não negue a raça
Torne toda manhã dia de graça
Negro não se humilhe nem humilhe a ninguém
Todas as raças já foram escravas também
E deixa de ser rei só na folia e faça da sua Maria uma rainha todos os dias
E cante o samba na universidade
E verás que seu filho será príncipe de verdade
Aí então jamais tu voltarás ao barracão”*

Candeia, “Dia da Graça” / 1978

INTRODUÇÃO

Pedagogia, África e nossas relações étnico-raciais

Immanuel Kant¹, em sua obra "Sobre a Pedagogia", resume a dicotomia que perpassa o processo pedagógico. A disciplina, afirma o filósofo, transforma a animalidade em humanidade, impede o homem de desviar-se do seu destino, por meio de suas inclinações animais. "Ela, porém, é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria; a instrução, pelo contrário, é a parte positiva da educação". Em resumo, a cultura o distingue do animal.

Essa alegoria do "claro-escuro", intrínseca à arte de ensinar, é um ponto de partida para uma reflexão sobre a Lei 10.639/03², que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio no Brasil. Por força de lei, as autoridades brasileiras buscaram iluminar a trajetória e as contribuições socioculturais proporcionadas pela diáspora dos povos africanos no Brasil. Uma ação afirmativa.

Longe do objetivo de questionar a eficácia e a aplicabilidade da lei, a presente dissertação busca, através do exame das publicações do jornal da Frente Negra Brasileira (FNB), "A Voz da Raça", em São Paulo, entre os anos de 1933 a 1937³, e da contextualização do movimento negro no início do século, "assentar mais um tijolo" no resgate e construção da história afro-brasileira, além de ressaltar a importância desse tipo de iniciativa.

Quinze anos depois da publicação da Lei 10.639/03; dez anos após a "correção" histórica com a inclusão dos povos indígenas pela Lei 11.645/08; e 130 anos da tardia libertação dos escravos no Brasil, em 13/05/1888; a análise de Kant sobre a Pedagogia parece nos desafiar. A formação do homem-brasileiro, "infante, educando e discípulo", passa obrigatoriamente pela análise de seu passado, a reeducação das relações étnicas, e o aprendizado da história e cultura dos povos que vieram da África e seus descendentes.

¹ Filósofo alemão (1724-1804). Considerado o pai do pensamento moderno, Kant ministrou regularmente o curso de Pedagogia na Universidade de Königsberg, na Prússia, atual Alemanha.

² Posteriormente, alterada pela Lei 11.645/08, redigida com o fim de corrigir o "esquecimento" das populações indígenas.

³ Em cinco anos de existência, foram publicadas 59 edições: Vinte em 1933; catorze em 1934; cinco em 1935; dez em 1936; e dez em 1937.

A atualidade dos textos publicados há quase 90 anos tem profundas implicações sobre a análise da construção e permanência do mito da “democracia racial brasileira”. Como alerta Andreas Hofbauer⁴, ele continua vivo enquanto falsa ideologia. Uma “chave de leitura” da vida brasileira, que nos ajuda a entender a formação nacional. O artigo de Pérola de Castro, publicado em 17/06/1933, resume o desconforto: afinal, em que momento do processo histórico estamos?

Não julgueis ainda meus irmãos de raça, que a 13 de maio de 88, fostes verdadeiramente libertos. Não, meus caros irmãos, é preciso que saibas que aquela liberdade aparente foi somente para livra-nos do chicote, dos capitães do mato, do vergonhoso tráfico de africano, trocados ou comprados por quinquilharias.

Digo isto, meus caros irmãos, porque neste momento em que o Brasil reclama dos negros, como verdadeiros brasileiros que são, a sua ajuda para o seu reerguimento, é com grande pesar que vemos ainda que somos escravos, libertos do relho, mas presos em uma formidável corrente.

E eu agora vos pergunto: sabeis qual é a sua corrente? Não sabeis? (Santa ingenuidade!) Essa corrente é a ignorância, a falta de instrução, educação e a união da raça.

Esta dissertação apresenta-se, pois, como um trabalho historiográfico, interdisciplinar, com pesquisa em fonte primária, o jornal “A Voz da Raça” e outras publicações do mesmo período, listadas no fenômeno que ficou conhecido como Imprensa Negra Paulista. O objetivo principal é resgatar este importante momento da história brasileira, onde o negro desempenhou papel de protagonismo e, a partir da reflexão desta produção jornalística, examinar os ecos do continente-origem e sua cultura, mergulhando na pergunta “Onde somos África?”

Seria possível identificar na publicação da FNB – órgão responsável por defender os direitos e a voz dos descendentes – a presença africana? Depois de séculos de afastamento, da perda de referências familiares, linguísticas e da obrigatoriedade de adoção de práticas culturais exóticas, o quanto do continente-origem teria permanecido nos costumes, na cultura? E ainda, estes registros teriam ocorrido de forma opcional, pela vontade e resistência, ou de maneira inconsciente? A hipótese investigada levou a um “garimpo” de palavras, uma imersão no discurso em busca de permanências e ressignificações.

⁴ “Branqueamento e Democracia Racial: Sobre as Entrranhas do Racismo no Brasil”. Por Andreas Hofbauer (UNESP/Marília).

Este trabalho busca responder essas indagações. E justifica este exercício acadêmico na crença de que o entendimento da população brasileira, sua composição, distribuição de renda e quadro social, só poderá ser compreendido em sua integridade ao refletirmos sobre o momento pós-abolição. De acordo com o IBGE, os negros e pardos representam a maioria dos brasileiros – cerca de 54% do total do país. Apesar disso, o rendimento salarial dos negros corresponde a cerca de 80% dos brancos que exercem a mesma função. Eles representam ainda 63% dos mais pobres e 69% dos indigentes.

A recuperação histórica de um momento em que homens negros articularam ideias, lutaram por seus direitos e organizaram uma rede política de alcance nacional e repercussão internacional é particularmente valiosa. Quase tanto, arriscaríamos a dizer, quanto a denúncia do discurso “científico”, que justificou o racismo e suas aberrações. Existiria lugar mais apropriado que a Academia para refletir sobre a “produção de conhecimento”, seu poder, alcance e riscos?

De base qualitativa, exploratória-descritiva, essa dissertação procurou observar as relações de significado preservadas e recriadas na diáspora. Esta investigação demandou uma revisão bibliográfica da obra de historiadores, sociólogos e antropólogos que dedicaram seus trabalhos ao tema, como Florestan Fernandes, Roger Bastide, Antônio Sérgio Guimarães, Andreas Hofbauer, Lilia M. Schwarcz, entre outros. Petrônio Domingues, acadêmico baiano conhecido por sua obra sobre a Frente Negra Brasileira, e Teresa Malatian, uma estudiosa da obra de Arlindo Veiga dos Santos, criador e presidente da FNB, foram valiosos guias durante todo o caminho.

Para aprofundar o conhecimento do tema e responder a hipótese formulada, foi desenhada uma estratégia de pesquisa que incluiu: 1.) o levantamento de dissertações e teses relacionadas ao objeto de pesquisa; 2.) a análise específica dos temas com maior presença e distribuição ao longo dos anos de existência do jornal; além do 3.) rastreamento de palavras de origem banto, grupo étnico africano predominante no estado de São Paulo.

O formato utilizado para abordar o tema, com a divisão do conteúdo em Personagem, Cena e Voz remete à preocupação de identificação do negro, elemento-chave da pesquisa, sua realidade e anseios no início do século XX; à recuperação das ideologias que formataram o discurso racista brasileiro; bem como sua expressão,

a palavra da comunidade e as questões que mobilizam os negros brasileiros naquele período.

A Personagem - Quem era (e como era ser) negro no início do Séc. XX em São Paulo, tem como objetivo recuperar o cenário brasileiro pós-abolição e suas implicações econômicas e sociais. Para isso, os estudos dos sociólogos Florestan Fernandes e Roger Bastide sobre o período; depoimentos de contemporâneos com papel relevante nos movimentos sociais da época; bem como o de historiadores que focaram suas pesquisas nos principais movimentos sociais vigentes, ajudam a divisar os contornos/formas deste protagonista, que, a propósito, encontrava-se na base da pirâmide social.

A Imprensa Negra Paulista, seus objetivos, principais publicações e nomes são apresentados, bem como a Frente Negra Brasileira, criadora de “A Voz da Raça”, publicação que deu origem a esta pesquisa. O “caldo político” em que estavam imersas as ideias-chave identificadas no discurso negro da época também é investigado, fornecendo as pistas necessárias à compreensão do cenário político. A adesão de negros, disputada homem a homem pela primeira vez em 400 anos de história, por comunistas e integralistas, indicam o reconhecimento do potencial de articulação daqueles que até bem pouco tempo não eram distintos de objetos.

Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos, a dupla de irmãos que ajudou a articular a fundação da FNB, também é analisada. Em especial, pela influência que eles desempenharam no movimento e, por consequência, nas publicações do grupo; bem como pela importância que desempenharam em toda articulação dos negros no início do século passado em São Paulo. Identificados como uma parcela ínfima do grande contingente negro brasileiro, representaram e definiram muito do ideário negro do período.

A educação, principal reivindicação na Imprensa Negra, tema de artigos e protestos, entendida como o passaporte para a construção de uma identidade civil, da própria cidadania, é um dos temas centrais do capítulo. Neste ponto são apresentadas as leis, as resistências ao novo status de homem liberto do negro e as estratégias utilizadas para reverter o cenário, ainda marcado pela exclusão, imobilidade social e pressão exercida pela massa de imigrantes oriundos da Europa.

O primeiro capítulo é encerrado com uma breve imersão iconográfica, com registros elaborados pelo fotógrafo italiano Vincenzo Pastore. Seus registros, pertencentes à coleção do Instituto Moreira Salles (IMS), são “instantâneos” frutos da arte de flunar pela capital paulista. Documentos do dia-a-dia de crianças, homens e mulheres negras, que descobriam novas ocupações à medida da necessidade, das oportunidades, que compunham o mercado de trabalho da época.

A Cena - Apresentado o personagem central da pesquisa, passamos ao capítulo dois, “Cor e raça, quando a ciência suporta o racismo”. A ideia central do texto é apresentar o cenário onde o negro estava envolvido, as ideias vigentes e suas implicações no cotidiano. Para isso, são retomados os discursos dos maiores nomes do Racismo Científico, origem, adesões e as pontes encontradas no território brasileiro, nos anos anteriores e posteriores à libertação dos escravos.

Na abordagem foi dado destaque aos teóricos do racialismo com maior impacto no Brasil, como Joseph Arthur Gobineau, que ocupou o cargo de ministro da França no Brasil; ou Gustave Le Bon e Hippolyte Taine, intelectuais que marcaram o pensamento e as obras de Monteiro Lobato. Outro importante movimento foi o mergulho nas particularidades do discurso racial brasileiro, onde surgiram nomes de grande relevância como Nina Rodrigues, médico maranhense adepto do darwinismo racial.

A teoria do embranquecimento, como possibilidade de “solução” do problema racial, é tratado com destaque. Num momento em que a maioria dos cientistas raciais aderiu ao Poligenismo e, por consequência, condenava a ideia da miscigenação, o Brasil testemunhou o surgimento de uma escola que apostava no contrário. Para eles, o “dilema brasileiro” seria resolvido com o desaparecimento da raça negra após sucessivos cruzamentos com o branco, superior.

O capítulo dois trata ainda do mito da democracia racial, decorrente da “convivência harmoniosa” das raças e ganha corpo com o discurso oficial pró-mestiçagem. São recuperados “a voz” do Estado sobre a questão e as repercussões desse modelo em grupos como a Frente Negra Brasileira. O texto busca aprofundar a impossibilidade do movimento negro em enxergar o papel do Estado na garantia dos direitos individuais e as alternativas encontradas nas associações.

Recuperando o modelo do capítulo anterior, há uma reflexão sobre a iconografia das semelhanças e desigualdades – uma perversa materialização do discurso racista em desenhos pseudocientíficos. Nestes desenhos, o negro quase sempre é representado como uma raça aquém, a meio caminho entre os animais e os brancos. Não por coincidência, o macaco é a referência às semelhanças observadas no negroide de queixo pronunciado, de narinas largas e lábios grossos.

O pensamento de Achille Mbembe, pensador africano nascido nos Camarões, professor na Universidade de Duke, na Virgínia, conclui o capítulo com uma proposta de reflexão sobre as heranças da submissão a séculos de discurso racista. O mergulho sobre quatro tópicos, em especial, Raça, Negro, Racismo e África propõe uma imersão dos pontos mais trabalhados pelos colaboradores do jornal “A Voz da Raça”. Eles nos recordam a atualidade dos temas propostos pela publicação.

A Voz - No terceiro, e derradeiro capítulo da dissertação, é analisado o discurso do jornal da Frente Negra Brasileira. Sob o título “A Voz - Branco papel, signos negros” está registrada a preocupação de buscar no texto da publicação os ecos d’África, tradições, laços, afinidades, permanências da cultura africana – apesar dos mecanismos de dominação, usados de maneira intensiva, e com crueldade, durante sucessivos séculos. Impressos na língua estrangeira, tornada obrigatória, ou na profissão de fé autorizada, carregada de ícones da terra natal.

Para direcionar a leitura do periódico foram selecionados seis tópicos mais abordados em cinco anos de publicação: 1 - Raça Negra; 2 - Abolição da Escravidão / 13 de maio; 3 - Instrução / Educação; 4 - Figuras Históricas; 5 - Associativismo Negro e 6 - Preconceito. Cada um, a seu modo, revela a pauta dominante na Frente Negra Brasileira e, em especial, os anseios dos negros daquela época. A presença africana, motivadora da investigação, revela-se rara, mas não inexistente.

A busca dos ecos do continente-origem revela as idiosincrasias de um grupo que busca o reconhecimento de sua cidadania, que revela orgulho da coragem e resistência demonstradas por seus ancestrais ao mesmo tempo que deseja a igualdade em uma sociedade marcada pela exclusão. Há que se ressaltar também as sucessivas quebras de laços familiares, decorrentes da separação de pais e filhos, e a conseqüente perda de referências histórico-culturais nesse processo.

A construção de uma identidade resultante da manutenção das origens e a absorção dos valores que possibilitem sua inclusão na sociedade brasileira, dominada pelos valores brancos, revela-se especialmente na educação. Identificado pelas associações negras como valor máximo a ser adquirido, ela é a "porta de entrada", o "caminho" a ser percorrido e, portanto, foco dos maiores investimentos. O tema é onipresente em "A Voz da Raça".

O capítulo três apresenta ainda as figuras históricas da comunidade, elementos tão carregados de sentido social e político que personificam os negros brasileiros ideais. São "henriques", "patrocínios", aos quais caberia a construção de uma imagem da afro descendência local. Eles inspiram, exemplificam e despontam como guias, mas não estão sós. O jornal da Frente Negra Brasileira também cita os nomes de homens e mulheres que despontam como sucessores, fontes de inspiração para o movimento.

A presença africana, cerne da pesquisa, termina por revelar-se de maneira mais acentuada nas Expressões Populares. É no samba, no carnaval, retratado amiúde pelos colaboradores de "A Voz da Raça", que se destacam a permanência da cultura-mãe. Os instrumentos, a dança e mesmo os temas escolhidos pelos blocos e cordões, apontam – segundo os próprios redatores – os ecos de uma cultura expropriada e, por algum tempo, condenada pelas leis brasileiras do Império e da República.

A investigação é concluída com a recuperação de palavras de origem banto no texto do jornal. Com a ajuda de Nei Lopes e sua obra "O Dicionário Banto do Brasil" é efetuado o registro dos vocábulos utilizados – muitas vezes sem conhecimento dos usuários. Essas 25 palavras, cheias de ecos da terra natal, nos falam, ainda que de maneira inconsciente, de resistência. São as vozes d'África, sua cultura e civilizações vivas em novas terras.

*“Será que já raiou a liberdade
Ou se foi tudo ilusão
Será, oh, será
Que a lei áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão
(...)
Pergunte ao criador
Quem pintou esta aquarela
Livre do açoite da senzala
Preso na miséria da favela”*

Hélio Turco, Jurandir e Alvinho, “Cem Anos de Liberdade, Realidade ou ilusão?”
GRES Estação Primeira de Mangueira – 1988

Capítulo 1 – A Personagem

Quem era o negro brasileiro no início do Séc. XX, em São Paulo

Trabalho, movimentos sociais e os muros altos das escolas

Até a segunda metade do século XVIII, a presença negra em São Paulo era inferior, quando comparada aos estados do Nordeste e ao Rio de Janeiro. O cenário só foi alterado com a introdução da lavoura da cana em São Paulo. O cultivo em regime de *plantation* duplicou o número de escravos em pouco mais de duas décadas. "Em 1813 havia uma população livre de 160,969 habitantes e 48.245 escravos. Em 1836, a população livre era de 238.969 e a escrava de 86.933 habitantes"⁵.

A ocupação tornou-se ainda mais forte com a introdução do cultivo do café, principal responsável pela riqueza da província. Como ressalta Florestan Fernandes, esse fluxo acontece justamente quando o sistema escravo no Brasil entra em crise, com a interrupção do tráfico⁶. Na contramão do processo, São Paulo começa a buscar cativos de outras áreas e, em paralelo, traçar alternativas para o modelo como a importação de mão-de-obra estrangeira.

Quando, enfim, a inevitável libertação dos escravos ocorreu, sem nenhum tipo de planejamento ou preocupação social com os recém-libertos, um grande número de homens e mulheres viu-se alijado de moradia e praticamente inviabilizado de sustentar-se. De um momento para outro, os libertos foram excluídos, parcial, ou totalmente, do fluxo vital do crescimento econômico e do desenvolvimento social. "O único elemento dessa população que contava com emprego assalariado mais ou menos certo era a mulher, que podia dedicar-se aos serviços domésticos"⁷.

Por tudo isso, a tentativa de identificação do negro nas primeiras décadas do século XX, em São Paulo, passa invariavelmente pelo mergulho no cenário brasileiro pós-abolição, suas implicações econômicas e sociais. A massa de africanos trazida ao longo de quatro séculos⁸ para o país, uma vez encerrada a comemoração do novo status, descobriu que o jugo dos senhores de escravos da Monarquia foi substituído por uma burguesia republicana indiferente, que - antes mesmo da implantação do novo regime - já articulava a criação de um novo contingente de trabalhadores.

A década que precedeu a República registrou uma inversão na ordem social competitiva do país. Aqueles que até então – escravos ou libertos – tinham uma

⁵ PETRONE, Maria Teresa S. A lavoura canavieira em São Paulo. São Paulo, 1968. pp. 110-111 apud QUEIROZ, Suely Robles, op. cit., p.22.

⁶ BASTIDE, Roger. FERNANDES, Florestan. Brancos e Negros em São Paulo. 2a edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p. 38.

⁷ FERNANDES, Fernandes. "O Negro no Mundo dos Brancos". São Paulo: Difel, 1972.

⁸ Estima-se que 3,6 milhões de pessoas, o equivalente a um terço da população do continente africano, foi trazida compulsoriamente às Américas na maior diáspora de todos os tempos.

posição forte e intocável na economia, testemunharam uma alteração no sistema de produção. O capital, ciente do iminente término do modelo escravocrata, foi buscar na imigração a alternativa barata e qualificada às lavouras e ao comércio urbano.

Como registra Florestan Fernandes em *O Negro no Mundo dos Brancos*, o mercado internacional forneceu ao país imigrantes europeus sedentos de oportunidade, dispostos a trabalhar como classe assalariada, rural e urbana. "(...) Os recém-chegados, estrangeiros ou nacionais, absorviam as melhores oportunidades econômicas, até as áreas rurais, acelerando a crise da escravidão e convertendo os negros e mulatos, predominantes, num setor marginal da população e num subproletariado".

O ideário liberal da República fez muito pouco em termos de expansão de direitos civis e políticos. Pode-se dizer, inclusive, que registrou retrocessos no que se refere a direitos sociais, ao retirar a obrigação do Estado em ações como a promoção de socorros públicos⁹. Para os ex-escravos, em especial, terminou por representar um retrocesso na mobilidade e nas relações raciais. Sem condições para se adaptar à nova realidade, desprovidos de qualquer apoio, indenização, garantia ou assistência, homens e mulheres negros viram-se na disputa de funções que eram degradadas e repelidas anteriormente.

"(...) Eliminado o "escravo" pela mudança social, o "negro" se converteu num *resíduo racial*¹⁰. Perdeu a condição social que adquirira no regime da escravidão e foi relegado, como "negro", à categoria mais baixa "população pobre", no momento exato em que alguns dos seus setores partilhavam oportunidades franqueadas pelo trabalho livre pela constituição de uma classe operária assalariada".¹¹

Da senzala à favela

Nas primeiras décadas do século XX, cidades como São Paulo registraram a chegada de muitos negros em busca de oportunidades. Aliados do trabalho nas fazendas, muitos almejavam encontrar nos centros urbanos alternativas. Em pouco tempo, a periferia destas concentrações urbanas começou a ficar superpovoada pela

⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. 3a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 45.

¹⁰ Grifo meu. A origem da palavra resíduo vem do latim *residuum*, *residere*, "ficar atrás, sobrar". Uma comparação triste, porém, precisa de Florestan Fernandes.

¹¹ FERNANDES, Fernandes. *"O Negro no Mundo dos Brancos"*. São Paulo: Difel, 1972, p. 68.

massa desempregada, que se sujeitava a subempregos e condições de vida miseráveis. Nasceram aí as primeiras favelas.

Em seu levantamento sobre a trajetória dos negros na capital paulista, Florestan Fernandes observou que três quartos da população negra e mestiça da cidade mergulharam no que classificou como "uma dolorosa era de miséria coletiva, de degradação moral e de vida social desorganizada". Uma geral falta de proteção do Estado, onde eram encontrados o abandono do menor, do idoso, alcoolismo, prostituição e criminalidade num drama humano sem precedentes na história do país.

O crítico estado vivido pela população negra alimentou, em contrapartida, o discurso segregacionista. Rubião Meira, médico fluminense que chegou a presidir a Academia de Medicina de São Paulo (de 1905 a 1906 e de 1911 a 1912), atribuiu à abolição a ruína dos negros, que para ele não possuíam a preparação adequada "para o eterno *struggle for life*", sucumbindo, assim, à tuberculose, ao alcoolismo, às doenças venéreas, às neurastenias, de modo "que foi uma parcela da civilização a causa do desagregamento de uma raça, que vem diluindo e se dissolvendo desde a aurora de 1888 até a época, não distante, (...) em que terá para sempre desaparecido, senão de todo o Brasil, ao menos do território do Sul"¹².

As poucas exceções a esse processo confirmaram a dolorosa exclusão. O negro Alfredo Casimiro da Rocha, médico e político baiano, radicado em São Paulo, tornou-se um caso emblemático. Ao longo de sua vida, retratada na biografia do sociólogo Oracy Nogueira, é fácil identificar o complexo equilíbrio que desempenhou em vários mandatos como deputado estadual. Graças à sua profissão, cujos profissionais eram escassos em São Paulo (o estado só teve Faculdade de Medicina inaugurada em 1912), ele foi aceito na sociedade paulista de braços abertos.

Como recorda o historiador americano James Woodard¹³, em seu artigo sobre o médico e político, o movimento republicano provincial foi fortemente influenciado pelo separatismo paulista – dono de argumentos racistas, devidamente documentados nos jornais da época. Para o pesquisador, a própria cidadania republicana era imaginada como uma categoria sociocultural "branca", uma representação que, segundo ele, perduraria no discurso político da região por longos anos depois da queda da monarquia.

¹² Rubião Meira (1920, p.72), apud in FERNANDES, Florestan, "O Negro no Mundo dos Brancos" - p. 253

¹³ Doutor em História pela Brown University, James Woodard é autor de "A place in politics: São Paulo, Brazil, from seigneurial republicanism to regionalist revolt (Duke University Press, 2009).

Os sergipanos Enjolras e Fabrício Vampré, igualmente médicos, e o baiano e engenheiro Theodoro Sampaio foram outros raros exemplos de negros com mobilidade social. Em nenhum momento, porém, fornecem uma visão precisa das relações entre brancos, negros e mestiços. A rejeição a ex-escravizados era forte no meio, como atesta o discurso de Herculano de Freitas, um contemporâneo de Casemiro.

“(...) Porque me parece que ao estado de S. Paulo não é difícil, antes é muito fácil, conseguir os elementos imigratórios do que carece nas raças dominadas pela civilização ocidental, e que assim podendo introduzir um elemento de trabalho, e ao mesmo tempo um elemento de povoação do território, um elemento para nossa indústria e ao mesmo tempo um elemento que possa contribuir para formar o caráter nacional, *era muito melhor não ir procurar imigrantes em uma raça tão antagônica, de uma civilização tão diferente, que podia trazer embaraços à nossa civilização futura e à constituição de nosso caráter.* Por isso devemos aproveitar para a indústria de S. Paulo e para sua civilização, elementos europeus e dos países colonizados pelo mesmo europeu.¹⁴

Impressões & Expressões - A Imprensa Negra

A resposta a séculos de espoliação e ao abandono da jovem república surgiu nas letras. No início do século XX, pode ser observado o aparecimento de jornais, cujo objetivo era a disseminação do status do negro e ainda o apelo à consciência racial dos ex-escravos e seus descendentes. Em geral, os autores estavam ligados às entidades dispostas a levar adiante o "protesto da gente negra".

Conforme o documentado pelo sociólogo francês Roger Bastide, a maioria das publicações vivia miseravelmente, de doações feitas por associados. Daí a irregularidade na veiculação de muitos jornais e, por consequência, a falta de padrão, número de páginas, qualidade do papel, entre outros elementos. "Numa palavra: quando havia dinheiro, havia jornal; caso contrário não, ou então era feito em tamanho menor e com menos páginas".

¹⁴ GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org). Políticas da Raça – Experiências e Legados da Abolição e da Pós-emancipação no Brasil. Edições Selo - Negro São Paulo/SP – 2014. Artigo 10 - “Negro político, sociedade branca: Alfredo Casimiro da Rocha como exceção e estudo de caso (São Paulo, décadas de 1880 a 1930)”, por James Woodard. Pág. 252. Grifo da autora.

Bastide dividiu o fenômeno da Imprensa Negra em três períodos: o primeiro, após 1915; o segundo, entre 1930 e 1940, e o terceiro, depois de 1945¹⁵. O segundo, e mais importante deles, registra uma abordagem mais direta e objetiva das questões relativas ao negro. É possível identificar uma maior união na reivindicação dos direitos e conquista da participação na sociedade.

O protesto dos negros paulistas pôde ser ouvido em diferentes aspectos da vida, tanto no campo profissional, quanto no político e no lazer. O direito à educação foi uma das principais reivindicações e representou para muitos articuladores um meio de ascensão social. Ele está presente em quase todos os jornais, especialmente em "A Voz da Raça", fundado pela Frente Negra Brasileira, o maior e mais representativo órgão de negros do país.

A maior parte das publicações foi produzida na capital paulista, mas também podem ser encontrados periódicos em cidades como Campinas, Piracicaba, Santos e São Carlos. Recentemente reunidos em um portal da Universidade de São Paulo (USP), o Imprensa Negra Paulista, estes periódicos fornecem uma visão singular para "entender a visão do negro pelo negro e para o negro, especificamente na capital"¹⁶.

Negras Origens: a Frente Negra Brasileira (FNB)

Para avançar a análise, e aprofundar a investigação de "A Voz da Raça", é necessário contextualizar a origem e importância da Frente Negra Brasileira (FNB). Criado no início da década de 30, o grupo diferenciava-se pelo nível educacional. A maioria dos integrantes era alfabetizada e tinha consciência dos desafios encontrados pelos negros depois da Abolição. Essa pequena "elite"¹⁷ paulistana reunia-se no Salão das Classes Laboriosas, próximo à Catedral da Sé, no Centro da capital paulista, mas devido à necessidade de espaço, transferiu-se para um prédio na Rua da Liberdade, onde permaneceu até a dissolução do movimento. A estrutura da organização proporcionava inúmeras atividades aos negros.

¹⁵ BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI. Sociologia n.2. Estudos Afro-brasileiros, 2a. Série, 1951.

¹⁶ Portal Imprensa Negra Paulista – Texto publicado "Sobre o Acervo", por Miriam Nicolau Ferrara. <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/sobre-o-acervo-2/>

¹⁷ Conceito proposto pela historiadora Laiana Lannes de Oliveira Rio de Janeiro, autora da tese de mestrado "A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930", defendida em 2002, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A Frente era composta de vários departamentos: Educacional, que oferecia curso primário e alfabetização de adultos; Musical, onde os associados aprendiam a tocar diversos instrumentos; Esportivo, responsável pela organização de competições esportivas; Médico, que incluía consultas médicas e gabinete dentário, e o Jurídico Social, responsável pela defesa dos direitos dos associados e negros em geral. A sede da FNB era ainda ponto de reflexão e busca de solução de questões nacionais.

O ambiente proporcionou oportunidades para muitos filhos e netos de escravos. Aristides Barbosa, por exemplo, um filho de lavradores do interior do Estado de São Paulo, fez na organização o curso de Admissão ao Ginásio, aulas de música e inglês. “Tudo isso ajudou nos meus objetivos de vida”, resumiu o ex-operário de fundição, vidraceiro e mecânico, que se formou em Letras e Sociologia e terminou a vida aposentado como professor e jornalista. Em depoimento sobre a Frente Negra Brasileira, Barbosa contextualiza:

(...) na década de 30 nós estávamos numa atmosfera de senzala. Lá na Bela Vista, por exemplo, se você chegasse à tarde, num dia de semana, encontrava homens negros nos bares, desempregados, enquanto as mulheres é que trabalhavam. O negro não tinha essas preocupações de encontros culturais que veio a ter depois da Frente Negra.¹⁸

Os ideais da Frente Negra Brasileira espalharam-se também para outros estados do país: Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. A entidade chegou a ter cerca de 200 mil afiliados e uma milícia, com rígida disciplina militar, para proteger os negros de abusos e agressões. A instituição foi ainda a primeira a fundar em outubro de 1934 um partido político negro, registrado na Justiça Eleitoral¹⁹.

Uma importante fonte histórica sobre o movimento pode ser encontrada nos Arquivos Públicos dos estados de São Paulo, berço do movimento, e de Minas Gerais, segundo maior polo da Frente. Eles abrigam documentos da FNB, que reunia uma grande diversidade de opiniões políticas. Entre suas lideranças, por exemplo, havia

¹⁸ BARBOSA, Márcio. Trecho da entrevista concedida por Aristides Barbosa e publicada em Frente Negra Brasileira - Depoimentos.

¹⁹ Fundada em 1931, a Frente Negra Brasileira foi responsável pela fundação do primeiro partido negro – reconhecido pela Justiça Federal em 1936.

pessoas ligadas ao Patrianovismo, movimento de caráter nacionalista que defendia a volta da Monarquia e o Integralismo.

Curiosamente, durante toda a existência da Frente, a instituição teve apenas dois presidentes: Arlindo Veiga dos Santos, que exerceu o mandato até junho de 1934, e Justiniano Costa, que permaneceu até a dissolução. Criador da Ação Imperial Patrianovista Brasileira, ou simplesmente Patrianovismo, Arlindo Veiga dos Santos defendeu a instauração de uma nova monarquia no país, baseada numa filosofia política conservadora. O grupo, formado de jovens católicos, teve vida longa e ligações com o líder e fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB), Plínio Salgado.

Os integrantes do movimento patrianovista participaram da fundação da AIB (Ação Integralista Brasileira) em outubro de 1932, quando a organização ainda não declarava abertamente o seu caráter fascista. O que pude perceber é que tanto o patrianovismo como o integralismo tinham alguns pontos em comum. Em um momento de forte reivindicação dos operários, tanto o patrianovismo como o integralismo representaram movimentos de reação das classes médias, alicerçados nos ideais católicos e ardorosamente contra o capitalismo liberal e o comunismo. A ligação estreita entre Arlindo Veiga dos Santos e o integralismo pode ser evidenciada por um artigo publicado no “A Voz da Raça” e escrito por Plínio Salgado ²⁰.

Os sonhos de futuras conquistas no Congresso Nacional foram encerrados, no entanto, em novembro de 1937, com o advento do Estado Novo, e – por consequência – o fim dos partidos, eleições livres e da Justiça Eleitoral. A Frente ainda tentou escapar da repressão, mudando de nome em alguns municípios, mas acabou perdendo espaço e força. O ideal de representatividade foi duramente abalado e a instituição fechada por ordem judicial. Apesar de esforços do movimento negro, a frente desarticulou-se.

Caldo Político, direita e esquerda lutam pelo negro

Antes de sucumbir à repressão política de Vargas, a Frente Negra Brasileira entrou para a história nacional ao levar segmentos da esquerda e da direita a rever seus posicionamentos relativos à Questão do Negro no Brasil. Sem dúvida, um momento singular, que teve sua origem nos anos que sucederam a Revolução de 1930. Na época, os idealizadores do movimento ficaram especialmente

²⁰ Laiana Lannes de Oliveira recupera a origem da relação da FNB com o movimento Integralista, em “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”, página 73.

entusiasmados pelo discurso do novo regime, que prometia abordar as principais mazelas sociais por meio de reformas como as leis trabalhistas.

A articulação, baseada numa solidariedade negra, buscava desenvolver uma autopercepção diferenciada, o desenvolvimento de uma autodeterminação, que permitisse a criação de uma agenda político-racial. Tal discurso encontrou eco sobretudo nos centros urbanos, mobilizando dezenas de milhares de negros, e despertando a atenção de outros movimentos políticos, como os comunistas e os integralistas.

Tal fenômeno tem sido objeto de estudo da historiadora norte-americana Jessica Graham, professora na University of California, em San Diego²¹. Em seu artigo sobre o que classificou como "virada antirracista do Partido Comunista do Brasil", ela documenta a guinada ideológica dos líderes do PCB, que até o surgimento da Frente Negra Brasileira seguiam uma linha ideológica resumida na Sección Suramericana de La Internacional Comunista, de 1929. Isto é: "A natureza da situação dos negros, no Brasil, não exige que nosso Partido organize campanhas reivindicativas para os negros, com palavras de ordem especiais"²².

Em apenas três anos, as vitórias alcançadas pelos organizadores da FNB, com a abertura de escritórios em diversas capitais, levaram os membros do partido a rever a posição e publicamente defender a "autodeterminação" para negros e indígenas. A proposta, de alto impacto, reconhecia a soberania econômica, política e cultural dos negros, deixando a 'raça negra constituir seus próprios Estados, se assim o desejassem'.

A mudança de postura não se limitou à declaração dos negros como "nacionalidades raciais oprimidas". Os jornais ligados aos comunistas, preocupados com a postura dos editoriais de "A Voz da Raça" e a aproximação de seu líder com o Integralismo, iniciaram uma intensa campanha de difamação do movimento. Os líderes da Frente Negra Brasileira, especialmente Arlindo Veiga dos Santos e seu irmão Isaltino, transformaram-se nos "traidores da raça". O acirrado cenário político da época gerou, inclusive, uma cisão. Para muitos esquerdistas fretenegrinos, o

²¹ Jessica Graham é mestre em Estudos Africanos pela Cornell University e doutora em História pela University of Chicago. Atualmente, escreve sobre o impacto de vários fatores - principalmente o comunismo, o fascismo, os ativistas negros, entre outros - nas ideias raciais de democracia política no Brasil e nos EUA no período de 1930 e 1945.

²² GRAHAM, Jessica. A virada antirracista do Partido Comunista do Brasil, a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930, in "Políticas da Raça" - GOMES, Flávio e DOMINGUES, Petrônio.

clima conservador da instituição tornou-se insustentável, o suficiente para gerar a criação de um novo grupo: a Frente Negra Socialista.

Documentadas em periódicos de esquerda e de direita, a disputa ficou marcada pela virulência dos discursos de ambos os lados. Nesse pequeno exemplo, de 1931, o jornal oficial do PCB, “A Classe Operária”, criticava a burguesia por ocasião da expulsão de negros de um ringue de patinação da cidade. Os jornalistas do partido ridicularizaram a maneira como a liderança da Frente Negra Brasileira protestou contra o caso, acusando-a de ser “uma ‘sociedade fundada por burgueses para tapear nossos companheiros negros’”.²³

Os editoriais e as reportagens de “A Voz da Raça” comprovam que as provocações geraram muitas respostas. Ainda no primeiro ano da publicação, em sua quarta edição (08/04/1933), a FNB tornou público um abaixo-assinado em defesa dos irmãos Veiga dos Santos. Em nome da maioria dos associados, o documento protestava contra a campanha que “os irmãos ingratos” promoviam para desfazer o que os então dirigentes da Frente vinham realizando.

Estamos com os irmãos Veiga dos Santos, nada temos de ver com a ideologia política do Dr. Arlindo Veiga dos Santos. O que nos interessa é ver e reconhecer o que ele vem fazendo para a nossa raça como negro que é.²⁴

Na guerra ideológica entre esquerda e direita, os comunistas eram os desafetos favoritos. Arlindo Veiga dos Santos, num editorial “aos irmãos negros”, recuperou o então recente passado escravocrata para alertar a ameaça à liberdade conquistada, diante da “voracidade dos partidários ambiciosos, dos separatistas e bairristas e também dos internacionalistas, inimigos da Pátria que uma suma parte obra dos nossos avós africanos e bugres, inimigos estes que acordem pelo nome nefando e criminoso de comunistas, quase todos estrangeiros, cujo jugo altiva e violentamente repelimos, quer se esgarcem sob o manto de ‘salvadores’, quer se esgarcem sob o título suspeito de amigos de lutas de classes”²⁵.

²³ Idem ibidem, pág. 360.

²⁴ Abaixo-assinado publicado em “A Voz da Raça” na quarta edição, publicada em no dia 08/04/1933. Seguida de dezenas de assinaturas, o documento foi publicado em outras edições sempre com a mesma observação. “Por falta de espaço, as assinaturas continuam no próximo número”.

²⁵ Editorial de Arlindo Veiga dos Santos publicado em “A Voz da Raça” na mesma edição (08/04/1933), sob o título “Irmãos Negros”.

Deus, Pátria, Raça e Família – O Integralismo e a FNB

O sucesso alcançado pela Frente Negra Brasileira não despertou a atenção somente do PCB. No início da década de 30, com o crescimento do fascismo na Europa, o Brasil registra o nascimento da Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932. Fundado pelo jornalista Plínio Salgado, paulista de São Bento do Sapucaí, o grupo alcançou em pouco tempo uma adesão em todos os estados.

Principal opositora dos comunistas, reunidos na Aliança Nacional Libertadora (ANL), a AIB ajudou a acirrar a polarização entre direita e esquerda no país, reverberando também nos movimentos reivindicatórios capitaneados pelos negros do Estado de São Paulo. Na disputa por essa importante massa de articulação política, o Integralismo, à semelhança do Comunismo, também adaptou seu discurso para atrair a negritude.

Sob a "promoção do ideal nacionalista, eminentemente reconhecido da harmonia inter-racial"²⁶, a AIB recriou em seu Manifesto de Outubro de 1932 um fascismo *à brasileira*, que "descrevia o racismo como produto não brasileiro, promovido por indivíduos influenciados por "hábitos cosmopolitas externos". Os elogios a Hitler, e seu Terceiro Reich, também foram silenciados para assegurar a todos que os integralistas recebiam de bom grado os afrodescendentes como companheiros brasileiros.

Tal discurso estava longe, no entanto, de representar que o movimento integralista brasileiro aplicasse a mesma tolerância a todos os outros grupos étnicos. Judeus e japoneses, por exemplo, eram excluídos, ainda que o ideário de Plínio Salgado passasse ao largo das teorias eugênicas da época e de seus critérios de definição de hierarquia racial.

É importante ressaltar que durante o embate político entre esquerda e direita no Brasil, a AIB levou uma enorme vantagem sobre os comunistas. O jornalista Arlindo Veiga dos Santos era um conhecido conservador e se identificava com a agenda cristã, anticomunista e antiliberal dos integralistas. De fato, os lemas da Frente Negra

²⁶ Para saber mais, leia o documento na íntegra na página da Frente Integralista Brasileira, ainda em atividade - <http://www.integralismo.org.br/?cont=825&ox=2>.

Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora eram quase idênticos: “Deus, Pátria, Raça e Família” e “Deus, Pátria e Família”, respectivamente.

As ideias de extrema direita de Veiga dos Santos, várias vezes expressas em seu desejo de um retorno da Monarquia, o levaram a aceitar o hitlerismo de uma maneira que a própria AIB rejeitava. Veiga dos Santos não parecia perturbado com a questão do racismo na Alemanha; destacou a valorização do trabalhador nacional por Hitler e lamentou o fracasso do governo brasileiro em proteger os afro-brasileiros de forma semelhante.²⁷

Cavaleiros Negros²⁸

Entre os negros que alcançaram notoriedade na sociedade paulista do início do século passado, Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos merecem destaque. Fundadores e membros da direção da Frente Nacional Brasileira, eles reproduziram em suas vidas muitas das lutas que aconteceram em meio a Imprensa Negra Paulista. Sua educação formal, oratória e dotes literários e artísticos o transformaram em referências para uma maioria sem ou quase nenhuma instrução e emprego fixo, e que lutava arduamente para sobreviver a um meio nada amistoso.

Apesar da origem humilde, na cidade de Itu (SP), graças ao trabalho do pai, cozinheiro do Colégio São Luís Gonzaga, os irmãos Veiga dos Santos tiveram acesso a uma escola privada que operava em regime de internado para meninos. Quando a instituição mudou-se para a capital, a família veio junto e a história dos dois irmãos ganhou nova dimensão. Graças ao apoio da Congregação Inaciana, que mantinha a escola que frequentavam, Arlindo entrou aos 20 anos de idade na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo.

A religião, aliás, o marcaria para sempre. Ainda nos tempos de faculdade, ele participava de discussões sobre política e cultura em um grupo da Congregação Mariana da Igreja de Santa Ifigênia, em São Paulo, no Centro Dom José de Camargo Barros, sob a coordenação do bispo D. Gastão Liberal Pinto²⁹. Nesse local, ele e outros jovens universitários discutiam sobre política e cultura, entre outros assuntos.

²⁷ GRAHAM, Jessica. “A virada antirracista do Partido Comunista do Brasil, a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930”, pág. 364.

²⁸ “O Cavaleiro Negro” é o nome da biografia de Arlindo Veiga dos Santos, escrita por Teresa Malatian, historiadora e docente do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp de Franca.

²⁹ MALATIAN, Teresa. “O Cavaleiro Negro”, pág. 30.

Tanto Arlindo quanto Isaltino Veiga dos Santos dedicaram-se desde muito jovem a escrever artigos para jornais e obras literárias. Arlindo, em especial, denotava a militância católica e uma forte inclinação nacionalista. Sua biógrafa Teresa Malatian o descreve com um militante de porte apumado, elegante, sempre de terno e gravata, óculos e chapéu palheta a rodar pelas ruas do Centro da capital, com maços de jornal sob o braço, em plena panfletagem.

Sua prosa, igualmente sofisticada, expressava o envolvimento com o ativismo negro, a valorização da origem africana e uma paixão na defesa das ideias, que caracterizaria suas publicações – fossem editoriais, poesias ou discursos políticos. O irmão Isaltino, por sua vez, também escreveu artigos e peças de teatro, encenadas inclusive durante os eventos promovidos pela Frente Negra Brasileira, como a celebração do aniversário da Abolição.

Com trânsito nos meios políticos e culturais, devido à escolarização diferenciada, representavam, enfim, uma ínfima classe média negra. “(...) Sem ocupar cargos elevados, (esse grupo) inseria-se no magistério, no funcionalismo público em cargos subalternos, em trabalhos não manuais, usava roupas citadinas consideradas indicadores de polidez e refinamento, significativas de inclusão nos padrões culturais dominantes na metrópole, entre outros”³⁰.

O primeiro momento da militância negra dos irmãos Veiga dos Santos acontece no Centro Cívico Palmares. De acordo com as memórias de José Correia Leite, Isaltino a conheceu antes de Arlindo. Em muitos aspectos, a abordagem e o discurso encontrados na FNB remetem à experiência no Palmares. O movimento buscava a união dos negros, com vistas a uma atuação conjunta. Nos textos do grupo já se encontram referências à “família palmarina” e o insistente apelo à necessidade do aparecimento de lideranças, que possibilitassem a chegada de reivindicações ao governo.

Lá, como na Frente Negra Brasileira, era visível a influência da Igreja. O jornal do grupo, “O Progresso” chegava a sinalizar a abertura do grupo a todos os grupos religiosos, mas o fato é que a doutrina identificada em todo o discurso era católica. Na militância do Centro Cívico, de 1927 a 1929, Arlindo defendeu a luta integracionista contra o preconceito e a segregação³¹.

³⁰ Idem ibidem.

³¹ Idem ibidem, pág. 63.

Dois anos depois, em um cenário já marcado pela polarização do discurso radicais de esquerda e direita, surgia a Frente Negra Brasileira (FNB). Desde o início, essas tendências lutaram pelo controle do grupo, cuja fundação oficial ocorreu em 16 de setembro de 1931. Já em seus primeiros momentos, o grupo já apresentava “fraturas” na disputa pela direção da entidade. “No campo oposto aos irmãos Veiga dos Santos”, grupos questionavam a interpretação do Treze de Maio, considerado uma mentira por ter deixado o povo negro no mais completo abandono.

Por sua participação no movimento monarquista Pátria-Nova, Arlindo foi um dos principais alvos de crítica. Correia Leite, ex-companheiro dos tempos do Palmares, ajudou a engrossar as condenações à sua presidência, ao qual acusava, desde o início, de impor suas posições sem ouvir as correntes opositoras dentro do movimento. As disputas e enfrentamentos agravaram com o tempo e, por ocasião do 1º ano de existência do jornal “A Voz da Raça” atingiram seu ápice.

Arlindo esteve na berlinda em artigos onde a FNB foi apontada como reduto do monarquismo, pois sua candidatura à Constituinte (*mesmo ano do lançamento de “A Voz da Raça”*) incomodou o grupo do Brasil Novo (*jornal do movimento negro alinhado ao socialismo*) e prolongou o acerto de contas travado nos episódios de fundação da FNB, do empastelamento da redação do Clarim d’Alvorada e da Legião Negra. Para desencorajar os votos dos fretenegrinos à candidatura de Arlindo a deputado constituinte, o jornal combateu o monarquismo de certo doutor em filosofia. Homem de mentalidade estreita e servil, evoluído no fundo das sacristias. Beijador hipócrita das mãos dos sacerdotes, e praticante sacrílego da eucaristia.³²

Enfim, em 07 de outubro de 1933, a batalha até então travada nas prensas transformou-se em um confronto físico na Praça da Sé. Às vésperas das eleições para o legislativo federal e para as constituintes estaduais, num evento marcado para comemorar o lançamento do Manifesto Integralista, integralistas e antifascistas travaram verdadeira batalha campal, que envolveu jovens, intelectuais e provocou a morte de cinco pessoas.

O ano de 1933 marcaria ainda a ruptura entre os irmãos Veiga dos Santos. Isaltino solicitou a saída do cargo de secretário geral da FNB e surpreendeu a todos ao aderir às correntes à esquerda. Arlindo permaneceu na presidência da FNB até

³² Idem ibidem, pág. 254.

julho do ano seguinte. Ele continuou, no entanto, a atuar na entidade, publicando regularmente artigos na primeira página em “A Voz da Raça”.

Mulheres negras

A leitura dos periódicos da época, em especial “A Voz da Raça”, não revela a discussão de gênero. Apesar de no mesmo período, sufragistas já darem sinais da emergente luta do feminino por direitos iguais, as negras brasileiras enfrentavam um cenário diferente. Enquanto homens de cor amargavam a disputa de posições com imigrantes oriundos de vários pontos da Europa, as mulheres mergulhavam em fenômeno distinto.

Como registrou Florestan Fernandes, as mulheres negras eram o único elemento dessa massa que contava com emprego assalariado, dedicando-se, em geral, aos serviços domésticos. Nesse momento histórico, pós-abolição, tinha início no Brasil a dupla jornada de muitas (presente até hoje), em que além dos serviços domésticos, desempenhavam a função de chefes de família, responsáveis por equacionar o orçamento familiar.

Em *O Negro no Mundo dos Brancos*, o sociólogo paulista resume o cenário: “Esta solução subentendia o desemprego permanente ou temporário para o homem, o parasitismo e a sobrecarga para a mulher e a anomia geral para todos. A vida na cidade raro equivalia à partilha das oportunidades da cidade. Três gerações sucessivas conheceram o que poderia significar a desorganização social como estilo de vida”³³.

Em um artigo dedicado à participação da mulher na Frente Negra Brasileira³⁴, Petrônio Domingues documentou como os jornais, espaço máximo de expressão da comunidade negra no início do século, foi dominado por homens. Entre 1907 e 1937, apenas 15 dos 244 colaboradores dedicados à Imprensa Negra eram mulheres – isto é – ínfimos 6%. A questão agravava-se nos cargos de chefia. “Apenas uma mulher integrou o corpo editorial do jornal “O Clarim”, em 1935, exercendo a função de redatora”³⁵.

³³ FERNANDES, Fernandes. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Difel, 1972, p. 66.

³⁴ DOMINGUES, Petrônio. *Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta antirracista no Brasil*. São Paulo: Cadernos Pagu, 2007.

³⁵ Dados levantados pela socióloga Regina Pinto em “O movimento negro em São Paulo: luta e identidade”. Tese de doutorado, Antropologia, USP, 1993.

Apesar de alguns dirigentes reconhecerem as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres negras, a militância ainda as enxergava como subalternas para a discussão dos pontos críticos da luta, em sintonia com a concepção de gênero da época. “Frágeis e talhadas para o cuidado da família”, caberia a elas permanecer no lar, cuidar da prole e zelar pela educação do futuro da raça.

Ao logo de seis anos de existência, as mulheres da FNB criaram grupos diversos e desenvolveram atividades, em geral, focadas no social. Elas foram responsáveis pela criação e gestão de bailes, que além do divertimento operavam como espaços para doutrinação. O movimento feminino realizou ainda ações para arrecadar material escolar para os alunos dos cursos diurnos e noturnos, organizar as biografias dos membros da FNB e aumentar o número de assinantes de “A Voz da Raça”.

Entre as poucas exceções encontradas no período, vale o registro histórico de Virgínia Leone Bicudo, neta de escravos nascida em 1910, em Ribeirão Preto. Formada em Sociologia, ela foi a primeira paciente de Adeleid Koch³⁶, refugiada austríaca que inaugurou o método de Freud em terras paulistas. No fim dos anos 1930, ela também atuou como “educadora sanitária” e “visitadora psiquiátrica”, avaliando diferentes versões que rodeavam as crianças em dificuldade.

Na década seguinte, Virgínia editou um programa de rádio em que ouvia os problemas de pais e filhos, que reportavam a vida de crianças em dificuldades. Graças a esse movimento, Virgínia tornou-se na pioneira no formato “de psicanálise praticada em espaço público”. A Questão Negra não passou despercebida pela pesquisadora, que em 1945 publicou sua tese “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”. No documento, em parte autorreflexivo, é possível identificar o peso da cor na própria experiência profissional.

“(…) Quanto mais subimos nas classes sociais, tanto mais aumenta a consciência de cor e tanto maior o esforço despendido para compensar o sentimento de inferioridade. [...] Entretanto, a ascensão ocupacional não confere ao preto o mesmo *status* social do branco, consideradas as restrições demarcadas na linha de cor, ao passo que o mulato garante sua inclusão no

³⁶ Adelheid Lucy Koch (1896-1980) nasceu em Berlim, Alemanha, e posteriormente naturalizou-se brasileira. Formada em Psiquiatria e em Psicanálise, foi a primeira psicanalista com formação reconhecida pela International Psychoanalytical Association. Foi a responsável por trazer Freud à América Latina e exercer análise didática, formando psicanalistas brasileiros.

grupo dominante, embora em sua personalidade permaneçam as consequências do conflito mental ³⁷.

Educação Negra, tema prioritário

A luta pelo direito à educação foi a intercessão entre as propostas de direita e esquerda. Consenso entre as lideranças negras, o tema despontou como principal reivindicação em todos os grupos. Como recorda Petrônio Domingues, em seu artigo sobre a educação e o antirracismo no Brasil³⁸, os negros enfrentaram obstáculos diversos nessa área. A primeira Constituição do país, de 1824, sequer garantia a prerrogativa da cidadania aos escravos, que por consequência, não tinham direito à escola.

Mais tarde, depois da proclamação da Lei do Ventre Livre (1871), o Império realizou uma reforma no sistema de ensino que permitiu o acesso aos cursos noturnos para pessoas do sexo masculino, livres ou libertos, maiores de 14 anos. No início do século XX e, mais notadamente em São Paulo, palco de inúmeros movimentos de protesto negro, foram registradas várias iniciativas em prol da educação de crianças, jovens e adultos negros.

Associações negras também abriram escolas, sendo que uma delas a Sociedade Amigos da Pátria, de São Paulo, fundada em 13 de maio de 1908, era dirigida por Salvador Luís de Paula, um negro ex-ativista do movimento abolicionista. A escola chamava-se Progresso e Aurora. Não se têm maiores detalhes de sua dinâmica interna. Contudo, o jornal paulista Progresso, em 23/9/1929, p.7, informava que a escola era “mista” e atendeu “mil e tantas pessoas” durante “dez anos”, o que permite supor que Progresso e Aurora foi talvez o estabelecimento de ensino voltado para a “população de cor” de maior longevidade na capital paulista, durante as primeiras décadas do século XX. Por dificuldades financeiras, encerrou suas atividades³⁹.

Outras iniciativas foram documentadas no estudo de Petrônio, como a do Clube 13 de Maio dos Homens Pretos, que previa o amparo educacional aos associados (1902). E ainda a iniciativa da Federação Paulista dos Homens de Cor, de Campinas,

³⁷ BICUDO, Virgínia L. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo (1938), edição organizada por Marcos C. Maio, São Paulo, Sociologia e Política, 2010, p.160. Apud in: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-lugar-de-escuta/>

³⁸ DOMINGUES, Petrônio. O Recinto Sagrado: Educação e Antirracismo no Brasil. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.138, p.963-994, set./dez. 2009.

³⁹ Idem ibidem, p. 969.

que promoveu aulas de alfabetização em períodos diurnos e noturnos, em 1910. Em sua breve existência, o Centro Cívico Palmares chegou a sediar um curso secundário, além de manter uma biblioteca e promover palestras culturais.

Por sua estrutura e porte, com mais de 70 delegações (sucursais) em todo país, a Frente Negra Brasileira ofereceu um dos mais estruturados projetos de educação, em 1932. Focado na alfabetização, foi dedicado a todos os negros (menores e adultos), associados a entidade ou não, no período noturno. Mais tarde, com o crescimento da instituição, a FNB também ofereceu o curso primário, multisseriado, comportando várias séries numa mesma sala de meninos e meninas.

O ponto em comum em todas as iniciativas registradas no início do século passado foi a identificação da educação como chave de mobilidade social. Para os articuladores da época, a alfabetização permitiria a decifragem do mundo, além de literalmente mudar a vida das pessoas. Seria ainda a responsável por anular o preconceito racial e, em última instância, capaz de erradicá-lo. Vale lembrar que na Primeira República, a cidadania estava condicionada ao letramento. Negros poderiam votar – desde que – soubessem ler e escrever.

Os muros altos das escolas...

A pesquisa desenvolvida por Surya A. P. de Barros⁴⁰, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), revela, no entanto, que entre o discurso oficial sobre a necessidade de educação para os descendentes de escravos, e o real acesso de negros às escolas, existia um longo e complexo caminho. Essa percepção poderia ser comprovada em todo o país e até mesmo na capital paulista, onde a luta pelos direitos dos ex-escravos encontrou ressonância.

Por meio da análise de diversos documentos históricos da Instrução Pública no Estado de São Paulo, como leis, matrículas, relatórios de professores, inspetores e presidentes de província, Surya Barros identificou mecanismos subliminares (nem sempre tão sutis), que tornavam o exercício do direito à educação algo desafiador para a maioria dos negros.

⁴⁰ BARROS, SURYA - Negrinhos que por ahí andão: a escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920) Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Educação, 2005.

A legislação educacional de São Paulo, Lei nº 9 de 22 de março, aplicada três anos depois da proclamação do Ventre Livre, tornava obrigatório na província o ensino para menores de 7 a 14 anos, do sexo masculino, e de 7 a 11 anos, do sexo feminino. A regra ignorava a questão racial. Mais grave foi o regulamento local publicado em 1887, que proibia a matrículas de escravos nas escolas públicas, salvo consentimento dos senhores, em cursos noturnos.

Mesmo depois da Abolição, frequentar aulas em uma escola pública revelava contornos complexos. Como documentou Zeila Demartini⁴¹ em sua entrevista com o militante Correia Leite, somente os “apresentáveis” poderiam frequentar os bancos escolares. "Tinha vários grupos escolares lá no Bexiga, alguns estão até hoje, né? Tinha um na Rua Major Diogo com a esquina da Manuel Dutra, parece que o Maria José. E tinha também um outro... Mas ‘...matricular mesmo era difícil’. ‘... É, um ponto é esse, porque nunca a pessoa ia bem trajada, não tinha condições, eu frequentava a escola descalço", recordou o militante. (Demartini, 1989, p. 53)

Episódios como esse apontam que o discurso oficial sobre a valorização da educação para negros, como caminho de emancipação, convivia na verdade com estratégias de discriminação que ajudavam a manter intacto o status da elite branca. Como concluiu a professora Zeila: "Aos negros restava a iniciativa privada". A questão é, no mínimo, provocativa, uma vez que ainda é identificado no ensino hoje a reprodução deste modelo, com a maioria pobre, negra, optando por universidades pagas, diante do difícil acesso às universidades públicas.

⁴¹ DEMARTINI, Zeila. A Escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século, 1989, p.54

Iconografia: A alma encantadora das ruas

Dono de um dos maiores e mais variados acervos do patrimônio brasileiro, o Instituto Moreira Salles (IMS) possui uma valiosa coleção de fotografias. Só entre negativos e revelações são mais de dois milhões de imagens, dos mais importantes testemunhos do século XIX e XX. O resgate do personagem deste estudo, o negro e sua vida na capital paulista no início do século XX, ganha em riqueza e informações ao mergulhar neste acervo, em especial, nas fotos de Vincenzo Pastore, fotógrafo italiano que deixou a comuna de Cassamassima, na região da Puglia.

Em sua trajetória como retratista, que alternava passagens no Brasil, ora na Europa, Pastore documentou – entre os anos de 1908 e 1914 – o cotidiano de escravos e imigrantes e sua economia de subsistência na urbe. Seu olhar atento captou o trabalhador negro e o estrangeiro, antes enraizados nas práticas camponesas, depois lançados na experiência comum de reinventar na cidade.

Este acesso à história privada, do dia a dia, lança luz às ações dos grupos tidos como subalternos e nos permite aproximar do objeto de estudo. Seja através do registro do imigrante vendedor de tecidos mascateando ao lado do homem negro, um possível assistente, ou do velho vendedor negro com cesto usado, na Rua São João. Fabiana Beltramin, professora e pesquisadora de História e Cultura Visual, autora do ensaio "Entre o estúdio e a rua: a trajetória de Pastore, fotógrafo do cotidiano", ressalta a importância dessa "recomposição" da história, que nos permite vislumbrar trajetórias dessa população.

“(...) O senhor encostado na grade de ferro fundido leva seu cesto no braço. Os muitos rasgos nas pontas do cesto são as marcas do quanto era usado, surrado, desgastado pelo ir e vir de um possível vendeiro angariando seu sustento na rua São João. Provavelmente tenha sido ele um morador dos quartos alugados nas casas sob risco iminente de desapropriação para a viabilização do projeto de remodelação, que visava tornar essa rua uma grande avenida. (...) sem recursos suficientes para montar uma barraquinha e contribuir com o fisco, o homem fotografado por Pastore contava apenas com suas andanças esperançosas pelas quadras próximas do burburinho e do agito do mercadinho da São João⁴².

Assim, de registro em registro, o Brás, antes local de abrigo para escravizados fugidos, passa a ser no novo século bairro de moradia daqueles que fugiam dos

⁴² BELTRAMIM, Fabiana. A São Paulo do início do século 20 pelo olhar imigrante do fotógrafo Vincenzo Pastore, 25/01/2018. Publicado em Zum, Revista de Fotografia: Página do Instituto Moreira Salles (IMS) - <https://revistazum.com.br/noticias/sao-paulo-vincenzo-pastore/>

custosos aluguéis. Do mesmo modo, foram imortalizadas as lavadeiras que se debruçavam sobre o Tamandateí para ganhar o pão diário... Vincenzo Pastore proporcionou a “materialização” das imagens do que foi registrado em palavras nas páginas da Imprensa Negra, no “Clarim d’Alvorada”, em “O Progresso”, em “A Voz da Raça” e tantos outros.

São Paulo, início do Séc. XX, por Vincenzo Pastore. Legendas extraídas do texto de Fabiana Beltramin.

Figura 1 - Fotografia de homem idoso em São Paulo



Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910.
Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

“(...) um homem negro, já idoso (...) encostado na grade de ferro fundido leva seu cesto no braço. Os muitos rasgos nas pontas são as marcas do quanto era usado, surrado, desgastado pelo ir e vir de um possível vendedor angariando seu sustento na rua São João.

Provavelmente tenha sido ele um morador dos quartos alugados nas casas sob risco iminente de desapropriação para a viabilização do projeto de remodelação, que visava tornar essa rua uma grande avenida”.

Figura 2 - Fotografia de duas mulheres conversando, nas proximidades do atual parque Dom Pedro II



“Curioso em flagrar encontros, conversas e possíveis trocas de informações. Deixou em primeiro plano as duas mulheres, destacando seus cestos nos braços. Possivelmente vendeiras, foram retratadas de corpo inteiro”.

Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910. Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

Figura 3 - Fotografia das lavadeiras às margens do Rio Tamanduateí, na região da Várzea do Carmo



*“Pastore se aproximou das vicissitudes de canoeiros e barqueiros, mas também das lavadeiras.

(...) Em condições de desamparo e insegurança, elas ocupavam as extensas margens do rio Tamandateí”.*

Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910. Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

Figura 4 - Fotografia de homem costurando o sapato



“É também surpreendente o registro do homem negro costurando seu próprio sapato. Esse retrato revela-se como uma afirmação. Era preciso forte improviso para integrar-se ao mundo dos livres. O gesto colocado em cena inscreve um importante elemento no reconhecimento da cidadania”.

Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910. Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

“As imagens de Pastore surpreendem porque escapam do circuito de produção de fotos encomendadas. Não apresentam vínculos institucionais comuns à fotografia do período”.

Figura 5 - Fotografia - Homens conversam em banco de praça



Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910. Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

Figura 6 - Fotografia de casal de negros trabalhando em plantação de milho / Triângulo Central



“Traz ainda homens e mulheres trabalhando em suas pequenas roças, cuja colheita seria vendida pelas ruas da cidade e arredores dos mercados, revelando a ainda forte convivência entre o rural e o urbano”.

Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910. Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

Figura 7 - Fotografia de ambulante



Figura 8 - Fotografia / Comércio de rua



Pastore, V. Registro histórico. São Paulo, 1910. Acervo Instituto Moreira Salles (IMS)

“(…) homens e mulheres egressos da escravidão ou oriundos da imigração, tipos populares trabalhando nos arredores dos mercados e nas ruas da cidade, na venda feita também de porta em porta, ágeis na improvisação submetida a uma conjuntura na qual o trabalho era marcado por fluidez e mobilidade, mas fundamental para ganhar a vida”.

Com um olhar atento e uma vocação para o então "inato" fotojornalismo, Vincenzo Pastore proporcionou o registro histórico das denúncias feitas pela Imprensa Negra Paulistana. Seus instantâneos cabem com exatidão nos artigos e editoriais criados pelos irmãos Veiga dos Santos e demais companheiros da Imprensa Paulista. Nada escapou ao olhar atento: do abandono de velhos e crianças negros às alternativas criadas para driblar o desemprego, como a lavagem de roupas às margens do rio Tamanduateí, no Centro de São Paulo.

As imagens do fotógrafo italiano documentam a penúria do período e também o surgimento de questões, que permanecem e desafiam a sociedade brasileira. Mulheres negras que conseguiram colocação no serviço doméstico, em uma espécie de "reprodução" do modelo escravocrata, o aparecimento da mão de obra informal para jovens negros, em meio a uma ocupação desordenada do espaço urbano, caótico, desigual e segmentada de acordo com as classes sociais existentes.

*“Quando você for convidado pra subir no adro da Fundação
Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos
E outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
Gilberto Gil e Caetano Veloso, “Haiti” / 1993*

Capítulo 2 – A Cena
Cor & raça – Quando a ciência suporta o racismo
A Educação e o Estado invisível

Refeitos os caminhos que nos levaram até o personagem desta história, temos como objetivo neste capítulo recuperar as ideias em que ele estava imerso. O fim do século XIX e o início do século passado foram marcados pelo discurso cientificista e, em especial, por teorias raciais que serviram como justificativa para iniciativas imperialistas e o modelo neocolonial, em que homens, identificados como “superiores”, estabeleciam a dominação de povos classificados como “inferiores”.

As raízes do que posteriormente ficou conhecido como Racismo Científico (ou biológico) são antigas – remontam ao século XVIII. Logo após a divulgação do método desenvolvido pelo botânico sueco Carlos Lineu (1707-1778), para a classificação das espécies animais e vegetais, surgem as primeiras teorias. Em 1775, o médico alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), publicou *De generis humani varietate nativa* (A variedade nativa da raça humana). Com base na aferição do tamanho do crânio de diferentes pessoas, ele defendeu ser esse um fato irrefutável da existência de raças humanas.

Mais tarde, a craniologia conquistou novos adeptos. Robert Knox⁴³ (1793-1862), outro médico, natural de Edimburgo (Escócia), prosseguiu com as medições e concebeu novo modelo de racismo ao estabelecer uma relação direta entre o tamanho da caixa craniana e a evolução da raça. Os europeus, "superiores", afirmava, eram dotados de crânios maiores, logo, com mais cérebro e, por consequência, mais inteligência. Todos os outros, não pertencentes a este grupo tinham, por consequência "limitações" e, portanto, poderiam ser "tutelados", ou seja, escravizados, torturados, mutilados e exterminados.

Samuel George Morton⁴⁴ (1799-1851) foi o correlato americano de Knox. Igualmente médico e aficionado pelos estudos de anatomia, ele avançou na análise das formas do crânio em busca da identificação de características de personalidade. Sua obra, *Crania Americana*, de 1839, tornou-se um dos principais exemplos da Frenologia (do grego *phren*, mente, e *logos*, lógica), teoria científica que afirmava ser

⁴³ O autor de “The Races of Men” (1850) exerceu um papel importante na divulgação das ideias do Racismo Científico no Reino Unido. Ele foi um dos primeiros a afirmar “Race is everything: literature, science, art – in a word, civilization depends on it”. Isto é: “Raça é tudo: literatura, ciência, arte – em uma palavra, a civilização depende disso”. Verbete Racism, Scientific. LEVY, Richard S. Antisemitism: a historical encyclopedia of prejudice and persecution (Two Vol. Set), 2005, p. 586.

⁴⁴ A coleção de crânios coletados por Samuel Geordec Morton pertence hoje ao Penn Museum, museu de arqueologia e antropologia da Universidade da Pensilvânia. Graças a seus contatos espalhados pelo mundo (mercadores, militares e missionários), ele recolheu mais de 100 peças para sua coleção - conhecida como “the American Golgotha”, o Gólgota Americano.

possível a identificação da personalidade e até mesmo o grau de criminalidade pela forma da cabeça.

Apesar de nunca ter feito uma relação entre sua Teoria da Evolução das Espécies e as raças, Charles Darwin (1809-1882) marcou profundamente esta geração. Sua obra, *As Origens das Espécies por Seleção Natural*, de 1859, foi utilizada para a associação entre os atributos externos e fenotípicos em elementos definidores de moralidades e do devir dos povos. Francis Galton (1822-1911), famoso estatístico e primo de Darwin, acreditava que a "raça" humana poderia ser melhorada caso fossem evitados "cruzamentos indesejáveis". Criador do conceito de eugenia⁴⁵, em sua obra *Inquiries into Human Faculty and its Development* ele sugere que as pessoas precisam planejar casamentos buscando cônjuges de famílias proeminentes ou bem-sucedidas.

A historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz repassa alguns dos principais nomes do racismo no Brasil em *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário – Cor e raça na sociedade brasileira*. Em sua pesquisa, ela seleciona os teóricos cujos trabalhos cruzaram continentes e influenciaram, em especial, os brasileiros. Entre eles, J. Arthur de Gobineau (1816-1882), Gustave Le Bon (1841-1931) e Hippolyte Taine (1828-1893). Cada um, a seu modo, imprimiu no discurso racista brasileiro marcas expressivas.

Taine, um dos expoentes do movimento Positivista⁴⁶, que encontrou uma repercussão importante no Brasil, devotou à ciência um culto sem precedentes. Para ele, o homem deveria ser compreendido à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico. Sua tentativa de aplicar um método científico para estudar a literatura e arte, psicologia, história e filosofia serviu de base, inclusive, para o movimento literário do Realismo. Já o médico e estudioso da psicologia social, Gustave Le Bon, compreendia a história como produto do caráter racial ou nacional e identificou na emoção, não na inteligência, a força dominante na evolução social. O

⁴⁵ Do grego *eu* (bom) e *genesis* (criação, geração). A eugenia é a meta para a qual se orientam os esforços de uma ciência particularmente dinâmica: a genética. As teorias eugênicas começaram a aparecer em fins do séc. XIX. No quadro do evolucionismo e das teorias da seleção, as ideias eugênicas serviram de base a vários movimentos racistas. SILVA, Benedito. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1986. p.440.

⁴⁶ Corrente filosófica que defendia que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o único verdadeiro. Seu idealizador, o francês Auguste Comte (1798-1857), encontrou uma grande adesão no Brasil. O lema "Ordem e Progresso", presente na bandeira, foi inspirado no lema positivista: "Amor como princípio e ordem como base; o progresso como meta".

verdadeiro progresso, afirmou, caberia ao trabalho de uma elite intelectual. Ambos, Taine e Le Bon, marcaram profundamente as obras de Monteiro Lobato.

Por suas relações de amizade com o imperador Pedro II e do cargo que desempenhou no Império, de ministro da França no Brasil, o conde Joseph Arthur Gobineau foi um dos mais importantes teóricos do racismo científico no país. Sua obra *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, publicada parcialmente em 1853 e em versão completa em 1855, alcançou uma forte repercussão local. O diplomata, escritor e etnólogo defendia a superioridade da raça branca e a identificava como elemento fundamental para o desenvolvimento das maiores civilizações humanas.

O "homem branco" (ariano) era naturalmente dotado de intelecto superior, quando comparado ao "amarelo, negro ou mestiço". Gobineau acreditava ainda que o destino das civilizações era determinado pela composição racial e as sociedades brancas, em particular, se desenvolveriam enquanto permanecem livres da mistura com os grupos negro e amarelo. Quanto mais o caráter racial da civilização fosse diluído pela miscigenação, mais provável seria a perda de sua vitalidade e criatividade e mergulho na corrupção e na imoralidade.

Por conta disso, Joseph Arthur Gobineau afirmava que as nações onde predominavam indivíduos oriundos de relações entre diferentes raças estavam fadadas ao atraso civilizador, cultural, social e moral. A miscigenação gerava indivíduos fracos e geneticamente inferiores, principalmente em termos cognitivos e morais⁴⁷. Hoje desacreditadas, as teorias do conde francês foram por anos o centro de estudos históricos, antropológicos e etnológicos e serviram de base aos teóricos europeus do determinismo biológico e sociológico.

Na virada dos séculos XIX/XX, o britânico Houston Stewart Chamberlain⁴⁸, (1855-1927) foi o responsável por levar adiante o ideário de Gobineau e atribuir aos arianos um fator de diferenciação sobre todas as raças. Em *Foundations of the Nineteenth Century* (Os Fundamentos do Séc. XIX), sua contundência surpreende. "The races of mankind are markedly different in the nature and also in the extent of their gift, and the Germanic races belong to the most highly gifted group, the group usually termed Aryan. Is this human family united and uniform by bonds of blood? I do

⁴⁷ (SOUSA, 2013, p. 24).

⁴⁸ Filósofo político germanófilo inglês, cuja defesa da superioridade racial e cultural do chamado elemento ariano na cultura europeia influenciou o pensamento nacionalista pangermanista e alemão, particularmente o movimento nacional-socialista de Adolf Hitler.

not know and I do not much care; no affinity binds more closely than elective affinity, and in this sense the Indo-European Aryans certainly form a Family⁴⁹". Não sem motivo, tornou-se o grande cérebro das teorias eugênicas de Adolf Hitler.

Outros teóricos do Racismo Científico surgiram ao longo do século XIX e encontraram eco até o término da Segunda Grande Guerra. É importante ressaltar, no entanto, dois aspectos: 1. Como a "ancoragem" do discurso científico tornou complexo o enfrentamento desses teóricos e, até hoje, ressurgem como surpreendentes releituras em pleno século XXI; e 2. A que serviam essas ideologias. Em sua análise do período, o antropólogo baiano Renato da Silveira⁵⁰ analisa a questão:

A força da ciência era a força do Ocidente. É verdade que o racismo nunca cresceu na Europa do século passado como uma doutrina harmoniosa, criada por um grupo coeso de conspiradores, mas nem por isso deixou de ser muito bem deliberado, pois foi o resultado de um trabalho sistemático de numerosos especialistas a serviço de (ou afinados com) uma política de conquista e subordinação. Esses provedores de modelos éticos, valores cívicos e aspirações coletivas, mesmo quando eventualissimamente discordaram da agressão colonial ou da escravização dos africanos, deixaram fora de discussão a superioridade do europeu⁵¹.

Laboratório racial tupiniquim

Ao cruzarmos o Oceano Atlântico, e nos depararmos com a colônia, é possível descobrir que o racismo fincou raízes no país e inspirou o aparecimento de teóricos próprios. No "laboratório racial⁵²" local, encontramos teóricos como Nina Rodrigues (1862-1906), médico maranhense adepto do darwinismo racial, que defendia a origem diferença das raças humanas e as atribuía a realidades diversas, fixas e essenciais e, portanto, não passíveis de cruzamento.

Para Rodrigues, a miscigenação extremada era ao mesmo tempo sinal e condição de degenerescência. Em sua vasta obra, que inclui livros e artigos sobre

⁴⁹ Tradução: As raças da humanidade são marcadamente diferentes na natureza e também na extensão de seu dom, e as raças germânicas pertencem ao grupo mais altamente dotado, o grupo geralmente denominado ariano. Esta família humana é unida e uniforme por laços de sangue? Eu não sei e não me importo muito; nenhuma afinidade se liga mais de perto que a afinidade eletiva, e nesse sentido os arianos indo-europeus certamente formam uma família. In *Foundations of the Nineteenth Century* (New York: Fertig, 1968), pp. 542-3.

⁵⁰ Doutor em Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e pós-doutorado no Centre d'Anthropologie de Paris. É professor da UFBA.

⁵¹ SILVEIRA, Renato da. *Afro-Ásia* #23 (2000), p.90. Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO)/UFBA.

⁵² Expressão criada pela antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz.

especialidades médicas, antropologia, direito, psicologia e sociologia, destaca-se a teorização da imputabilidade penal. Ele acreditava que diante dos diferentes níveis de evolução das raças, identificados e corroborados pela ciência, o Direito não poderia tratá-las de maneira uniforme. De certas raças se esperava responsabilidade; de outras, não se podia cobrar o que não possuíam.

Como destaca Schwarcz, sua teoria, escorada em um discurso científico, surge num momento singular em que a sociedade brasileira questionava-se sobre o destino da população negra recém-saída da escravidão e, ao mesmo tempo, encontrava-se sujeita ao arbítrio da República, sistema político que estabelecia a "igualdade cidadã". Todos, brancos e negros, enfim, eram iguais perante à Lei.

(...) a diferença de imputabilidade entre as raças, combinada com a demonstração dos “casos clínicos” que comprovavam a existência da degeneração, exposta nos exemplos de epilepsia, neurastenia (fadiga), histeria, alienação, quando não de criminalidade. O conjunto permitiria demonstrar a doença e a inviabilidade do próprio código penal, enganado pelo princípio voluntarista da ilustração, por ele chamada de “a falácia da igualdade”⁵³.

As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal (1894), *Negros Criminosos* (1895), *O Regicida Marcelino Bispo* (1899), *Mestiçagem, Degenerescência e Crime* (1899)... Vale destacar que o último livro de Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, foi publicado postumamente em 1933, depois de uma saga que envolveu a passagem dos originais pelas mãos de vários notáveis brasileiros: o médico e baiano Oscar Freire (1882-1923); o senador, historiador e folclorista mineiro Basílio de Magalhães (1874-1957) e, por último, Homero Pires (1887-1962), escritor e político nascido em Ituaçu, interior da Bahia.

Em sua derradeira obra, às vésperas da morte em 1906, em Paris, Nina Rodrigues registrou como poucos a cena “pós-abolição”. Para ele, aquele era um momento de “simpatia da campanha abolicionista”, em que todos, “instintivamente” se desejavam como protetores da raça negra. No mesmo momento, no entanto, ressaltava que “o critério científico da inferioridade da raça negra” nada tinha de comum com a “revoltante exploração que deles fizeram os interessados escravistas

⁵³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário – Cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p.22.

dos norte-americanos”. Para a ciência, afirmava, não era a inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções⁵⁴.

Eugenia, críticas e adesões surpreendentes

No início do século XX são testemunhadas alterações no entendimento da identidade nacional. A questão racial deixa de ser o paradigma e dá lugar às doenças, às moléstias que assolam o país. Isto não significa que o racismo científico tenha sido banido do território, pelo contrário. Mas neste período nota-se o crescimento do número de intelectuais que atribuem à ausência de saúde física e mental os problemas do baixo desenvolvimento da nação. Para a compreensão do quadro é fundamental retomar o desenvolvimento da Eugenia no Brasil e suas diferentes interpretações.

Assim como nos outros países, o movimento tem suas primeiras publicações relacionadas às faculdades de Medicina (Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia). Os médicos foram os maiores entusiastas da Eugenia e os responsáveis pela fundação do primeiro grupo do gênero na América Latina: a Sociedade Eugênica de São Paulo. Entre os associados, encontramos importantes líderes intelectuais da época como o professor, político e escritor Afrânio Peixoto; o internacionalmente conhecido pesquisador e imunologista Vital Brazil; o sanitarista Belisário Penna; e o considerado pai da psiquiatria no Brasil, o negro Juliano Moreira, só para citar alguns.

Como descreve Raquel Pinheiro dos Santos em sua dissertação sobre os médicos *Manoel Bomfim e Juliano Moreira: Aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República*⁵⁵, as expedições ao “interior do Brasil” possibilitaram novas interpretações para a realidade do país. Para alguns médicos, a “raça brasileira” era “indolente” e “preguiçosa” porque estava doente. Era necessário sanar o seu mal e evitar que outros o acometessem⁵⁶. Surgem, então, movimentos rivais. O grupo de eugenistas de matriz sanitarista, que afirmava ser necessário “aprimorar a raça” através da promoção de “melhores” hábitos na população. E os eugenistas de matriz

⁵⁴ RODRIGUES, Raimundo Nina. Os Africanos no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935 - 2a edição, p.20.

⁵⁵ SANTOS, Raquel Pinheiro dos. Manoel Bomfim e Juliano Moreira: Aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Faculdade de História, 2014.

⁵⁶ Ibidem, p. 124.

racialista, que desejavam estabelecer, por exemplo, práticas sexuais restritivas especialmente às populações mestiças e pobres.

Enquanto os sanitaristas acreditavam que o Estado deveria assumir uma postura cuidadosa com os imigrantes, uma vez que as moléstias trazidas pelos estrangeiros poderiam pôr em risco a "raça brasileira", entendida ainda como um processo, uma "raça em formação"; os racialistas alertavam para o risco da miscigenação, de modo que os não brancos não "degenerassem" a raça. O médico paulista Renato Kehl (1889-1974) foi um dos mais importantes representantes desta corrente. Em 1933, ele defendeu a esterilização de criminosos, a imposição de exames pré-nupciais compulsórios e a criação de legislação sobre controle da natalidade.

Neste momento cabe a reflexão sobre a postura dos negros diante do conceito Eugenia. Ao longo de sua vida, o psiquiatra Juliano Moreira não assumiu uma postura de racialização. Pelo contrário, em seus artigos criticou "os ridículos preconceitos de cores ou castas e a falta de rigor científico das interpretações que apontavam a mistura de raças como um problema social". O médico baiano, ex-aluno de Nina Rodrigues, utilizou seu notório saber e articulação para criticar argumentos em voga como o determinismo racial e geográfico.

Da mesma maneira, os negros do jornal "A Voz da Raça" igualmente defenderam a implantação de conceitos eugênicos. No artigo *Delírio da Covardia*, publicado na página 3 da sexta edição, publicada em 22/04/1933, os fretenegrinos alertavam que "aqueles que têm medo de afirmar-se neto da senzala" são conclamados a lutar por um "ambiente puro e sadio".

(...) O negro precisa (...) de viver respirando o ar puro e ameno dos jardins, de uma atmosfera leve, e não o ar pesado e viciado dos porões. Precisa ainda, o que de mais útil e necessário é a todos os povos da era moderna, o conforto. Conforto familiar, conforto intelectual e espiritual. Eugenia! Eugenia para a grandeza da raça. Eugenia!

É preciso ressaltar as discrepâncias ideológicas para não se incorrer no risco de classificações equivocadas. Nem todo defensor da Eugenia no Brasil era racista. Muito do ideário pregado pelos sanitaristas contaram com a adesão de negros em todo o país, médicos ou não. Esta é apenas uma das particularidades locais, como poderemos ver no exame nas leituras das ideologias racistas trazidas ao país.

Embranquecimento – O racismo *made in* Brasil

Ao contrário do pregado pela maioria dos “cientistas raciais”, que associava o Racismo Científico ao Poligenismo (teoria em que a humanidade descende de espécies distintas e, portanto, não passíveis de cruzamento), o Brasil testemunhou o aparecimento de um discurso de mistura das raças como solução ao problema Negro. O Embranquecimento vislumbrava na miscigenação a transformação de “raças inferiores” em branca, a “raça superior”.

O movimento permitiria uma saída para o “dilema brasileiro” – uma sociedade composta em sua maioria por ex-escravos. Em seu ensaio “Branqueamento e Democracia Racial: Sobre as Entradas do Racismo no Brasil”, o antropólogo Andreas Hofbauer destaca que hoje é possível identificar com clareza que esse raciocínio servia, de fato, à justificativa política de trazer a imigração em massa para o Brasil. Em apenas 25 anos, de 1890 a 1914, o país recebeu 2,5 milhões de europeus, sendo pouco menos da metade (987 mil) financiados pelo Estado.

Um documento, publicado pela Diretoria Geral de Estatística e assinado por Oliveira Vianna avalia o resultado do censo de 1920 da seguinte maneira: [constata-se] “uma tendência que está se tornando mais visível e definida: (...) [a] progressiva arianização de nossos grupos regionais. Ou seja, o coeficiente da raça branca está se tornando cada vez maior em nossa população⁵⁷.”

De casamento em casamento, a população brasileira iria, enfim, encontrar a “redenção”. Este é, por sinal, o nome da tela do artista espanhol Modesto Brocos, que recebeu a medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes de 1895. "A Redenção de Cam" retrata, numa cena rural, uma mestiça que brinca com o filho branco, ladeada de uma senhora negra (a mãe?) e um branco (o marido?). O título do quadro faz referência direta à passagem bíblica de Cam, filho de Noé, castigado por ter olhado o pai nu e bêbado. Na verdade, o castigo divino é aplicado a seu filho Canã, amaldiçoado como "servo dos servos".

Sem avançar na discussão se Modesto Brocos era ou não racista, é preciso ressaltar o porquê esta obra tornou-se o ícone da política racial brasileira. Em julho de 1911, este quadro foi utilizado pelo médico e então diretor do Museu Nacional do Rio

⁵⁷ HOFBAUER, Andreas. Branqueamento e Democracia Racial: Sobre as Entradas do Racismo no Brasil. São Paulo: UNESP/Marília, pg.2.

de Janeiro, João Baptista de Lacerda, para a defesa da tese do "branqueamento" por meio da mestiçagem no I Congresso Universal de Raças, em Londres. Aos teóricos do racismo estrangeiros, Lacerda deu uma mensagem clara das expectativas brasileiras: "É lógico pensar que, na entrada do novo século, os mestiços terão desaparecido no Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós"⁵⁸.

Em seu estudo, Hofbauer ressalta que a ideia do branqueamento era ainda mais antiga e pode ser identificada nos documentos dos primeiros viajantes à Colônia. Expressões como "melhorar a cor" e "aprimorar o sangue" foram identificadas pelos estrangeiros como estratégias de ascensão social. O pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858), que viajou por todo o Brasil durante o período de 1822 a 1825, documentou que a maior ambição do negro liberto residia "na esperança de que seus descendentes possam um dia, através de uniões com raças menos escuras, integrar-se na população dos homens de cor e ter assim a possibilidade de obter empregos e dignidades".

Como aponta o antropólogo, tais comentários já sinalizavam a disseminação, inclusive entre os "não-brancos", do ideário de branqueamento. "Trata-se de um ideário historicamente construído (para alguns, uma "ideologia"; para outros, um "mito") que funde status social elevado com "cor branca" e/ou "raça branca" e projeta ainda a possibilidade, ou melhor, cria a ilusão de uma possível "metamorfose" da cor (raça)"⁵⁹.

Cor, raça, tom, subtom... O ideário da distinção e o mito da democracia racial

Em suas pesquisas sobre a origem e características do racismo no Brasil, Hofbauer recorda os primeiros tempos da colônia para falar de cor – e suas associações no país. Ele retoma o discurso dos jesuítas, ideólogos do projeto colonial, e o incentivo que os religiosos deram ao transporte de escravos africanos para o Novo Mundo. Estava em jogo, afirmavam, o resgate das almas daquela "gente enegrecida"⁶⁰, que – enfim – teriam a oportunidade de integrar a cristandade.

⁵⁸ LACERDA, João Bastista. Sur les Métis au Brésil. Paris, 1911. Documento original encontra-se disponível em <http://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/35/1/Surlesmetis%20cdr.pdf>.

⁵⁹ HOFBAUER, ibidem, p.5.

⁶⁰ Ibidem HOFBAUER, 3.

O antropólogo aproveita o momento para aprofundar a ligação feita neste período pelos religiosos entre a cor e o status daquele povo. Durante muito tempo, destaca, o termo negro foi utilizado para os pagãos (fossem húngaros, suecos ou indígenas). A construção em curso, mais do que uma associação com os povos do continente africano, era a posição ideológica.

Com o tempo, essa abordagem ganhará ainda nova vertente. Na colônia e no império brasileiro, negro seria o sinônimo da condição escrava e o branco, por consequência, da liberdade. Um alforriado, por exemplo, conquistava automaticamente o direito de não ser mais chamado de negro. O contrário, inclusive, poderia implicar em reações imprevisíveis.

Chamar uma pessoa livre de “negra” podia provocar reações violentas por parte do assim denominado, como mostrou Hebe Mattos (2005/2006), que analisou 65 processos jurídicos do século XIX nas províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. A historiadora atentou para o fato de que em nenhuma das atas pesquisadas aparece a categoria de “negro livre” (ou “preto livre”). Ou seja, o registro “branco” significava implicitamente ter “nascido livre”⁶¹.

A ideia da miscigenação ganhará ainda mais força na primeira metade do século XX, em especial nos anos 30. Neste momento, o mestiço é transformado num símbolo nacional. O discurso vai elogiar a pretensa convivência harmoniosa entre os grupos e gerar o mito da “democracia racial brasileira”. A cultura mestiça passa a ser identificada com a representação oficial da nação e as diferenças entre raças menosprezada diante do cruzamento racial. O escritor, sociólogo, antropólogo e historiador Gilberto Freyre passa, então, a ser o embaixador deste modelo⁶².

Com o Estado Novo, projetos oficiais são implementados no sentido de reconhecer na mestiçagem a verdadeira nacionalidade. A publicação de *Casa Grande e Senzala*, cuja primeira edição data de 1933, é um marco emblemática dessa ação. Outros intelectuais, ligados ao poder público, também aderem à causa, onde a mistura – muita das vezes é muito mais cultural que biológica.

Gestada e desenvolvida no período, a própria publicação da Frente Negra Brasileira (“A Voz da Raça”) reproduz em seu discurso esse ideário. Seus articulistas

⁶¹ Ibidem HOFBAUER, 5.

⁶² Para Gilberto Freyre, o racismo é um produto não brasileiro. Sua promoção estava relacionada a indivíduos influenciados por ‘hábitos cosmopolitas’ externos.

vão mencionar em diferentes momentos as boas relações existentes entre brancos e negros no país. No artigo intitulado "Marchando", assinado por Arlindo Veiga dos Santos e datado de 28/04/1934, é difícil identificar distinções. "Defender, pois, o Negro, defender o Mestiço, é defender a tradição do Brasil eterno, imortal. Mostram-se, em grande parte, suspeitos de alta traição os que não têm o sangue negro-luso-índio, tronco soberbo da raça".

Para o sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, durante as primeiras décadas do século XX vigorava no país um "pacto populista, que propiciava certa participação ativa das massas urbanas na vida econômica, política e social do país. E, no plano simbólico, a propagação da construção de uma nação mestiça, produtora de uma cultura sincrética, fazia com que os negros pudessem sentir-se, pela primeira vez, se não integrados, ao menos, contemplados no projeto da nação⁶³.

Hoje, há certo consenso entre os especialistas a respeito da ideia de que a democracia racial não é um fato. Se a "velha" democracia racial morreu, como explica Guimarães (2002, p. 168), ela continua viva enquanto "falsa ideologia", como vários antropólogos a caracterizaram recentemente, enquanto "chave de leitura" da vida brasileira, que ajudaria a entender a formação nacional. Uma vez que a democracia racial constitui um valor social para a maioria da população brasileira, avaliam cientistas como Da Matta (1997), Fry (1995/1996) e Schwarcz (1998), ela pode e deve ser entendida como um mito no sentido antropológico⁶⁴.

Educação e o Estado invisível

Diante de um Estado que o identificava como objeto, propriedade de terceiros, não é difícil compreender porque os negros brasileiros do início do século XX não identificavam a educação como um direito – e sim uma conquista. Apesar da legislação estabelecer com a Lei do Ventre Livre o acesso à escola às crianças negras; e, mais tarde, pós-abolição, estender este benefício a todas as faixas etárias, a maioria dos negros nascidos neste período só conheceram os bancos escolares na idade adulta.

A maioria, conforme o mencionado no capítulo anterior, foi incentivada por associações, que identificavam na educação uma possibilidade de ascensão social. Clóvis Moura, citado no artigo de Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz

⁶³ HOFBAUER, ibidem, p.14.

⁶⁴ Apud in HOFBAUER, p.21.

Gonçalves e Silva, credita a tendência da restrição à esfera privada ao desconhecimento da dimensão pública da educação. Para eles, essa era uma questão familiar - e não uma atribuição do Estado.

Não havia dúvida que a alfabetização era a via mais razoável para conquistar uma situação econômica estável e ter acesso às leis e suas interpretações. Só assim, a cidadania plena, decorrente do conhecimento dos próprios direitos, estaria validada. Esse era o discurso das agremiações e, por consequência, dos editoriais da Imprensa Negra da época. Os jornais, grandes disseminadores dessas ideias, tornaram-se o contraponto ao racismo vigente, o grande porta-voz da causa. As publicações, e seus respectivos grupos, bancavam tudo. Mobiliário, aluguel de salas, cadernos e lápis, sem contar com ajuda do Estado, na grande maioria das vezes.

Os testemunhos da época indicam que embora o Estado Novo tenha imposto políticas inclusivas e propusesse, ainda, a apresentação do mestiço como amálgama da nação, a exposição a décadas de discurso racista deixou marcas profundas. No artigo publicado em "A Voz da Raça", em junho de 1934, a mensagem é clara: mesmo em estabelecimentos oficiais de ensino, negros e brancos não são vistos como iguais e, portanto, não têm acesso aos mesmos direitos.

Ainda há grupos escolares que recebem negros porque é obrigatório, porém os professores menosprezam a dignidade da criança negra, deixando-os de lado para que não aprendam, e os pais pobres e desacomodados pelo pouco desenvolvimento dos filhos resolvem tirá-los da escola e entregar-lhes serviços pesados" (A Voz da Raça, 17/02/1934).

Um ano depois, na edição número 45, às vésperas das comemorações do 13 de maio, o artigo "Exemplo", de Jersen de Paula Barbosa define a desconfiança e revolta com as propostas oficiais de Educação para o Negro. Para o autor, nada além de cozinhar, lavar e capinar havia sido franqueado à raça, restando-lhe pouco além do que classificou como "civilização espontânea (em gestos, palavras e ações)". Suas perguntas resumem as principais dúvidas que assombravam o movimento:

Pode ser eficiente a educação recebida entre opressão do tolo preconceito? Quando existiu facilidade de instrução para o negro? Quando pôde o negro instruir-se ou praticar com espontaneidade? Não é humano saber-se o que não nos ensinaram. (A Voz da Raça, 11/05/1935).

O pacto silencioso, testemunhado nas escolas do início da Era Vargas, ainda assombra os negros do século XXI? Quantos pais desacreditam do modelo de educação depois de reprovações sucessivas? Seria possível determinar o número de menores afrodescendentes que ainda são tratados com preconceito por professores e coordenadores? As reflexões propostas decorrentes do mergulho nos jornais de época nos falam da atualidade do problema, mas também do pioneirismo das associações dos homens e mulheres de cor.

Fundamental refletir sobre a produção textual do período e descobrir, ao confrontá-los com os dilemas de hoje, o quanto líderes negros do início do século XX tinham ciência da necessidade da educação para modificar a realidade/comportamento. Na FNB, em especial, a “fórmula” envolvia a escolarização e a formação política, que auxiliasse no processo de resgate de autoestima dos negros brasileiros. Além da alfabetização, o curso oferecia aulas de história, educação moral e cívica e conhecimentos gerais⁶⁵.

Ainda sobre o papel do Estado na educação dos negros, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva atribuem a autonomia do movimento negro ao contato com os imigrantes europeus, que chegavam ao país com experiência política diversa. Em seu artigo, a dupla retoma as memórias do militante Correia Leite para registrar a admiração do modelo externo: “se os italianos podem promover-se, contando apenas com seus próprios esforços, sem precisar de favores do Estado, porque nós negros não podemos nos promover apoiados em nossos próprios recursos”⁶⁶.

Algumas reflexões sobre raça, ontem e hoje

Antes de avançarmos sobre a análise de “A Voz da Raça” e aprofundarmos naquele que foi um dos canais de afirmação e expressão dos negros brasileiros no início do século passado, coloca-se a proposição de mais um mergulho nos discursos

⁶⁵ Segundo Regina Pahim Pinto (Pinto, 1994, p. 241), a modalidade chamava-se Curso de Formação Social. Tinha a mesma estrutura de um curso ginasial, embora sem reconhecimento oficial. O modelo utilizado era o de conferências, proferidas em espaços de tempo não regulares. A criação de um departamento específico para a cuidado com o Curso de Formação Social aparece na página 2, da edição 45.

⁶⁶ Cuti & Correia Leite, 1992, apud in Regina Pahim.

que compunham o cenário em que o jornal e seus leitores estavam imersos: o complexo "caldo ideológico" da época, e que ainda permanece em parte presente em nossa sociedade.

Para isso, recorremos à obra de Achille Mbembe, pensador africano, nascido nos Camarões em 1957. Ph.D. em História pela Universidade de Sorbonne, em Paris, França, e professor em Duke, na Virgínia, Estados Unidos, e Witwaterand, em Joanesburgo, África do Sul, ele é conhecido como um dos mais importantes interlocutores atuais sobre história e política africanas.

Uma de suas obras, em especial, *Crítica da Razão Negra* (2014) é a fonte dessa reflexão. Neste texto, o autor refaz os passos da construção do pensamento racial europeu e suas máscaras. Entre os temas apresentados, alguns foram pinçados como origem e contraponto aos modelos raciais identificados no Brasil. A saber: raça, negro, racismo e África.

Em suas próprias palavras, a razão negra em questão designa o conjunto de discursos e práticas criadas, contadas e repetidas com o objetivo de colocar o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e de instrumentalização prática. "Trata-se da *consciência ocidental do Negro*⁶⁷". Passemos, então, a algumas reflexões pinçadas na obra de Mbembe.

Raça – Como outros teóricos dedicados à questão do Negro, o pensador começa desconstruindo o conceito como fato físico, antropológico ou genético. Ele chama atenção para sua natureza fictícia, cuja função foi – basicamente – desviar a atenção de questões mais verossímeis como a luta de classes ou a luta de sexos. Sua reflexão traz à tona ainda outras intenções subliminares, como a associação de um conceito oriundo da esfera animal às humanidades não europeias.

A raça, neste contexto, permite a representação do homem não europeu como um ser menor, "reflexo pobre do homem ideal", de quem estavam separados por um intervalo intransponível, uma diferença praticamente insuperável⁶⁸. Há que se observar ainda a dicotomia criada entre claro e o escuro, brancos e negros. Os primeiros seriam os únicos a possuir vontade e capacidade de construir um percurso histórico. Enquanto à raça negra, pertencia o instinto, as pulsões irracionais e a sensibilidade primária.

⁶⁷ MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014. p. 58. (2ª edição – 2017). Grifo do autor.

⁶⁸ Ibidem MBEMBE, p.38.

Mbembe avança sua análise do princípio da raça enquanto paradigma de dominação. Resgata o pensamento de Hannah Arendt⁶⁹, que identificou a criação deste conceito como "uma tentativa de explicação de seres humanos à margem da compreensão dos europeus", de um pensamento hegemônico que entendia o continente europeu como centro do mundo civilizado.

Crítica da Razão Negra apresenta, também, a contrapartida do conceito Raça, no que tange à identificação. Nos dois últimos séculos, indica, a palavra atua como um ponto de reconciliação destas abordagens político-culturais. Ela representa um "ponto de inflexão"⁷⁰ em que os movimentos negros apropriam-se dela e a afirmam como sinônimo de humanidade, com suas especificidades, tradições, costumes e história.

Em exaltação, a apropriação da "raça" pelo Negro opera como grito, expressão da vontade dos escravos e colonizados de união, do fim da resignação, "de auto recriação enquanto comunidade livre e soberana". Para Aquille Mbembe, tal invocação surge de um sentimento de perda, da ideia de refundação da comunidade ameaçada, cindida, e que busca sua continuidade para além do tempo, do espaço e da localização. "A comunidade racial é uma comunidade fundada na recordação de uma perda – a comunidade dos sem pais⁷¹".

Negro – Como recorda em seu ensaio, os primeiros africanos, vítimas de pilhagem e transformados em objetos de venda pública, peças, chegam a Portugal em 1444. Deste momento em diante, inicia-se o processo de construção de uma figura pré-humana. O corpo-objeto, a mercadoria, com dificuldade em romper a cadeia da necessidade biológica, razão pela qual não chega a moldar o seu mundo e a conceder a si mesmo uma forma verdadeiramente humana.

Mais tarde, no século XVIII, a implantação do modelo de exploração intensiva, transforma-se em "uma instituição econômica, disciplinar e penal", onde seus descendentes são comercializados. O modelo marca a retirada do acesso à cidadania, do direito de apelar a tribunais ou de se fazer ouvir. Sela, de vez, o perfil do Negro enquanto "não-pessoa", um aliado do ponto de vista jurídico, desprovido de voz e singularidade. O Novo Mundo associará à diáspora a perda legal de qualquer

⁶⁹ Filósofa política alemã, de origem judaica, Hannah Arendt dedicou parte de sua produção a reflexões sobre o racismo. Em "Origens do Totalitarismo" (1951), aborda o racismo como forma de manipulação.

⁷⁰ Aspas minhas.

⁷¹ Ibidem MBEMBE, p.69.

parentesco. "Ele é, de fato, um 'sem parentes'. (...) Nascimento e descendência não dão direito a qualquer relação de pertença social propriamente dita⁷²".

Como documentado no conceito Raça, o termo Negro também testemunhou uma profunda transformação no início do século XX. Mbembe atribui a mudança do discurso à Vanguarda Artística, que encontrou na África, como terra da diferença, novas referências estéticas e focos de atração como a catarse e o mágico-religioso presentes nos cultos animistas africanos. A arte, presente nas telas de Picasso, no jazz, desponta como uma "via de regresso às origens".

"Substantivo transformado em conceito, o 'Negro' torna-se o idioma pelo qual as pessoas de origem africana se anunciam ao mundo, se mostram ao mundo e se afirmam como mundo, recorrendo à sua força e ao seu próprio gênio. (...) De fato, o substantivo 'Negro' tem vindo a preencher três funções essenciais na modernidade – funções de atribuição, de interiorização e de subversão".

Racismo – Uma das reflexões propostas por *Crítica da Razão Negra* é a identificação da construção do racismo e seu padrão. Para Achille Mbembe, este ideário pode ser caracterizado pela criação de "um duplo, um equivalente, uma máscara, um simulacro". A essência do modelo consiste em retirar a autenticidade do rosto humano e cobri-lo, substituindo-o por uma fantasia, uma silhueta.

Para o racista, afirma o historiador, ver um negro é não o ver de fato, não reconhecer sua existência, "ele não é mais do que o ponto de fixação patológica de uma ausência de relação". Trata-se, portanto, de uma operação do imaginário, o lugar onde se encontram as regiões sombrias do inconsciente. A raça, declara, é um aquém do ser.

Mbembe também reflete sobre o papel do Estado neste aparato, seus objetivos e táticas. Sua atenção recai sobre o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), autor do conceito de biopoder, para investigar a aprovação de um modelo que envolve a morte em massa de milhares de pessoas. Foucault acreditava que a prática dos estados modernos e sua regulação, obrigatoriamente passaria por "uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações".

⁷² Ibidem MBEMBE, p.68.

O biopoder assumiria, então, duas formas: uma anátomo-política do corpo e uma biopolítica da população. A primeira responderia pelos dispositivos disciplinares encarregados do extrair do corpo humano sua força produtiva, mediante o controle do tempo e do espaço, no interior de instituições, como a escola, o hospital, a fábrica e a prisão. Já a biopolítica da população seria responsável pela regulação das massas.

Foucault dizia a este respeito, que qualquer moderno funcionamento do Estado, 'a determinado momento, a um certo limite e em certas condições, passaria pelo racismo. A raça, o racismo, explicava ele, 'é a condição de aceitabilidade da condenação à morte numa sociedade de normalização'. E conclui: "A função assassina do Estado só pode ser garantida funcionando o Estado no modo do biopoder, através do racismo"⁷³.

África – E que lugar ocuparia o continente-origem em toda esta trajetória? Para o autor, o território desempenha o papel de uma força que remete todos para o momento anterior, "antes do tempo", capaz de transformar e assimilar o passado. A terra corporificada por seu elemento original. "(...) se África tem um corpo e se ela é um corpo, um isto, é o Negro que o concede – pouco importa onde ele se encontra no mundo. E se Negro é uma alcunha, se ele é aquilo, é por causa de África. (...) Um confunde-se com o outro, e um pesa no outro com o seu peso contagiante, simultaneamente sombra e matéria"⁷⁴.

No Pan-africanismo⁷⁵, esta fusão torna-se ainda mais latente. Autenticidade racial e territorialidade vão fundir-se até o continente transformar-se no país dos Negros. Mais do que a origem e a história dos antepassados, a África passa a ser o referencial cívico de todos que se encontram na diáspora.

Como ressalta o autor, o Negro será, daqui em diante, não um qualquer que simplesmente participa da condição humana, mas (aquele que, nascido em África, vive em África e é de raça negra). A ideia de uma africanidade não negra é simplesmente impensável. Localização, idioma, adesão - voluntária ou não ao ideário - tornam-se irrelevantes.

⁷³ Ibidem MBEMBE, p.67.

⁷⁴ Ibidem MBEMBE, p.75.

⁷⁵ Movimento político, filosófico e social que promove a defesa dos direitos do povo africano e de unidade ao continente africano no âmbito de um Estado único, soberano, para todos os africanos, tanto na África quanto na diáspora.

África só existe a partir de um registro da colônia e suas bibliotecas. E até mesmo no discurso que pretende refutá-la, a ponto de, "em matéria de identidade, tradição ou autenticidade, ser impossível, ou pelo menos difícil, distinguir o original da sua cópia e, até, do seu simulacro. (...) Assim, a identidade negra só pode ser problematizada enquanto identidade em devir⁷⁶".

⁷⁶ Ibidem MBEMBE, p.166.

Iconografia: Das “semelhanças” e “desigualdades”

Entre as imagens que se transformaram em ícones do período de desenvolvimento e consolidação do Racismo Científico estão os “marcadores científicos” das diferenças. Crânios de conformação e tamanho diferentes; o registro de lábios e narizes que apontavam estágios “diferentes” de desenvolvimento físico e intelectual. Hoje formam um valioso documento da utilização da Ciência para a justificação do degredo, humilhação e condenação a condições de vida inferiores à dos brancos.

Ilustração I – Craniologia, o tamanho do crânio e a inteligência humana

Através de aferições do formato do crânio, pretendia-se oferecer evidências de que os negros tinham cérebros menores que os brancos. O discurso era direto: negros não podiam aprender, nunca seriam capazes de votar de maneira inteligente, contribuir para a economia de mercado ou mesmo ler a Bíblia.

Figura 9 - Desenho / Brancos, negros e orangotangos

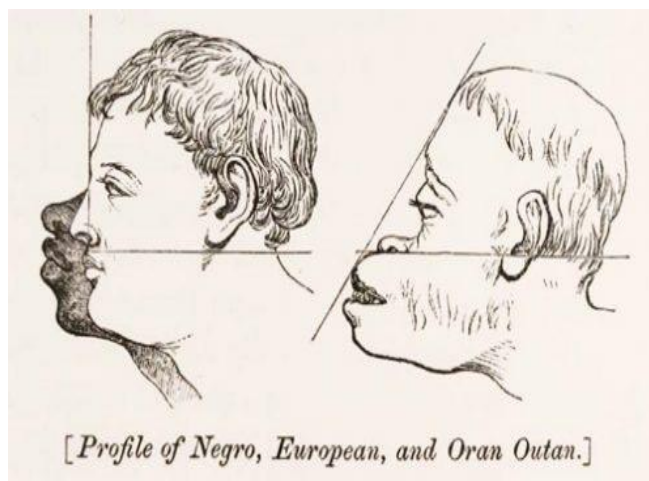


Ilustração do livro Types of Mankind, de S. G. Morton

“A sujeição permanente a um jugo estrangeiro é o resultado de um desenvolvimento agregado inferior de cérebro”. Samuel G. Morton - em Crania Americana, 1831

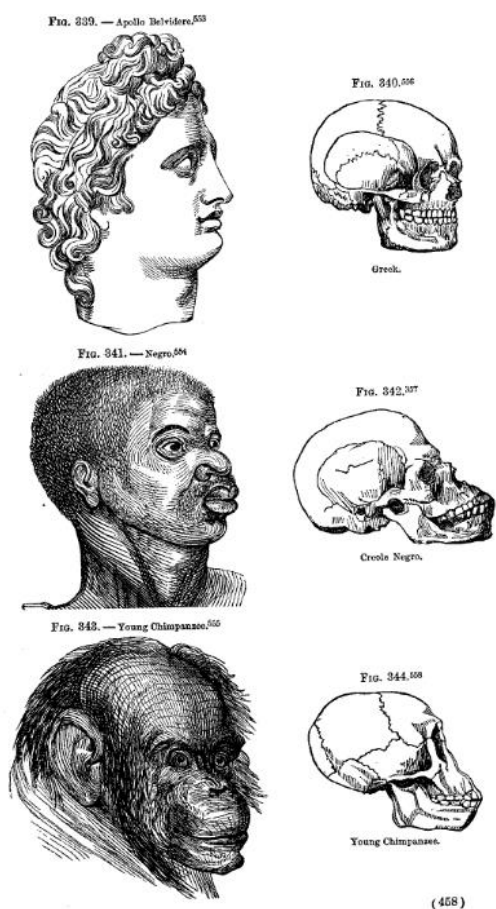
No desenho de Morton, a similaridade entre um africano e um orangotango. Para ele, os lábios grossos, os músculos grandes e cheios de rir são um sinal de um QI baixo. O ângulo facial do africano está em 70 graus, o do europeu 80. O do orangotango é de 58. Morton afirmava ainda: “todos os animais abaixo de 70”. De

acordo com sua “geometria”, os africanos estavam no mínimo para não serem considerados brutos.

Ilustração II – Padrões de beleza, de Apolo ao chimpanzé

No século XIX, Adão e Eva deixam de ser o paradigma da criação. Alguns naturalistas defendem a origem separada das espécies, ou Poligenismo. Na ilustração abaixo, "gregos" e "negros" são fisicamente diferentes uns dos outros, como os chimpanzés. A cabeça "grega" não é baseada em um crânio humano, mas em uma antiga estátua que estudiosos europeus do século XIX consideravam o padrão da beleza humana. O negro, longe do padrão apolíneo, surge, então como um “intermediário” entre o homem e o macaco.

Figura 10 - Desenho / Brancos, negros e chimpanzés



“Olhe para o negro, tão bem conhecido por você, e diga, preciso descrevê-lo? (...) É a anatomia de sua estrutura, de seus músculos ou órgãos como os nossos? Ele anda como nós, pensa como nós, age como nós? Não no mínimo. (...) Ele não é mais um homem branco do que um burro é um cavalo ou uma zebra” - Robert Knox, em “As raças dos homens: uma investigação filosófica sobre a influência da raça sobre os destinos das nações”, 1862

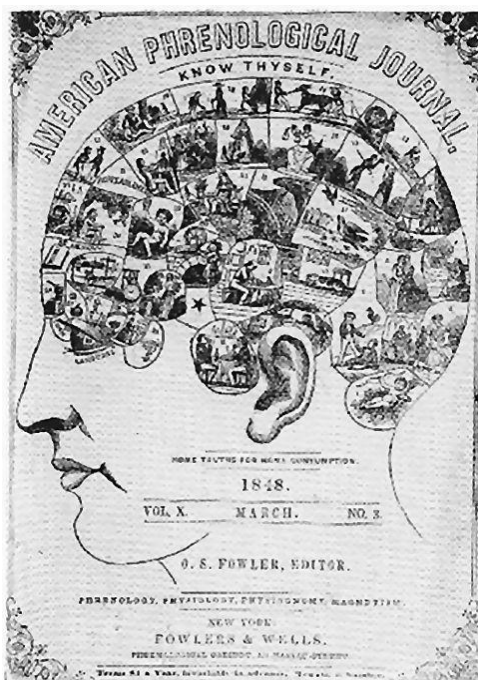
Ilustração do livro Types of Mankind, de S. G. Morton

Segundo a descrição do frontispício do livro onde foi publicada “Tipos de Raças” (1854), de J.C. Nott e Geo. R. Gliddon, tratava-se de uma pesquisa etnológica baseada em monumentos antigos, pinturas, esculturas e crânios humanos e sua natureza geográfica, filológica e história bíblica. O texto era ilustrado por seleções feitas em artigos inéditos de Samuel George Morton.

Ilustração III – Frenologia, o “segredo” está na cabeça

Para os adeptos da Frenologia, ciência por Franz Joseph Gall (1758-1828) e seu discípulo Johann Gaspar Spurzheim (1776-1832), era possível identificar a personalidade e até mesmo o grau de criminalidade de um indivíduo através do formato de sua cabeça. Para eles, havia uma relação entre as regiões anatômicas do crânio e as funções do cérebro responsáveis por virtudes e falhas do caráter⁷⁷.

Figura 11 - Desenho / American Phrenological Journal



Reprodução da Capa do American Phrenological Journal

⁷⁷ Ao lado da ilustração, a descrição de Balzac para o barão Henrique Montejanos, único personagem brasileiro de “A Comédia Humana”. O mestiço chamado de “barão moreno”, “belo jaguar fugido das matas virgens do Brasil” e “selvagem”, é um poderoso exemplo da repercussão das ideias racialistas da época. Segundo artigo de Cristian Cláudio Quinteiro Macedo, *A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris*, alguns folhetins de Balzac foram publicados em “Revue des Deux Mondes”, a mesma revista que trouxe “Le Brésil em 1844”, um texto que afirmava ser o país habitado por membros da “raça portuguesa degenerada”. Para autor do texto, “o fenômeno mais marcante da população brasileira são as invasões da raça mulata que, no Brasil, aumenta a cada ano”. (...) A causa seria “a corrupção dos europeus” somada a “imoralidade de todas as classes”.

Imagem IV – Eugenia e suas “raízes científicas”

Ao todo, foram realizados três congressos internacionais de Eugenia, com convocação de estudiosos em todo o mundo. O primeiro aconteceu em Londres, em julho de 1912. O segundo e o terceiro em Nova Iorque, respectivamente em 1921 e 1932, no Museu de História Natural. A ilustração do Segundo Congresso diz muito do pensamento dos idealizadores do movimento. “A Eugenia é o auto direcionamento da evolução humana”, afirma o cartaz, onde a frondosa árvore eugênica exibe suas raízes científicas. A saber: Genética, Antropologia, Estatística, Biografia, Genealogia, Sociologia, Medicina, e outras 19 áreas de estudo.

Figura 12 - Desenho / “As raízes da Evolução Humana”

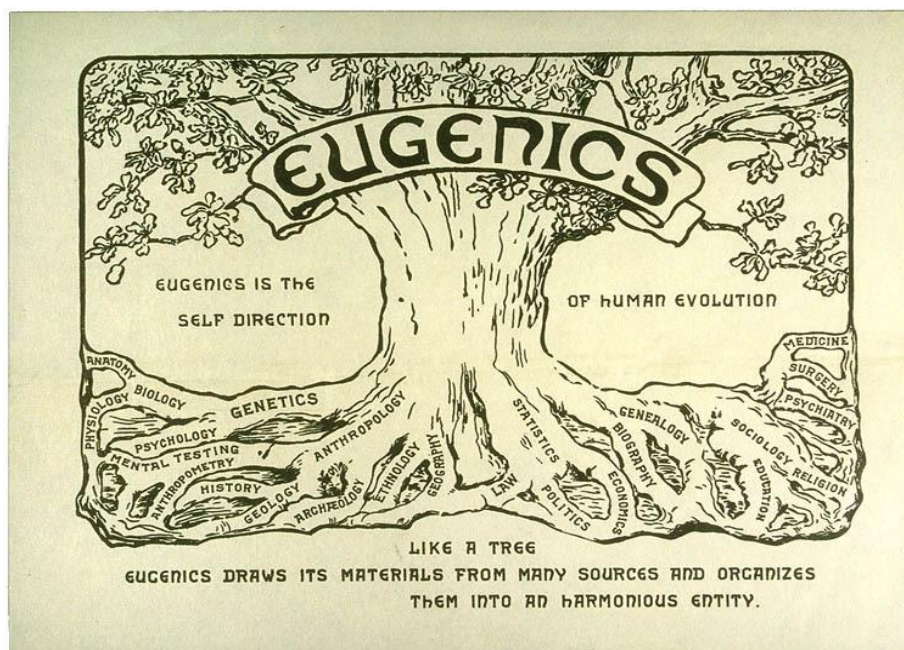


Ilustração do Segundo Congresso de Eugenia

“(...) As aptidões naturais de um homem são derivadas por hereditariedade (...) assim como é fácil obter por meio de cuidadosa seleção uma raça de cães ou cavalos dotada de capacidade peculiar para correr ou qualquer outra capacidade específica, seria também perfeitamente possível reproduzir uma raça de homens altamente dotada promovendo casamentos criteriosos ao longo de várias gerações consecutivas”, Francis Galton em Hereditary Genius, 1869.

Imagem V – Os graus de inteligência revelados no formato da cabeça

Ciência na Era Vitoriana. Na gravura de 1886, mais um exemplo da Frenologia. Na legenda do quadro, a legenda sinaliza "graus de inteligência", uma espécie de evolução do negro ao homem branco. Para esta teoria científica, era possível a identificação da personalidade e até mesmo o grau de criminalidade pela forma da cabeça.

Figura 13 - Desenho / Os "graus" da Inteligência Humana

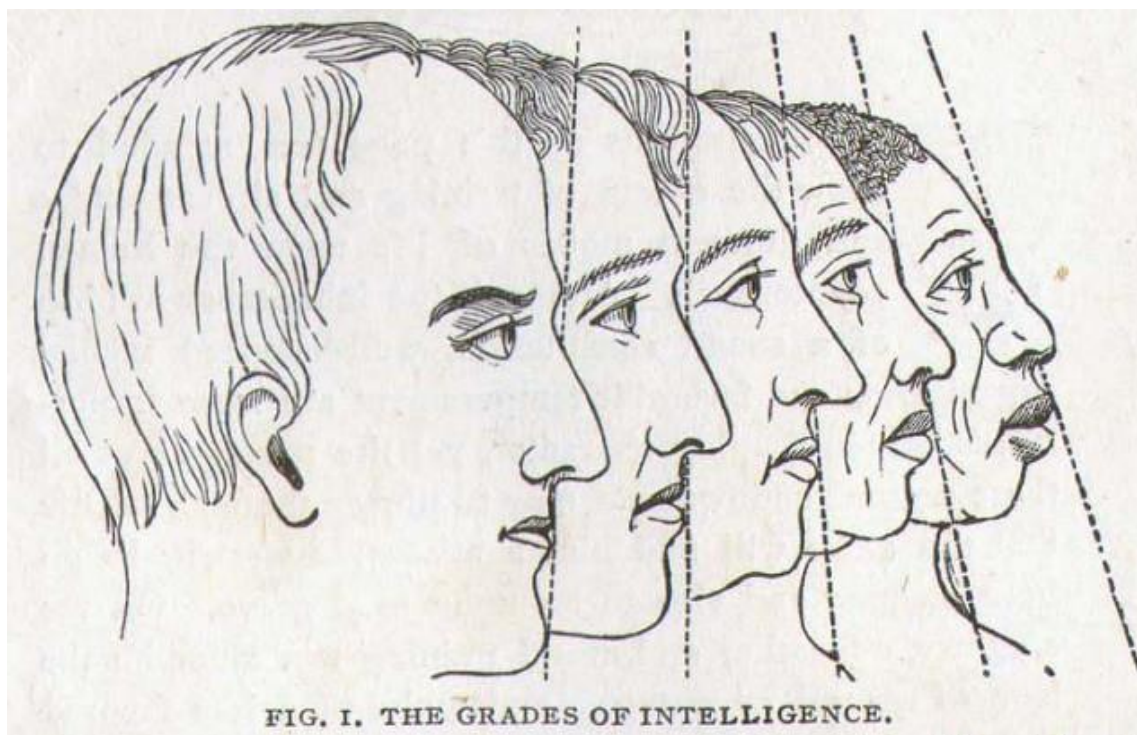


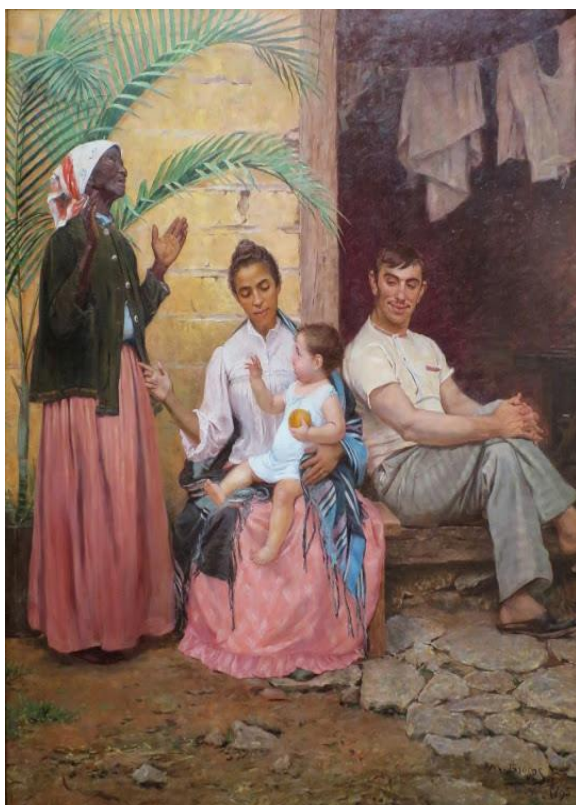
Ilustração do livro *Types of Mankind*, de S. G. Morton

*"À disposição, o negro é alegre, flexível e indolente; enquanto as muitas nações que compõem esta raça apresentam uma diversidade singular de caráter intelectual, da qual o mais extremo é o grau mais baixo da humanidade. (...) Como a maioria das outras nações bárbaras, suas instituições não raramente são caracterizadas por superstição e crueldade. (...) Os negros têm pouca invenção, mas fortes poderes de imitação, de modo que adquirem prontamente artes mecânicas", Samuel G. Morton - em *Crania Americana*, 1831.*

Imagem VI – A Redenção de Modesto Brocos

Medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes de 1895, a tela de Modesto Brocos⁷⁸ é considerada chave para o entendimento da arte na virada dos séculos XIX para o XX. Nela são observados o desejo de uma escola de pintura vinculada a questões nacionais, sem romper, no entanto, com modelos já arraigados na academia. Cenário não tão diverso podia ser encontrado nos meios científicos, que buscava um discurso diferenciado para o país. A miscigenação, não mais negada, no modelo pós-escravidão em massa, levaria o Brasil ao branqueamento.

Figura 14 - Quadro / Embranquecimento em tela



“ (...) no Brasil já se viram filhos de métis (mestiços) apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres da raça branca [...] Em virtude desse processo de redução étnica, é lógico esperar que no curso de mais um século os métis tenham desaparecido do Brasil. Isso coincidirá com a extinção paralela da raça negra em nosso meio”.

Discurso de João Batista Lacerda no I Congresso Universal de Raças, Londres.

Brocos, M. Reprodução da tela “Redenção de Cam”. Acervo Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)

⁷⁸ O espanhol Modesto Brocos y Gomez (1852-1936) teve uma trajetória irrequieta e singular. Morou em Buenos Aires, Paris e Roma, antes de se estabelecer em definitivo no Rio de Janeiro. Aluno de Vitor Meireles e Zeferino da Costa na Academia Imperial de Belas Artes, em 1875, tornou-se professor da instituição anos mais tarde (1891). Criticado pela autoria de uma tela que se tornou ícone da solução racial pelo Embranquecimento, Brocos representa para muitos o oposto: um crítico social atento, que abusa da ironia a reportar uma sociedade onde brancos desejavam se livrar do passado escravo e negros sonhavam com um futuro branco, sinônimo de ascensão social.

A iconografia do Racialismo Científico é marcada pela contraposição de dois grupos. De um lado, o ideal grego de beleza, onde o equilíbrio e métricas das formas seguem um rigoroso código. No lado oposto, as representações do homem negro são associadas aos animais, especialmente aos símios. Caberia ao escravo ser o elemento em transição, a meio caminho entre o humano e o animal. Chimpanzés, orangotangos, eles denotavam um determinismo da forma, no cérebro menor e nos traços embrutecidos.

Neste contexto, a obra de Modesto Brocos, "Redenção de Cam", ocupa um lugar de destaque ao personificar a Teoria do Branqueamento. Na filha(?) de negra, casada (?) com branco e com um filho (?) branco nos braços estava representada a esperança do adeus ao passado escravocrata. Premiada na Academia e transformada em ícone da política racial brasileira, o quadro documenta o desejo oficial de "melhorar a cor", "aprimorar o sangue".

*“Olha nosso povo aí
Conjugando no presente o verbo resistir
Nossos corpos densos resistindo à opressão
Nossos nervos tensos suportando a humilhação
(...)*

*Palmares, balaíos, malês, alfaiates
Fugas, guerrilhas, combates
Mão na cara, dedo em riste
Teatros, fundos de quintal, candomblés,
Blocos, jongos, afoxés
Assim também se resiste
Negritude resplandecente
Consciente a se reconstruir
O nosso nome é resistência
Olha o nosso povo aí identidade”.*

Zé Luis, Sereno e Nei Lopes, “Nosso nome, resistência” / 1987

Capítulo 3 – A Voz
Branco papel, signos negros
Em busca da presença africana

Como abordado em artigo publicado na revista “Convenit Internacional”, a voz, traz em sua raiz etimológica⁷⁹, manifestação, expressão dita, que se fala, que se ouve. Em grito, ou palavra, ela expressa ideia, sentimento. Onde há voz, há o que se verbaliza, concretude do pensamento, algo que antes pertencia ao mundo das ideias. Diante desta reflexão, inúmeras possibilidades de estudo surgem ao analisarmos os artigos publicados em “A Voz da Raça”, jornal da Frente Negra Brasileira, impresso entre os anos de 1933 a 1937. Nesta dissertação, propomos, porém, rastrear nossa investigação ao campo da Linguagem.

Nessa proposta, pretendemos avaliar ditos e não ditos. E através dos temas levantados, buscar traços da permanência d’África, elos de ligação com o continente-mãe, resquícios das culturas origem pré-diáspora. Para isso, vamos concentrar a análise na temática dos artigos publicados, sua incidência e abordagem, bem como o silêncio sobre assuntos hoje compreendidos como símbolos da Africanidade, manifestos na cultura de países como o Brasil, que receberam milhões de africanos durante séculos de exploração comercial de homens.

Em cinco anos de existência, o jornal da FNB enfrentou os mesmos problemas que os órgãos da imprensa negra da época. A falta de financiadores e de recursos do movimento proporcionou a publicação de apenas 67 exemplares, distribuídos de maneira pouco uniforme: 28 edições, em 1933; 14 em 1934; 5 em 1935; 10 em 1936 e, finalmente, mais 10 em 1937 – ano de encerramento das atividades. Nos três primeiros anos, a publicação circulou aos sábados, sempre com quatro páginas. Já nos dois últimos tornou-se quinzenal, depois mensal.

É possível identificar em todos os exemplares um padrão. A primeira página destinada a editoriais, assinados pelos homens-chave da organização, como Arlindo Veiga dos Santos, o irmão Altino e outros convidados alinhados com as ideias defendidas pela presidência da FNB. A segunda, dedicada a comunicados internos,

⁷⁹ “A palavra voz vem do latim vox, vocis (voz, som da voz, som, acento, às vezes, grito, e também palavra, vocábulo). Vem, como de habitual, do seu acusativo voce (m) e observe-se que nossa língua conserva todos os sentidos que teve no latim. Dela derivam também vocal, vocalismo e vociferar (produzir gritos). A palavra é formada com a mesma raiz do verbo vocare (chamar), de onde vocábulo, vocabulário, vocativo, convocar, provocar, revogar, advogar e advogado. Se vincula a uma raiz indoeuropeia wek (falar)”. Tradução do verbete “voz” do Diccionario Etimológico, página chilena, visitada em 02/03/2018 - <http://etimologias.dechile.net/>. Em artigo publicado pela autora da dissertação em Convenit Internacional, número 25 (set-dez 2017), Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto.

que poderiam ir do Balanço Geral, com detalhamento e abertura das contas da instituição, até a publicação dos nomes de delegados que “recolhiam” donativos e não os repassavam à instituição. A página três, em geral, costumava ser dedicada às notas sociais, publicação de poemas, crônicas, aniversários e falecimentos. E a contracapa, a mais artigos e notas esparsas.

Os anúncios, sem diagramação padrão ou área específica, eram encontrados em todas as páginas. A maioria oferecia serviços da instituição, como a caixa beneficente, aulas de música, ou convidava à participação em campanhas institucionais de recrutamento de novos sócios, apoiadores ou integrantes da Milícia Negra⁸⁰. Os restantes divulgavam serviços de pequenos comerciantes (militantes?), oferecendo um retrato do pequeno comércio da comunidade negra no início do século passado. São cabeleireiras, costureiras, pintores, enfermeiros, contadores e professores particulares, que eventualmente utilizavam o espaço físico da própria Frente para desempenhar suas funções.

Rosângela Ferreira de Souza, em sua tese de doutorado em Educação, "Pelas Páginas dos Jornais: Recortes Identitários e Escolarização do Social do Negro em São Paulo (1920-1940)", elaborou o rastreamento dos principais temas abordados por "A Voz da Raça" em seus cinco anos de existência⁸¹. Com o objetivo de entender o percentual de ocupação desses assuntos na pauta da organização, planilhamos os dados e optamos pela montagem de uma tabela que nos ajudasse a compreender o quadro. A leitura dos dados apurados é instigante.

Dos 43 temas identificados pela pesquisadora, somente seis se repetem em pelo menos quatro anos de publicação do jornal⁸²: 1 - Raça Negra; 2 - Abolição da Escravidão / 13 de Maio; 3 - Instrução / Educação; 4 - Figuras Históricas; 5 -

⁸⁰ Milícia Frentenegrina – Anúncio registrado em “A Voz da Raça”, edição publicada em 29/04/1933) – “Todo negro válido deve pertencer à falange cívico-militar dos negros - Na ânsia da vida integral, da vida total, está FNB empenhada em aumentar sempre mais a sua militância, para que, além dos demais trabalhos que temos de educação dos patricios, haja esse complemento indispensável à vida moderna das nações.

Dotado que é, naturalmente, do espírito militar, não pode o Negro ficar indiferente à iniciativa frentenegrina de educar a nossa Gente para os percalços da vida nacional, porque a força do inimigo da Pátria que um dia poderá surpreender devemos opor a nossa força disciplinada e coesa.

Todos, pois, à Milícia Frentenegrina!

Inscrever-se com o encarregado, sr. Pedro Paulo Barbosa”.

⁸¹ Tese defendida na Universidade de São Paulo (USP), em 2013, p.182.

⁸² O tema poesia foi retirado da amostragem por apresentar abordagens diversas e demandar, sozinho, análise mais detalhada. Segundo a pesquisadora, durante cinco anos de existência, foram publicados 37 poemas: 23 no primeiro ano; 10 no segundo, 3 no terceiro e somente um no quarto. Nenhuma poesia foi publicada em 1937.

Associativismo Negro e 6 - Preconceito. Cada um revela, a seu modo, a pauta dominante na instituição, bem como os anseios do negro da época.

Temas	Tema/Inserção Ano					Total
	1933	1934	1935	1936	1937	
Raça Negra	14	6	5	1		26
Abolição da Escravidão / 13 de Maio	9	1	5	1		16
Instrução / Educação	8	4	2	2		16
Figuras Históricas		3	2	2	5	12
Associativismo Negro	3		1	1	5	10
Preconceito	1	2	1	1		5

Tópico 1 - Raça Negra

Antes de avaliarmos a presença do conceito raça, e suas relações com a matriz africana, é importante resgatar parte do conteúdo apresentado nos capítulos anteriores. No início dos anos 30, o Brasil já experienciava um modelo de racismo diferenciado, focado na mistura e com vistas ao embranquecimento. A publicação, como órgão que buscava dar voz a essa massa de ex-escravos e seus descendentes, trabalhou os artigos em um tripé: o resgate do papel do negro na construção da nação; a denúncia de sua espoliação e a luta pela conquista de direitos como cidadão.

O discurso passa com frequência da ode à elegia, de uma valorização exacerbada das “raízes heroicas de um povo lutador” à preocupação com o difícil quadro social dos negros, que enfrentavam percalços para se enquadrar no sistema econômico. A pena oscila entre a descrição daquele negro, outrora força motriz do reino, ainda que escravo, à denúncia de um quadro social difícil, onde o imigrante estrangeiro era muitas vezes objeto de preconceito: o inimigo a ser combatido.

Ao longo desse percurso, a África é raramente mencionada. Ainda que identificada como “antigo e lendário continente, cuja natureza encerra mistérios tão profundos, que as sabedorias mais argutas ainda não conseguiram penetrar”, não é apontada como modelo para a raça negra. O paradigma é o próprio Brasil. "(...) Estamos certos de que a inteligente raça negra triunfará facilmente no terreno intelectual. O negro, como ninguém, necessita preparar-se. O Brasil é grande e o

negro deve ser tão grande quanto o Brasil; e por que não se foi o negro que o fez grande, sacrificando tudo, até a vida?”⁸³

As menções à raça negra no jornal reúnem as discussões do movimento negro: dissensões, disputas, ideologias contrárias e a real dificuldade dos ativistas em mobilizar os “irmãos” de diferentes correntes. Neles também foram documentados os episódios de xenofobia decorrentes da entrada maciça de estrangeiros no país. Se por um lado, negros e índios são legitimados como responsáveis pela construção de Nação, aos estrangeiros ocorre o contrário.

“Infelizmente, a lei tem facultado o seu ingresso em nossos portos e até nos destinos sagrados da nossa Pátria”. (...) Miseráveis e criminosos são os negros que se levantam contra as cinzas dos seus avós; patifes que desejam estar debaixo do relho, não enxergam que estrangeiros pretendem extinguir a raça negra. E ao som de copos nas baiucas, e do estontear dos batuques os negros somem, para gáudio dos nossos inimigos. (...) Devemos ter nossas diversões, os nossos bailes; não devemos permitir que brancos safados abram salões nesta capital, visando unicamente jogar nossas irmãs na lama e a raça na imoralidade. Devemos dizer a tais exploradores: Os negros pretendem evoluir, formar as suas associações para desenvolvimento dos seus elementos.⁸⁴

O exame das edições do periódico revela que o tom agressivo dirigido aos estrangeiros não era uma constante. Ele é encontrado ocasionalmente (em especial, no primeiro ano de existência), mas não domina a pauta de “A Voz da Raça”. Parte das críticas atribuídas aos estrangeiros estava ligada às ideologias trazidas com eles. Para os irmãos Veiga dos Santos, católicos tradicionalistas, escolas de pensamento trazidas da Europa, como o Comunismo e o Anarquismo, representavam uma ameaça, bem como seus defensores.

A carta elaborada pelo Professor Magalhães Salgado, publicada na edição 22, no qual foi comemorado o segundo aniversário da FNB (30/09/33), é um raro exemplo de associação intencional entre a raça negra e o continente africano. Ela foi redigida em Blida, cidade da Argélia, Norte da África, durante uma viagem de estudo. E teve - desde o início - o objetivo de relembrar as origens. Em sua narrativa, o autor dirige-se aos irmãos negros de São Paulo, menciona as visitas a pontos turísticos e justifica a

⁸³ O texto de João B. Mariano, publicado ainda edição no. 13, no primeiro ano de “A Voz da Raça”, documenta a crença na educação como fator de transformação. O texto menciona *ipsis litteris* “A vitória do negro está no livro”.

⁸⁴ Artigo de Aristides Assis Negreiros, *Aos Negros de Verdade*, publicado em 17/03/1934, no aniversário de um ano do jornal. Este número contou com o dobro de páginas das edições normais (oito).

aventura. “Após a minha ida à Inglaterra, fui à África, para conhecer a terra dos meus avós, a qual me seduzia em pensamento, e que acabo de realizar. Não sei quanto tempo aqui ficarei, mas faço o possível para bem aproveitá-lo. Os meus amigos nem sabem o sentido que contém estas afirmações e espero, portanto, que se digne divulgá-las em nosso órgão de raça”.

Igualmente raro é o artigo de Silvério de Lima, publicado um ano mais tarde, na edição 41, de 11/08/1934, que noticiava a criação de um museu de arte africana de Talveuren, no então Congo Belga. O autor da matéria cita o desconhecimento sobre o continente, “tantas vezes limitado às pirâmides, desertos, fauna e flora”, com pouca ou quase nenhuma menção à produção artística local. O episódio é ainda mais triste face ao sucesso que a arte africana havia conquistado entre os artistas modernos europeus da primeira metade do século XX. Enquanto Picasso e Brancusi anunciavam ao mundo a descoberta da arte africana, as máscaras, mobiliário e panôs de Yorubás, Gueledés, Senufos, Bacotas, permaneciam um mistério para a maioria dos brasileiros.

Tópico 2 - Abolição da Escravidão / 13 de Maio

A Abolição da Escravatura era uma das datas celebradas pelos membros da FNB. Todos os anos era organizada uma série de eventos, que envolvia de ocasiões solenes, como uma missa e a visita aos túmulos de negros que marcaram a história do movimento, até manifestações públicas, apresentação de peças teatrais e bailes, que reuniam as lideranças negras de todos os pontos do Estado. A celebração do fim da escravatura não representava, no entanto, a ausência de uma postura crítica dos militantes em relação à distância existente entre o discurso e a prática do Estado.

Em seu editorial sobre o dia da Libertação dos Escravos, no primeiro ano de fundação do jornal "A Voz da Raça", Isaltino Veiga dos Santos, apresentado aos leitores como "Ghandi Brasileiro", questiona a liberdade conquistada. "(...) que liberdade, e que abolição... Uma liberdade mentirosa, esfacelada e vergonhosa; uma tapeação". O articulista ressalta também que o fim da escravidão é uma conquista negra. Para Isaltino, os companheiros deviam agradecer a abolição aos antepassados. O mais, afirma, é conversa. Para ele, o negro precisava enfrentar os próprios fantasmas que rondavam sua autoestima e dar voz e cara ao racismo diário.

Ao longo dos cinco anos de existência, a data representou para os criadores de "A Voz da Raça" uma ocasião de reflexão sobre a compra e venda autorizada de

milhões de pessoas, as milhares de mortes decorrentes do processo, mas não necessariamente uma oportunidade de refletir ou recordar as ligações com o continente africano. O termo "africano", aliás, é utilizado na publicação como herança - o sangue africano; força - o braço africano e local de origem - habitat africano⁸⁵. “A volta” ao continente-origem, física ou emocional, não era, naquele momento, um ponto de afirmação da raça.

Tópico 3 - Figuras Históricas

Em seu objetivo de promover a educação do negro, a Frente Negra Brasileira recorreu muitas vezes aos identificados como “heróis da raça”. Na lista de personalidades negras estavam vários escritores, políticos, médicos, jornalistas... Cinco nomes repetem-se com frequência em “A Voz da Raça”: Zumbi (1655-1695), Henrique Dias (? – 1662), José do Patrocínio (1854-1905), Cruz e Sousa (1861-1898) e Luís Gama (1830-1882). Eles são a referências de coragem e inteligência, os ícones do movimento.

Outra particularidade é a tendência da publicação a apresentá-los juntos ou batizar os “herdeiros da luta” com seus nomes. Aos “henriques”, os “patrocínios”, caberia a liderança dos negros brasileiros em sua jornada por cidadania. Dois textos, em especial, exemplificam como esses homens eram apresentados aos leitores e o papel que eles desempenhavam na construção da imagem do afrodescendente ideal, educado e corajoso, preparado para a guerra.

O Negro tem como espelho e exemplo frisante da sua bravura indômita, os gigantes Henrique Dias, Zumbi, Catarina Caramuru, e outros, e na intelectualidade, além de outros, está aí patente os varões que se chamaram: Patrocínio, Gama e Cruz e Sousa, que bem sintetizam e demonstram a capacidade intelectual de sua raça (Edição 9/1933, p.1).

Escrevo hoje um jornal da raça que festeja o seu primeiro aniversário, escrevo para "A Voz da Raça", que tendo apenas um ano de existência constitui, pelo seu trabalho de evangelização e patriotismo sadio, a demonstração cabal e completa do saber querer, aquele de que Luiz Gonzaga Pinto da Gama deu exemplo, e assim, deixa de ser a criança tateante para, figurando em primeiro plano dado o vulto dos serviços à raça dos Montesuma, Henrique Dias, Cruz e Sousa, Rebouças, Patrocínio e Juliano Moreira (...) (Edição 33/1934, p.4).

⁸⁵ Entre os exemplos encontrados: ‘sangue africano’, ver as edições 10 (1933), 41 e 42 (1934) e 49 (1935); ‘braço africano’, número 10 (1933) e 41 (1934) e ‘habitat africano’, ler 33 (1934).

No primeiro texto estão Henrique Dias, filho de escravos que se tornou herói nacional no combate às invasões holandesas; Zumbi, escravo fugido que liderou o quilombo de Palmares; José do Patrocínio, farmacêutico, jornalista, escritor, orador e figura-chave na luta pela Abolição; Luís Gama, jornalista e advogado, considerado patrono da libertação dos escravos; e Cruz e Sousa, jovem escritor, um dos principais nomes do Simbolismo no Brasil. A curiosidade fica na citação da índia Catarina do Brasil (1495-1583), esposa de Diogo Caramuru, uma "mãe simbólica da nação brasileira.

Além de Henrique Dias, Luís Gama e Patrocínio, o texto comemorativo pelo primeiro aniversário de "A Voz da Raça" elenca outros nomes exemplares. O primeiro é do engenheiro André Rebouças (1838-1898), que terminou sendo exilado pelos republicanos devido à sua aberta adesão à família imperial brasileira. Ao seu lado, aparece Juliano Moreira (1872-1933), médico baiano, um precursor da psiquiatria no Brasil, diretor da Academia Brasileira de Ciências entre 1917 e 1929.

O olhar atento dos membros da FNB permitiu ainda a apresentação de novos nomes: homens e mulheres negros, que por sua trajetória e entregas despontavam no início do século passado como novas lideranças. Esse é o caso de Marian Anderson, contralto norte-americana e primeira negra a ser reconhecida como estrela da ópera nos Estados Unidos. Em uma rápida turnê pelo Brasil⁸⁶, a diva visitou as instalações fretenegrinas e conversou com seu fundador Arlindo Veiga dos Santos. Pouco depois de um ano de sua passagem pelo Brasil, a cantora entrou para a história da luta pelos direitos dos negros ao ter sua performance proibida no Constitution Hall⁸⁷. Na época, a primeira dama Eleanor Roosevelt protestou contra a proibição chamando-a para uma apresentação histórica no Lincoln Memorial⁸⁸.

⁸⁶ A turnê pelo Brasil e a visita de Marion Anderson à sede da Frente Negra Brasileira foram registradas nas edições de junho (#66) e julho (#67) de 1937.

⁸⁷ O Constitution Hall é uma sala de concertos, localizada próximo à Casa Branca, construída pelo DAR - Daughters of American Revolution - uma organização de serviço constituída por mulheres descendentes de pessoas envolvidas na independência dos Estados Unidos. Em 1932, o local adotou uma regra que excluía músicos afro-americanos.

⁸⁸ Realizada no dia 9 de abril de 1939, a apresentação de Marian Anderson reuniu milhares de pessoas. Esse momento histórico está imortalizado em <https://www.youtube.com/watch?v=mAONYTmf2pk>.

Tópico 4 - Associativismo Negro

Ao longo de seis anos de existência (1931-1937), a FNB espalhou-se por todo país, abrindo escritórios em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, além de inspirar criações de entidades homônimas em Pelotas (Rio Grande do Sul), Salvador e Recife⁸⁹. O interior do Estado de São Paulo registrou um grande número de delegações da instituição. "A Voz da Raça" documentava regularmente a rotina das sucursais, notas sociais, trocas de diretoria, campeonatos e cursos. O jornal também fazia questão de acompanhar as associações negras em atividade.

Entre os grupos acompanhados estavam as associações esportivas (incluindo times de futebol composto exclusivamente por jogadores negros), associações de caráter exclusivamente social ou trabalhistas. Conforme registrado em um artigo publicado em 1933, na edição #18, alguns fretenegrinos atribuíam o crescente associativismo ao momento político, em franca ebulição.

O negro, dentro do Brasil, nestes últimos tempos, parece querer dar maiores passos para conseguir em todos os seus empreendimentos o seu *desideratum*. Associações novas que se apresentam com os seus programas, pondo em evidência o elevado esforço dos seus considerados paladinos - os líderes da raça, esses pregoeiros que não se cansam de querer a evolução própria do negro dentro das suas possibilidades grandiosas, de um progresso que se enquadre com o momento que atravessamos (Edição 18/1933, p.1)

Apesar de tensões e linhas políticas contrárias existentes, alguns esforços foram realizados para promover a união dos homens e mulheres negras. Ainda em 1933, dois encontros realizados com esse objetivo: o primeiro no final de setembro e o último em novembro. Entre os participantes encontravam-se a FNB, a Frente Negra Brasileira Socialista e o Club Negro de Cultura. Entre os temas apontados estavam: a questão salarial dos negros (valor reduzido e o atraso no pagamento), desemprego (estimado em 80%) e desrespeito aos direitos do cidadão.

Mussambinho (MG), Sorocaba (SP), Vitória (ES)... Em quase todas as cidades, os grupos, integrantes da Frente, ou não, experimentaram um momento único na década de 30. Se por um lado a crise rareava os empregos e dificultava a vida das

⁸⁹ O artigo de Petrônio Domingues, "Um Templo de Luz: Frente Negra Brasileira e a questão da educação", recupera o histórico sobre o número de associados. Michael Mitchell estimou a existência de 6 mil sócios somente na capital paulista. Florestan Fernandes avaliou o total de associados no país em 200 mil pessoas.

famílias negras, nunca foi registrado no país tamanha efervescência e busca de representatividade. De fato, a identidade africana ainda dava os primeiros passos, mas a consciência da necessidade de mobilização estava presente – e forte.

Tópico 5 - Preconceito

Preconceito, do latim *pre* (antes) e *concipere* (conceber). Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem ponderação ou conhecimento dos fatos. Por razões que dispensam maiores explicações, este tema foi uma constante na publicação da FNB. Em editoriais e artigos foi revisitado com regularidade pelos organizadores do movimento negro e praticamente imortalizado na logo do jornal, que publicou intermitentemente do primeiro ao 52º número, a frase de Isaltino Veiga dos Santos: "O preconceito de cor, só nós, os negros, o podemos sentir".

A longa permanência desta sentença na primeira página do jornal, por si, explica a sensação dos homens de cor⁹⁰ brasileiros, no início do século passado. Quase meio século depois da abolição, ele era percebido nas tentativas de conseguir uma vaga nas escolas públicas; na busca do emprego; na diferença salarial ou mesmo na simples permanência em alguns lugares públicos. Ainda que o movimento iniciado nos primeiros anos da Era Vargas apregoasse o reconhecimento do mestiço como figura típica brasileira, o dia-a-dia nas metrópoles ou no interior do país era duro.

Conforme o citado anteriormente, a Frente chegou, inclusive, a conceber um Departamento Jurídico para auxiliar os negros a defender seus direitos. Nos exemplares de "A Voz da Raça" não existem, no entanto, muitas citações ao trabalho desenvolvido pela equipe chefiada por Arlindo Veiga dos Santos. Um caso ocorrido em Sorocaba, porém, merece destaque. Publicado na edição nº 13, em 17/06/1933, trata-se de um pedido de correção ao jornal "Sindicalista", pertencente à classe ferroviária sorocabana. O periódico informava que a Legião Negra havia lançado um protesto contra a demissão injusta de um colaborador negro, quando o órgão correto era a Frente Negra Brasileira.

O episódio revela que a Delegação da FNB era responsável pela denúncia e acompanhava de perto o desenrolar do processo. O texto afirmava ainda que a

⁹⁰ A expressão "homens de cor" aparece em diferentes momentos da publicação "A Voz da Raça" e sem conotação pejorativa. É utilizada, inclusive, como autoreferência. Ver artigos "O Que foi a Raça Negra" (ed.33/pg.4), "Comemoração do 13 de maio em Jundiaí" (ed. 36/pg.1).

organização protestaria todas as vezes que uma instituição, no caso o consórcio ferroviário, cometesse um crime, em especial, "quando o motivo é simplesmente o preconceito rasteiro de uns negrófobos que infelizmente há por toda parte". A matéria terminava com um "faremos valer o nosso inegável direito".

A reação dos outros jornais, e de formadores de opinião, nem sempre foi positiva. Parte da população questionava as propostas do movimento negro. Para alguns, a luta dos afrodescendentes poderia provocar dissensões e levar à segregação. O próprio Arlindo Veiga aproveitou os eventos agendados para o 13 de maio de 1934 para rebater as acusações e ressaltar a importância de uma postura crítica ao refletir sobre o tema. Como destacou, neste impasse sobre preconceito, "A Voz da Raça" agia exatamente na direção contrária.

O preconceito de cor, repito, - e o negro o sabe - não é inspirado nas magnânimas leis nacionais: - é o fogo ateadado com a lenha particular da sociedade. E a finalidade da FNB é construir um imenso reservatório de água capaz de apagar para sempre essa fogueira (1934, edição 9, p. 1)

A linha editorial buscava denunciar o racismo encoberto, o preconceito, que, no dia-a-dia, tanto prejudicava os afrodescendentes e os impedia de alcançar uma posição de igualdade na sociedade brasileira. Se a conquista ainda fosse utópica, o esclarecimento da questão do negro, a demolição do "preconceito hipócrita e encoberto que existe e que tanto prejudica aos negros", haveriam – ao menos – o abalar. Ainda que o grupo insistisse no argumento de que a organização só existia devido à permanência do tratamento diferenciado para brancos e negros, as acusações de uma postura segregacionista acompanharam a Frente até o seu fim.

Tópico 6 - Instrução / Educação

A instrução / educação ocupa uma posição de destaque entre os tópicos mais abordados no jornal. O Departamento de Instrução⁹¹ da Frente Negra Brasileira utilizava a publicação para informar os associados sobre a Escola de Alfabetização existente na sede, que ministrava aula para ambos os sexos. Com frequência, os

⁹¹ Também chamado de Departamento Intelectual.

artigos recordavam que a "finalidade única da agremiação" era o "alevramento moral e social da grande raça", objetivo que só poderia ser atingido com a educação.

Batizada de Liceu Palmares, a instituição era composta basicamente de membros que cediam parte do seu tempo para instrução. Entre eles estavam os irmãos Veiga dos Santos (Arlindo, advogado, e Isaltino, contador), os contadores Pedro Paulo Barbosa e Agripino de Sá, o advogado José de Camargo, o farmacêutico Aurelino Araújo, os acadêmicos José Salles Arcuri e Altino Guimarães e os professores João Miguel M. Assis Pinheiro e Egas Pinheiro. O objetivo, conforme informava artigo publicado na edição número 2, era "ministrar ensino primário, secundário, comercial e ginásial aos seus alunos, sócios da FNB". O artigo lembrava a todos que Liceu Palmares aceitava, porém, não sócios, bem como brancos, brasileiros ou não.

Para a Imprensa Negra, a Instrução/Educação representava a possibilidade de ascensão social, a alternativa viável ao momento histórico, "época de grandes empreendimentos", em que São Paulo emergia como grande potência nacional. O "trem desenvolvimentista" já deixava a estação e a ocasião demandava um posicionamento urgente da raça.

Cogita-se dar a São Paulo toda a expansão nova de modalidade em todos os sentidos de labor industrial, econômico, cooperativo, político e social. E nós, os negros também devemos concorrer em todas essas competições. De que forma? Coloquemo-nos ao lado de todas essas iniciativas e elevemos, também, os nomes dos nossos maiores, dos grandes homens do passado, procuremos com a instrução necessária, com a polidez de caráter, sem molestar este ou aquele, conquistar um lugar em todas as competições.

O negro necessita ser modernizado, sim; dentro de uma investidura de robustez perfeita, polindo sua inteligência, com o saber. (Edição 12/1933, p.2)

Os imperativos decorrentes do desenvolvimento industrial conviviam com os apelos aos pais. Os chamados aos bancos escolares eram constantes.

Oh, pais! Mandai vossos filhos ao templo da instrução intelectual, a escola. Não os deixeis analfabetos como dantes! Hoje temos tudo, aproveitai as horas noturnas se os trabalhos vos impedem. Ides à escola! Aproveitai o precioso tempo para engrandecer a nossa raça e o nosso querido Brasil! (Edição 13/1933, p.3)

Do mesmo modo, a leitura dos exemplares de 'A Voz da Raça' permite atestar que as ideias da matriz da FNB foram estendidas aos outros centros espalhados pelo interior de São Paulo e demais estados brasileiros. Uma nota do jornal "A Cidade", de São Carlos, republicada na edição nº33, em 1934, comentava as atividades do Centro Cívico José do Patrocínio, de Jundiá, "cujos homens de cor estavam empenhados em trabalhar no sentido meritório de levantar seus irmãos do esquecimento e infortúnio". A "saída" encontrada, mais uma vez, era a educação.

Em longo artigo, o articulista menciona que a sociedade cooperativa e de proteção, não só no sentido moral, como material, buscava dispensar conforto e desvelo, instrução e assistência social a todos os negros desamparados da cidade, mantendo para isso escolas de alfabetização e de instrução profissional. O serviço era oferecido aos sócios e suas respectivas famílias. No artigo ao lado, *Labor omnia vincit improbus*⁹², assinado por Guilherme Enfeldt, o tema é a busca da segunda liberdade do negro, buscada pela FNB, e só alcançada através das quatro potências irrompíveis: Fé, Coesão, Estudo e Fé⁹³.

"Estuda e saberás". Para os homens da Frente, o progresso, ícone do século passado, possibilitava aos ignorantes a vitória sobre todos os obstáculos impostos pela vida. O negro poderia vencer, conquistar bons postos, desde que estudasse até morrer. Não só nos grupos escolares e ginásio, mas em casa, na sociedade, nos clubes, em toda parte. Fosse na apreciação e entendimento da psicologia das multidões, da religião ou das leis sociais.

Sete edições mais tarde... No exemplar nº40 de "A Voz da Raça", testemunhamos os avanços alcançados pela instituição em pouco tempo de criação. Em nota publicada pela Comissão Judaiense, o Centro Cívico José do Patrocínio, que já contava na época com duas turmas de alfabetização para meninas e senhoras, comunicava a disponibilização de nova turma destinada a meninos e adultos. Desta forma, o grupo estava "aparelhado"⁹⁴ para auxiliar outras sociedades da FNB, que trabalhavam "para libertar nossos irmãos da ignorância e formando o verdadeiro brasileiro de amanhã".

⁹² "O trabalho persistente vence tudo". Frase de Virgílio em "Geórgicas", conjunto de quatro livros escritos pelo poeta romano do século I AC.

⁹³ A palavra fé é citada duas vezes.

⁹⁴ Aspas da autora para destacar a terminologia utilizada pelo grupo.

De fato, o jornal oficial da Frente Negra Brasileira permitiu um valioso registro da ação educacional promovida pela instituição. Não raro, as páginas do periódico documentavam a abertura de escolas nos escritórios das filiais, bem como os avanços promovidos por seus membros. Em um deles, publicado na edição 41, de 11 de agosto de 1934, identificamos a festa pela oficialização da escola da instituição, junto ao Governo do Estado, publicada no Diário Oficial do dia 17/07/1934.

Neste valioso registro, somos informados que a instituição, então sob a direção de Francisco Lucrécio e Celina Veiga, contava com 90 alunos matriculados. A nota documentava a preocupação dos integrantes da instituição em oferecer educação para a população negra brasileira. Segundo as estatísticas da época, a então República Federativa dos Estados Unidos do Brasil contava com 44 milhões de pessoas.

(...) a população existente nos Estados Unidos é de 122.775.046. Neste todo da população americana, existem 11.891.143 que são negros. E para considerar a falta de cultural geral no Brasil, é o bastante notar que nos Estados Unidos, o total dos núcleos de instituição para a educação unicamente de negros é maior do que existe no Brasil para toda a população nacional e, portanto, a educação do negro brasileiro torna-se uma coisa irrisória, fazendo-se a comparação. (Edição 41/1934, p.2)

A matéria não fornece a fonte dos dados, o total de negros existentes no Brasil naquela época, nem o total de negros escolarizados nos EUA. A comparação, porém, demonstra a transformação do vizinho em referência para a comunidade negra brasileira. Observa-se no jornal, um lento mais progressivo trabalho de desmitificação “democracia racial brasileira”, que apontava a segregação norte-americana como a antítese das boas relações observadas no Brasil. A comparação do quesito educação é um exemplo da admiração dos negros brasileiros ao acesso existente nos EUA.

Também não passaram sem registro nas páginas do jornal, as campanhas educacionais da Era Vargas. A famosa Cruzada Nacional de Educação⁹⁵, iniciada em fevereiro de 1932 com o objetivo de “lutar para apagar a mancha vergonhosa do analfabetismo, que degradava e aviltava o Brasil” foi documentada por "A Voz da Raça". No jornal, o movimento surge associado às comemorações da Abolição, no dia

⁹⁵ Criada em 15 de agosto de 1932, pelo Decreto nº 21.713, instituía anualmente a Semana da Alfabetização no Brasil, durante o mês de outubro.

13 de maio, de 1937 (edição 64, página 3). Segundo o articulista da matéria, não assinada, os organizadores da Cruzada identificavam a data da abolição da escravatura como um marcador “da libertação da ignorância”.

Em cinco anos de existência, o jornal “A Voz da Raça” abordou a instrução / educação em praticamente todos os exemplares, de forma direta ou indireta. A diferença limitou-se à abordagem. Tamanha constância ajudou a compor um retrato na educação do país e do mundo, no início do século passado. À época já havia uma consciência da alta taxa de analfabetos no Brasil e que este não era uma questão do negro, mas sim um problema essencialmente brasileiro⁹⁶.

Entre os muitos aspectos da educação, uma constante do movimento era o que poderia ser classificado como “auto-educação”. Para os líderes da FNB, tão importante quanto a alfabetização ou formação profissional era a reflexão sobre as questões ligadas diretamente à raça, como o preconceito. “(Ele) existe onde não há cultura”, alertavam. E, por consequência, estava presente entre a própria comunidade. Em artigo transcrito de outro jornal da época, o “Alvorada”, publicado no Rio Grande do Sul, e assinado como Creoulo Leugim (Liga Creoula), fica clara a existência de distinção entre afrodescendentes de acordo com o tom da pele.

Pela educação, a Raça se convencerá, que os claros e escuros são uma só coisa, e que se assim são, é que a influência negativa, atutou um pouco mais ou menos na pigmentação, mas que no fundo, trazemos todos, a origem sublime, de uma Raça sacrificada, que continua a lutar, pela completa libertação. (Edição 32/1934, p.2)

Até o último momento, na edição #69 (setembro de 1937) de “A Voz da Raça”, a publicação deu ênfase à educação. Na página 4, ao lado da coluna “Notas de Português, dois textos se destacam: “Pró-biblioteca Escolar Frentenegrina” e “Nomeação”. O primeiro documenta a campanha elaborada para angariar doações de livros para as escolas da Frente Negra Brasileira e o segundo comemorava a criação de novas classes nas escolas públicas do grupo.

⁹⁶ Na matéria “Campanha Humilde”, publicada no dia 15/12/34, diante da relativamente próxima comemoração do cinquentenário da Abolição, o jornalista convida as associações a assumir uma postura mais dura com a comunidade. Para garantir bancos escolares funcionando em plena potência, Rajovia ressalta: “Esperamos que breve em todos e até nos próprios clubes dançantes os associados não sejam aceitos se não souberem ler e escrever regularmente”.

Ao longo do discurso sobre a educação em *A Voz da Raça* nota-se o silêncio sobre o modelo de tradição oral, usado pelos povos africanos para transmitir o conhecimento (sabedoria dos griôs⁹⁷, os mais velhos), a ignorância sobre muitos modos utilizados no continente-mãe para a educação dos pequenos. Parte pela perda dos laços culturais decorrente da separação das famílias; pela proibição de manutenção de cultos e tradições e, até mesmo, o uso do idioma natal. Além disso, receber qualquer notícia da África beirava o impossível até mesmo para os escravos alforriados.

Expressões Populares

Em “*A Voz da Raça*”, a cultura africana não é identificada como um tema em si. Surge nas tradições registradas nas festas da comunidade, nos poemas e, de maneira singular, no carnaval. A folia merece atenção diferenciada, sendo abordada, anualmente, em toda existência da publicação. Já no primeiro ano, na terceira edição (p.3), uma matéria intitulada “Aos Carnavalescos Negros”, informa o oferecimento da taça Artur Friedenreiche⁹⁸ aos Cordões Carnavalescos da Gente Negra Paulista. A premiação era oferecida pela Frente Negra Brasileira e tinha o objetivo de reconhecer o talento e trabalho dos foliões.

Graças a esses artigos é possível resgatar a história do samba em São Paulo, seus grandes personagens e trajetória singular. Entre os concorrentes encontram-se: Camisa Verde⁹⁹ e Vai-Vai, além do Bloco do Boi, Cordão das Bahianas, Bloco da Mocidade, Desprezados, Campos Elíseos e Diamante Negro. Entre os juízes, Angelo Pedroso, crítico carnavalesco e teatral do Rio de Janeiro, José Esteves e Dutra Machado, “também autorizados na matéria, também residentes na Capital Federal”.

No ano seguinte, em fevereiro de 1934, a proximidade da festa é registrada de forma irônica no artigo “Do meu canto” - edição 31, p.1. O texto é assinado com o

⁹⁷ Na tradição africana, são os responsáveis por preservar e transmitir a história, os conhecimentos do seu povo. A palavra é utilizada para designar mestres portadores de saberes e fazeres da cultura, transmitidos oralmente.

⁹⁸ A primeira grande estrela do futebol brasileiro (1892-1969). Filho de um funcionário público sulista, filho de alemães, e de mãe professora negra. Considerado um dos maiores centroavantes que o país já teve.

⁹⁹ O grupo, formado por homens do bairro da Barra Funda, vestia-se com camisas verdes e calças brancas. Durante o Estado Novo, os integrantes foram confundidos com simpatizantes da Ação Integralista Brasileira, partido político de Plínio Salgado, e por isso perseguidos pela polícia de Getúlio Vargas, até deixarem de desfilar em 1936.

pseudônimo Menelik (1844-1913)¹⁰⁰, nome do imperador da Etiópia, um dos responsáveis pela unificação territorial do país. Na descrição da folia imaginária, alegorias sinalizam as questões que mobilizavam o movimento:

1º - Deixa esta jacaré que a lagoa há de secar.; 2º - Negro brasileiro há de ser gente de tutano; 3º - Quem é que disse que negro não vai por seu representante no Senado? 4º - Quem fala de nós tem paixão; 5º - A testa do negro é de ferro, porque aguenta as marteladas das explorações alheias, mas ele já está dando o estrilo... 6º - Protestando contra a contínua corrente imigratória; 7º - Uma casa. Qual é? A Frente Negra Brasileira; 8º - Sambinha clássico para fechar:

A autoridade tem que dar

A carta branca para o negro vadiar

Pois ele é um cavalheiro

Basta ser um brasileiro

Para saber se comportar

Aí tendes caro leitor oito alegorias já montadas sobre os carros imaginários da vossa consciência. Se sois branco, considerai o negro pelas suas ações e não pela sua cor. Se sois negro, procurais ser bom, obediente, estudioso, enfim, correto nas suas ações e no desempenho de suas funções, nos momentos precisos.

Na mesma edição, na página seguinte, a edição resume as principais atrações do carnaval paulistano, com informações dos bailes e dos desfiles dos blocos no bairro de Campos Elíseos, localizado no Centro de São Paulo. Entre eles, Desprezados, Flor da Mocidade, Camisa Verde, Bahianas, Vai Vai e Diamante Negro. Os mesmos apareceriam na edição seguinte, número 32, ao lado dos outros cordões que participaram da competição organizada pela FNB, como o Mocidade do Lavapés, Caveira de Ouro e o Bloco Naval.

Há que se ressaltar, no entanto, que nem sempre a abordagem do carnaval foi positiva. Para a direção da FNB, de liderança tradicionalista, a "festa da carne" era ocasião de perdição para a juventude negra que se entregava ao álcool e ao sensualismo. Sobravam críticas também para a alienação dos foliões e a atenção

¹⁰⁰ Menelik foi também o nome do primeiro jornal dedicado à população negra. Fundado em 1915, ele circulava com o subtítulo "órgão noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor".

dedicada ao evento, reconhecido apenas como "recreativo". "(...) Tudo não passa de aplausos! Passando o Carnaval, é quase certo, os aplaudidos ficam falando sozinhos. (...) Depois do Carnaval, o resultado não poderá ser outro e muita gente fica de tanga"¹⁰¹ – registrava a edição 33 (p.3). Uma crítica nem sempre fundamentada.

Em 1936, a edição 51 (p.2) noticiava os trabalhos realizados pela FNB em Tietê, cidade do interior paulista, vizinha a Sorocaba. A nota dava conta do carnaval organizado pelos fretenegrinos naquele ano e da homenagem realizada ao "Almirante Negro" João Cândido¹⁰². O cordão, que fez um carro alegórico em forma de encouraçado, para lembrar o Minas Gerais, onde servira o marinheiro, percorreu as ruas da cidade e foi saudado pela imprensa e os intelectuais locais. Neste mesmo ano, aliás, os fretenegrinos criticaram os moradores de Pelotas (RS), que criaram um cordão carnavalesco intitulado Abissínios, enquanto milhares morriam na Etiópia.

Curiosamente, em nenhum desses artigos, bem como naqueles onde a palavra samba é resgatada, há uma ligação direta com a herança africana. Uma rara exceção é registrada no último ano de publicação do periódico, em março de 1937, no artigo "Sua Majestade, o samba", de Abercio P. Barbosa. O texto, dedicado ao "nobre colega Edgard", propõe uma revisão do gênero, desde os primeiros cordões às escolas de samba do carnaval. Nele, há uma referência direta, inequívoca, à "história da velha África nos seus dias de festa, ou mesmo, em vésperas de batalha".

Para o autor Abercio P. Barbosa, o gênero musical tinha raízes nos gemidos de moribundos, no sangue dos supliciados. Era uma música resultado também de uma mistura com o batuque indígena. Algo que "teria vindo à cidade para empolgar o mundo, penetrado as casas mais humildes, palacetes os mais elegantes e enveredado pelos salões chiques". No mesmo ano, na edição 64 (abril/1937), os jovens integrantes do Conjunto Regional, e seus instrumentos, ocupam a uma foto de destaque no alto da página à esquerda.

É importante ainda uma atenção à etimologia e ao histórico de significados atrelados a cada um deles, como é o caso dos termos *batuque*¹⁰³, *carnaval*, *samba* e variações (*sambistas*, por exemplo). *Batuque*, por exemplo, tem origem controversa.

¹⁰¹ "Fica de tanga", fica sem nada. Expressão semelhante "a ver navios".

¹⁰² Militar brasileiro da Marinha de Guerra do Brasil, líder da Revolta da Chibata.

¹⁰³ A palavra batuque é citada em vários verbetes de "Brasilidades que vêm da África", mas, em nenhum deles, recebe aprofundamento. Por sua relevância, neste artigo ela ganhou levantamento próprio e análise no texto de 'A Voz da Raça'.

Para alguns estudiosos, trata-se de um regressivo do verbo batucar, que significa bater continuamente (José Pedro Machado e Antônio Geraldo Cunha). Houaiss cita essa corrente, mas menciona outras propostas que apontam para uma relação com as línguas africanas. Nei Lopes, autor do "Dicionário Banto", sugere associação com o verbo quimbundo *tuka*, saltar. Olga Cacciatore, responsável pelo "Dicionário de Cultos Afro-brasileiros" associa a palavra Ronga *batchuk*, tambor, baile.

Geralmente acompanhada de outros signos de origem africana, *batuque* é apresentado ao lado de *samba* (gênero musical, expressão popular); *bamba* (o valente, o virtuoso). Mas também é associado à *cachaça* (aguardente extraído do bagaço da cana) e à *bagunça* (cuja etimologia aponta dois significados diversos: máquina para mover aterro e desordem, confusão). Mas o que era, afinal, o batuque para a FNB? Das aparições registradas, somente duas evocam aspectos positivos. A primeira, ainda no primeiro ano de publicação do jornal, fala de uma homenagem póstuma ao abolicionista Antonio Bento¹⁰⁴. O autor do texto lembra, com emoção, "das homenagens dos homens negros, com batuques, rufos e chocalhos¹⁰⁵", em um movimento que muito se aproxima à descrição de um *gurufim*, tradição de origem africana em que há música, dança, canto e brincadeira para lembrar o morto e, assim, desanuviar a atmosfera do enterro. Prática, diga-se de passagem, realizada até hoje entre o povo do samba.

A segunda menção, de caráter mais neutro, acontece também no primeiro ano de circulação o jornal, no programa da Corporação Musical, que executaria "Paquetá", "um Batuque, no Imponente Festival Litero-Dramático e Musical", organizado pelo grupo feminino Rosas Negras. Mas do que falam afinal as citações restantes? Os registros qualificam o batuque como uma ameaça, uma prática que "pode colocar a raça negra a perder", anuncia o artigo da Edição 10 de "A Voz da Raça".

No emblemático texto "A Afirmação de Raça", onde o presidente da Frente, Arlindo Veiga dos Santos, elogia o exemplo alemão, idealizado por Hitler, de valorização da raça, a desorganização nacional é qualificada como um "batuque solene" e o "lar nacional" comparado a "uma pagodeira internacional", em que todo estrangeiro chegado na véspera manda, dá leis e conselhos de perdição.

¹⁰⁴ Antônio Bento (1843-1899) - Promotor público e juiz, branco, amigo de Luís Gama, negro e líder do movimento emancipador de escravos na então Província de São Paulo. Depois da morte de Gama (em 1822), assumiu a liderança do movimento abolicionista paulista.

¹⁰⁵ A Voz da Raça, 1933, Edição 17.

A maioria das vezes, a típica manifestação afro de comemorar ao som da música, com dança, em um batuque, é apontada como um fator de enfraquecimento, que leva o negro a um destino menor – onde ele “só serviu de capacho, capenga, dançador de baile ou batuque, ou simplesmente um cabo eleitoral”¹⁰⁶. Curiosamente, uma crítica tão rígida não é observada nas menções ao *Carnaval* e ao *Samba* (gênero musical), que passam praticamente incólumes pela rígida moral fretenegrina.

Já a *Macumba* e a *Capoeira*, outros dois ícones da cultura afro no Brasil não tiveram a mesma sorte. A macumba, “antigo instrumento musical de origem africana usado outrora nos terreiros”, “termo genérico para os cultos afro-brasileiros”, segundo A. G. Cunha, é apresentada como algo menor, não digna, por exemplo, de ser comparada à grafologia. “(...) Não vão, porém, julgar que o Salti é macumbeiro, é uma ciência muito interessante e delicada, que depende tão somente de fino estudo, e está ao alcance de qualquer pessoa, que queira queimar um pouco a ‘pestana’ nos livros”¹⁰⁷. Já o *capoeira* é antireferência, como menciona A. Amaral em um artigo sobre Economia: “Cheios de frases da gíria, exhibições de capoeira”¹⁰⁸.

Paralelo a qualquer posição mais conservadora adotada pela direção da Frente Negra Brasileira, é preciso mencionar a política desenvolvida pelo Estado brasileiro de discriminação das expressões culturais africanas. Ancoradas em uma delegacia específica, a Delegacia de Costumes, Tóxicos e Mistificações (DCTM), criada no Rio de Janeiro, em 1934, estas iniciativas tinham um objetivo claro, conforme o mencionado por Jonas Lunardon em seu artigo “Maconha, Capoeira e Samba, a construção do proibicionismo como uma política de criminalização social”¹⁰⁹.

A Delegacia criada no Rio de Janeiro, em 1934, para tratar dos crimes dessa nova droga ilícita, era a mesma encarregada de controlar e reprimir as rodas de samba, a prática da capoeira e os ritos da umbanda – todas estas práticas características da cultura dos ex-escravos negros. Nada mais evidente de que se reprimiam elementos da cultura negra como política pública para a criminalização desta população. A Delegacia atuou não somente na repressão ligada ao proibicionismo, mas também na da cultura religiosa e do folclore negro, elevando ao nível criminoso a prática de certos hábitos desta população. Exemplo de como a repressão foi sentida pode ser encontrado em iniciativas de resistência como as de realização dos seminários afrobrasileiros, presididos, entre outros, por Gilberto Freyre, em 1934, na cidade de Salvador.

¹⁰⁶ A Voz da Raça, 1933, Edição 18.

¹⁰⁷ A Voz da Raça, 1933, Edição 14.

¹⁰⁸ A Voz da Raça, 1937, Edição 68.

¹⁰⁹ Mestre em Ciência Política pela UFRGS.

A reflexão sobre estes mecanismos de repressão por uma década, com ecos potencialmente sentidos até os anos 60, é fundamental para a compreensão de alguns vieses identificados nos exemplares de A Voz da Raça ou mesmo em alguns silêncios do jornal representante dos negros sobre práticas religiosas típicas como o Candomblé. Como avaliar a publicação de uma nota sobre o lançamento de um centro espírita Kardecista em contrapartida a nenhuma menção a deuses africanos, suas comidas e danças e outras práticas sincréticas, como a Umbanda? Sem dúvida, são temas para novos mergulhos.

Permanência no idioma

Sem dúvida, uma das mais fortes – mas não necessariamente nítida – permanências d'África na cultura brasileira está no idioma. O português, língua do colonizador que já, na origem, trazia muito do continente negro devido aos 400 anos de ocupação árabe na Península Ibérica, recebeu novos influxos por meio dos escravos. A maioria dos negros trazidos nos navios negreiros pertencia a três grupos: sudaneses, guineanos-sudaneses muçulmanos e bantos. No primeiro grupo estavam iorubás, gegês e fanti-ashantis. No segundo, fulas, mandingas, haussas e tapas. O terceiro, e mais numeroso, dividia-se em dois subgrupos (angola-congoleses e moçambiques) e tinham como destino além dos estados do Maranhão, Pará, Pernambuco e Alagoas, os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Banto é o termo utilizado para um grande número de línguas e dialetos negro-africanos. Elas são especialmente importantes para os brasileiros por sua predominância, através de suas línguas como o Quicongo, o Umbundo e o Quimbundo. Como destaca Nei Lopes, autor do "Dicionário Banto do Brasil", os termos de origem nagô "estão mais restritos às práticas e utensílios ligados à tradição dos orixás, como a música, a descrição dos trajes e a culinária afro-baiana". As línguas bantas, ao contrário, conquistaram um vasto espectro de assimilação.

É possível encontrá-las nos verbos cotidianos, nas ações do dia-a-dia, como cutucar, cochichar, cochilar, empacar, paparicar, xingar e zombar e até nas expressões que nomeiam coisas, estados e emoções tão presentes na cultura brasileira, como balela, birita, capenga, denngo, mambembe, nenê, ranzinza, sopapo, tocaia, zoeira, entre tantos outros. Uma África silenciosa - mas profundamente presente, ainda que legada ao estudo de poucos especialistas.

Aos que buscam identificar os ecos desta presença, Nei Lopes ensina três marcas que facilitam a identificação destas palavras: 1.) a presença de sílabas iniciais como BA, CA, CU, FU, MA, MO, MU, QUI (caçula, candango, macumba, maxixe, moleque, quitanda etc.); a identificação no interior dos vocábulos dos grupos consonantais MB, ND, NG (samba, bunda, camundongo, ginga, tanga, sunga, catinga etc.) e as terminações AÇA, ILA, ITA, IXE, UTE, UCA (quizila, catita, muvuca etc.). Os editores, repórteres e demais colaboradores de "A Voz da Raça" nem sabiam, mas em muitas de suas palavras ecoavam a vozes da África.

Dos mais de seis mil verbetes listados por Lopes, essa dissertação identificou 132 com presença marcante em nosso português atual. Com a ajuda da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, iniciou-se, então, um rastreamento nas páginas do jornal da Frente Negra Brasileira (FNB) em busca da utilização dessas palavras – tanto no sentido quanto no contexto do uso. Neste exercício, foram identificados 25 vocábulos. Os quadros a seguir dão conta da evolução do trabalho, bem como revelam o quão usual eram essas expressões bantas, ainda que de forma inconsciente¹¹⁰.

¹¹⁰ É importante destacar os problemas de rastreamento dos vocábulos em itálico, bem como os erros decorrentes de grafia alteradas pelas reformas ortográficas. Eles provocam eventuais perdas, algumas vezes sanadas pela leitura manual dos textos.

QUADRO I – Palavras Bantos Mais Comuns / Dicionário Banto – Nei Lopes

Angu	Curinga	Mironga
Arenga	Dengo	Mocambo
Babau	Dengoso	Molambo
Bagunça	Empacar	Moleque
Balacobaco	Empombar	Mona
Balangandã	Encabular	Mondongo / Mondrongo
Balela	Engambelar	Murundum
Bamba	Escangalhar	Muxoxo
Banguela	Faniquito	Nenê
Banzo	Farofa	Paparicar
Baranga	Fiofó	Perrengue
Baticum	Fungar	Punheta
Batuque	Furdunço	Quenga
Bimba	Futucar	Quibebe
Birita	Futum	Quilombo
Bodum	Fuxicar	Quimbanda
Bunda	Fuzuê	Quizila
Cabaço	Gandaia	Quizomba
Cabuleté	Garapa	Quizomba
Caçamba	Gororoba	Ranzinza
Caçapa	Gurufim	Sacana
Cacete	Inzoneiro	Samba
Cachaça	Jabaculê	Saracote / Saracoteio
Caçula	Jagunço	Senzala
Cafifo	Jiló	Serelepe
Cafundó	Lero-lero	Sopapo / Supapo
Cafuné	Leso	Sunga
Calombo	Macambúzio	Tagarela
Cambar	Macumba	Tanga
Camundongo	Mafuá	Tengo-tengo
Candango	Maleme	Tocaia
Capanga	Maluco	Trambique
Capenga	Mambembe	Umbanda
Caramba	Mamulengo	Xepa
Cateretê	Mandinga	Xibiu
Catimba	Mangar	Ximbica
Catinga	Manha	Xingar
Cutucar	Marafo	Zanga / Zangar / Zangado
Caxumba	Marimbondo	Zanzar
Chimbica	Mariola	Zoeira
Chuchar	Matula	Zombar
Cochichar	Meleca	Zumbi
Cochilar	Miçanga	
Cotoco	Milonga	
Cuíca	Minhoca	Total de 132 palavras

QUADRO II – Palavras de Origem Banto Encontradas em “A Voz da Raça”

Palavras	# Citações	Edições / Datas
Angu	1	ed.20 - 02/09/33
Bagunça	1	ed. 08 - 06/05/33
Bamba	2	ed. 31 - 03/02/34
Banzo	5	ed. 19 - 19/08/33; ed. 22 - 30/09/33; ed. 30 - 20/01/34; ed. 39 - 23/06/34; ed. 59 - Nov./36
Batuque	8	ed.10 - 20/05/33; ed. 11 - 03/06/33; ed. 12 - 10/06/33; ed. 17 - 15/07/33; ed. 18 - 05/08/33; ed. 20 - 02/09/33; ed. 21 - 16/09/33; ed. 22 - 30/09/33
Cacete	1	ed. 16 - 08/09/33
Cachaça	3	ed. 20 - 02/09/33; ed. 22 - 30/09/33; ed. 32 - 17/02/34
Caçula	1	ed. 17 - 15/07/33
Capanga	2	ed. 18 - 05/08/33 e ed. 30 - 20/01/34
Cateretê	2	ed. 22 - 30/09/33; ed. 70 - Nov./37
Dengoso	1	Ed. 19 - 19/08/33
Jagunço	1	ed. 55 - Jul./36
Macumba	4	ed. 14 - 24/06/33; ed. 63 - Mar./37 ; ed. 70 - Nov./37
Mandinga	1	ed. 70 - Nov./37
Mocambo	1	ed. 26 - 25/11/33
Moleque	7	ed. 20 - 02/09/33; ed. 26 - 25/11/33; ed. 31 - 03/02/34; ed. 64 - Abr./37; ed. 67 - Jul./37; ed. 69 - Set./37; ed. 70 - Nov./37
Nenê	1	ed. 58 - Out./36
Quibebe	1	ed. 33 - 17/03/34
Quilombo	2	ed. 03 - 01/04/33; ed. 33 - 17/03/34
Samba	12	ed. 11 - 03/06/33; ed. 17 - 15/07/33; ed. 20 - 02/09/33; ed. 21 - 16/09/33; ed. 25 - 11/11/33; ed. 30 - 20/01/34; ed. 51 - Mar./36; ed. 59 - Nov./36; ed. 63 - Mar./37; ed. 64 - Abr./37; ed. 67 - Jul./37; ed. 70 - Nov./37
Senzala	5	ed. 6 - 22/04/33; ed. 9 - 13/05/33; ed. 69 (2) - Set./37; ed. 70 - Nov./37
Tagarela	1	ed. 64 - Abr./37
Tanga	2	ed. 33 (pg.3 e 4) - 17/03/34
Tocaia	1	ed. 24 - 28/10/33
Zumbi	5	ed. 32 - 17/02/34; ed. 33 - 17/03/34; ed. 61 - Jan./37; ed. 63 - Mar./37; ed. 67 - Jul./37

QUADRO III – Palavras de Origem Banto & Etimologia

Palavras	Etimologia
Angu	Em algumas línguas do grupo banto, o radical <i>ngu</i> se refere ao vocábulo milho
Bagunça	Do quicongo <i>bangula</i> , relacionado à ideia de insurreição
Bamba	Do quicongo <i>bamba-ngol</i> , valentão
Banzo	Do quimbundo <i>mbonzo</i> , saudade, paixão, mágoa
Batuque	Do quimbundo <i>bu-atuka</i> (onde se salta ou se pinoteia)
Cacete	Do quimbundo <i>ka-sete</i> , diminutivo de mu-sete, pênis
Cachaça	De <i>kachasu</i> , aguardente
Caçula	Do quimbundo <i>kasule</i> , o mais moço dos filhos ou dos irmãos
Capanga	Do quimbundo <i>kappanga</i> , "entre suvaco"
Cateretê	Do quimbundo <i>Katete</i> , pássaro africano. Afro-brasileirismo para espécie de galinha. Depois, dança.
Dengoso	Do quicongo <i>ndengo</i> , doçura, o que é macio
Jagunço	Do quimbundo <i>junguzu</i> , soldado
Macumba	Do quicongo <i>makumba</i> , plural de <i>kumba</i> , prodígios, fatos miraculosos
Mandinga	Do quimbundo <i>mandinga</i> , superstição
Mocambo	Do quimbundo <i>mukambu</i> , esconderijo
Moleque	Do quimbundo <i>muleke</i> , garoto, filho
Nenê	Do umbundo <i>kanene</i> , nome dado à criança miudinha
Quibebe	Do quimbundo <i>kibebe</i> , caldo grosso, papa
Quilombo	Do quimbundo <i>kilombo</i> , acampamento, arraial
Samba	Do umbundo <i>semba</i> , dança
Senzala	Do quimbundo <i>sanzala</i> , lugar de habitação dos indivíduos de uma família
Tagarela	Do quimbundo <i>tangela</i> , falar
Tanga	Do quimbundo <i>tanga</i> , roupa, pano
Tocaia	Do umbundo <i>toko</i> , cilada
Zumbi	Do quimbundo <i>nzumbi</i> , espírito perturbado, perseguido

Nas 132 palavras listadas na página 98 encontram-se vocábulos totalmente integrados à língua portuguesa. Trata-se de um pequeno conjunto retirado do “Dicionário Banto do Brasil” de Nei Lopes, pinçado justamente pela vigência no idioma e larga utilização em território nacional. São pratos, ingredientes, instrumentos musicais, partes do corpo humano e expressões assimiladas pelo Português falado no Brasil.

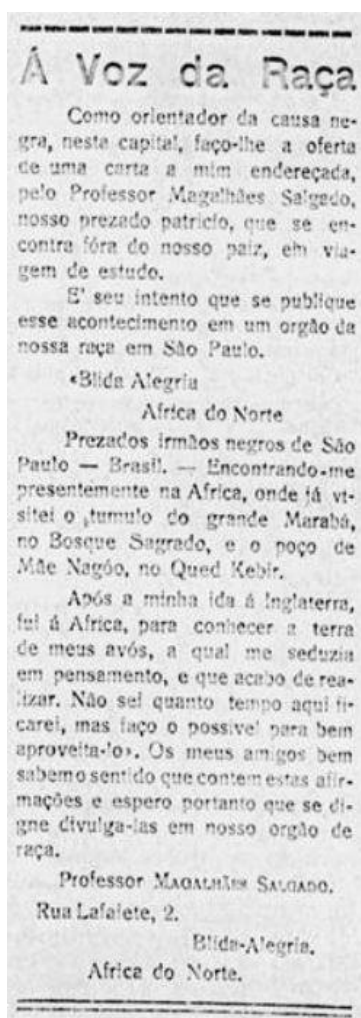
O segundo quadro de palavras de origem Banto (página 99) documenta a presença em reportagens, artigos, editoriais e comerciais de “A Voz da Raça”. Alguns surpreendem pela alta incidência e a desvinculação da língua origem. Entre elas, expressões diárias como “bagunça”, “dengoso”, “caçula”, “moleque”, “nenê” e “tagarela”, até as marcadas de africanidade, como “banzo”, “quilombo”, “samba” e “senzala”.

Na terceira análise (página 100), as palavras Banto têm a ramificação no tronco linguístico identificada e a etimologia explicada. Elas auxiliam no processo de compreensão do sentido e da utilização da expressão, além de propiciar um retorno às raízes africanas. Este é o caso de “caçula”, do quimbundo *kasule*, o mais moço dos filhos ou dos irmãos, e “dengoso”, do quicongo *ndengo*, doçura, aquilo que é identificado como macio.

Iconografia: Impressões e memória

Nas páginas de “A Voz da Raça” estão impressos os receios, as angústias, os principais desafios enfrentados pela população negra no início do século passado. Foram selecionados entre os temas abordados com maior incidência, a busca pelas raízes africanas, as comemorações do 13 de maio, a preocupação com a educação do negro e as expressões populares (em especial, o samba). Os cordões de carnaval, o batuque e o gingado estão entre os mais genuínos reencontros com as tradições da terra natal.

Figura 15 e 16 - Jornal / Reprodução dos artigos de “A Voz da Raça”

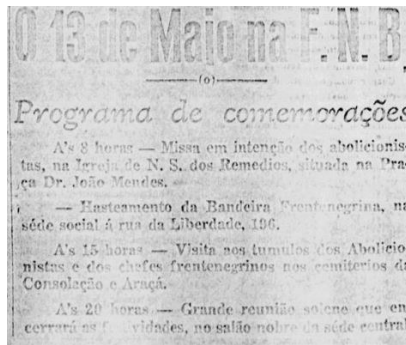


Ao lado, artigo publicado na edição número 22 de “A Voz da Raça”, em 30/09/1933, com a reprodução da carta do professor Magalhães Salgado sobre viagem ao continente africano. Em baixo, artigo de Silvério Lima, de 11/08/1934, publicado na edição 41, sobre a criação de um museu de arte africana na cidade de Talveuren, no então chamado Congo Belga.



Ilustrações extraídas da Hemeroteca, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional (BN)

Figuras 17 e 18 - Jornal / Reprodução dos artigos de “A Voz da Raça”



Dois momentos de reflexão sobre a Abolição. No primeiro, a capa da edição de 13 de maio de 1933. Apesar da longa programação prevista para a festa, o tom do artigo dá a noção da indignação dos integrantes da FNB. Ao lado, quadro informa a programação organizada para o dia 13/05 em 1935.

Figuras 19 e 20 - Jornal / Reprodução dos artigos de “A Voz da Raça”

Rumo á escola

A instrução é a cultura do nosso espirito quando intelectual e materia! quando procurámos aprender uma disciplina que nos auxilie, materialmente como sejam as varias profissões.

A cultura da nossa intelligencia é a instrução intellectualmente falada. O mestre e o seu apregoceiro por eccelencia, incumbem-se de ensinar as crianças. Mas nem sempre principalmente em nossos dias!

Tambem o adulto vai a escola. A escola é o recinto sagrado onde vamos em communhão buscar as ciencias, artes, musica, etc. É na escola que encontramos os meis preciezos para nos fazer entendidos pelos novos irmãos.

Somos seus fiéis discipulos e os mestres sacerdoceos amáveis que nos dão a luz do saber. Para eles devemos a nossa educação em geral. Esta é a perfeição da educação. A perfeição da educação é a instrução combatida com polidez é o bem viver e a ciencia unida a virtude.

Oh pais! Mandaes vossos filhos ao templo da instrução intellectual — “a escola” não os deixeis analfabetos como dantes!

ESCOLA DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Da secretaria da Escola da F. N. B. recebemos comunicação de que a mesma acha-se oficializada junto ao Governo do Estado.

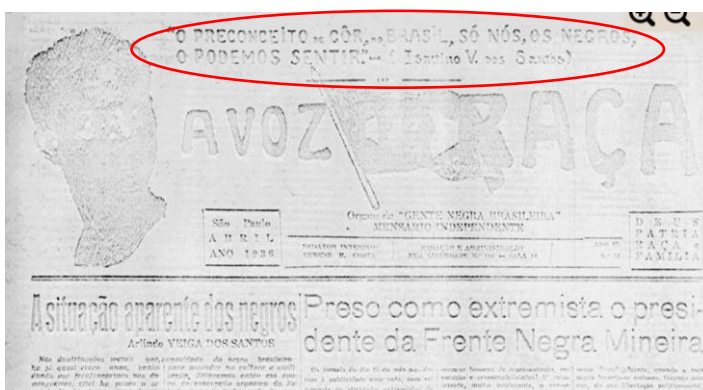
Por ato do dia 17 de Julho publicado no “Diario Oficial” do dia 18 do mesmo, foi declarada em comissão, junto á Escola da Frente Negra Brasileira, a professora D. Francisca de Andrade, adjunta do Grupo Escolar Ise Cabreuva.

A diretoria da F. N. B. que, não tem medido sacrificios para a realização deste ideal, de dar aos seus filhos a instrução e carinho, pugnando sempre para manter tudo o que for necessario para os 90 alunos já matriculados, que até então vinham sendo dirigidos com carinho e atenção, pelos frentenegrinos sr. Francisco Lucrecio e Sta. Cellina Veiga. Frente Negra quer a instrução para toda gente brasileira, querendo mais ainda a do negro.

Os apelos dos frentenegrinos à frequência nas escolas ressalta a importância da Educação para o movimento. Em cima, dos momentos publicados em “A Voz da Raça”: o primeiro, em 1933, é direcionado aos pais; o segundo, de 1934, comemora o reconhecimento das escolas da FNB pelo Governo do Estado de São Paulo.

Ilustrações extraídas da Hemeroteca, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional (BN)

Figuras 21 e 22 - Jornal / Reprodução dos artigos de “A Voz da Raça”



“O preconceito de cor no Brasil só nós, os negros, podemos sentir”. A frase de Isaltino Veiga dos Santos permaneceu no frontispício do jornal “A Voz da Raça” por quatro anos. No alto, à esquerda, o registro da primeira edição. Ao lado, registro da 1ª página (#52), de abril de 1936, a última a exibir a famosa sentença.

Ilustrações extraídas da Hemeroteca, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional (BN)

Figura 23 – Fotografia / Grupo Carnavalesco Barra Funda



Registro de 1915 do Grupo Carnavalesco Barra Funda, em Pirapora do Bom Jesus, local de peregrinação religiosa dos membros dos cordões paulistanos no início do séc. XX.

Figura 24 – Fotografia / Componentes do Cordão do Camisa Verde e Branco



O Cordão Camisa Verde e Branco, criado por Dionísio Barbosa, foi o primeiro folgado negro criado especialmente para desfilar no carnaval da cidade de São Paulo.

Autor desconhecido / Acervo USP Imagens

Figura 25 – Fotografia / Escola de Samba SP



Ao lado, crianças e duas mulheres negras integrantes da Escola de Samba do Lavapés, a mais antiga ainda em atividade no carnaval da cidade.

Autor desconhecido / Acervo da escola

No derradeiro ano de publicação de “A Voz da Raça”, a fotografia dos integrantes do Conjunto Regional é publicada com destaque na contracapa do jornal (abril de 1937). Ao lado, três por quatro de Aristides Teixeira, “o Rei do Samba”, autor de sambas premiados e também integrante da Frente Negra Brasileira (FNB).

Figuras 26 e 27 - Jornal / Reprodução da capa e artigo de “A Voz da Raça” (#64 - Abril 1937)



Ilustrações extraídas da Hemeroteca, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional (BN)

Em seus cinco anos de existência, "A Voz da Raça" documentou as crenças, os medos e as denúncias da comunidade negra em São Paulo. Em suas páginas encontramos a constante preocupação com a educação dos negros brasileiros, a valorização das expressões populares, entre tantos temas. Elas nos guiam no processo de busca de permanência das tradições africanas, além dar dimensão e visibilidade aos temas que mobilizavam a comunidade.

Esta iconografia torna-se ainda mais valiosa por trazer registros de uma época em que a impressão de fotografias representava um luxo para os periódicos. As fotos selecionadas para ilustrar o capítulo permitem a visualização de boa parte dos grupos mencionados nas reportagens da publicação: Cordão Camisa Verde e Branco, grupos

carnavalescos do Bom Retiro, integrantes, instrumentistas, estandartes, compositores e instrumentos.

*Zumbi, comandante guerreiro
Ogunhê, ferreiro-mor capitão
Da capitania da minha cabeça
Mandai a alforria pro meu coração*

*Minha espada espalha o sol da guerra
Rompe mato, varre céus e terra
A felicidade do negro é uma felicidade guerreira
Do maracatu, do maculelê e do moleque bamba*

*Minha espada espalha o sol da guerra
Meu quilombo incandescendo a serra
Tal e qual o leque, o sapateado do mestre-escola de samba
Tombo-de-ladeira, rabo-de-arraia, fogo-de-liamba*

*Em cada estalo, em todo estopim, no pó do motim
Em cada intervalo da guerra sem fim
Eu canto, eu canto, eu canto, eu canto, eu canto, eu canto assim:*

*A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!
A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!
A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!*

*Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu grande terreiro, meu berço e nação
Zumbi protetor, guardião padroeiro
Mandai a alforria pro meu coração*

Gilberto Gil, "Zumbi (A Felicidade Guerreira)" / 2003

Capítulo 4 – Considerações Finais

Fluxo, refluxo – Permanências

Base para futuros estudos e questionamentos

Se é possível comparar a investigação científica a uma viagem, o objeto de estudo a um barco, as vagas que o varrem e ameaçam engolir ao *mix* de ideias e opiniões que o cercam, e o capitão ao pesquisador que aderna, submerge e retorna em busca de novos horizontes, o término desta dissertação assemelha-se mais a uma pausa para reabastecimento, uma reflexão sobre as terras visitadas e a novas por conhecer, do que propriamente uma conclusão.

Algumas considerações, porém, precisam ser registradas neste diário de bordo. Elas respondem à hipótese formulada e corroboram a importância dessa discussão.

Discurso Branco x Denúncia Negra

Se o discurso de *A Voz da Raça* é na maioria das vezes branco e hegemônico na forma, as ideias registradas pelo periódico lhe atribuem um conteúdo inegavelmente negro, africano. Em seus cinco anos de existência, o jornal denunciou a situação dos afrodescendentes, o desemprego, o abandono e, em particular, a ironia de um Estado que ostentava uma “*mezzo* cidadania” – que existia de direito, enquanto letra da lei, mas não lhes permitia vivenciá-la de fato, no acesso ao trabalho, aos hospitais e às escolas.

Construção do Corpus Africano

Apesar das poucas informações sobre o continente-mãe, ou mesmo de uma documentação da herança africana, através do resgate dos personagens históricos na luta pela libertação dos escravos é possível identificar a construção de um corpus africano, tal qual é defendido por Mbembe em *Crítica da Razão Negra*. Em sua luta pelo resgate da identidade, o negro brasileiro e a África recriam-se em um único corpo. “(...) Um confunde-se com o outro, e um pesa no outro com o seu peso contagiante, simultaneamente sombra e matéria”.

Corações & Mentres

O exame detalhado do jornal revela que os ecos d'África são mais audíveis nas expressões populares. É na música, na dança, que se identifica com mais facilidade

a herança cultural. Tal qual os lembrados, os negros brasileiros expressavam no samba, na capoeira (ainda que proibidos!), as angústias, desejos e esperanças de construção de uma nova identidade. Vale destacar ainda que graças ao periódico, além da presença africana, podemos resgatar a história do carnaval paulista – sua origem e evolução.

O que fala essa língua

Uma breve investigação da presença de vocábulos de origem Banto nos textos de "A Voz da Raça" aponta, à semelhança de *icebergs*, o muito da presença africana em nosso cotidiano. São expressões, conceitos, que revelam leituras de mundo, formas de apreensão e interpretação de acontecimentos de uma maneira africana – ainda que na maioria das vezes sequer nos demos conta desse movimento. A leitura do "Dicionário Banto do Brasil" de Nei Lopes, de fato, propicia mais perguntas que respostas e provoca o quanto desse pensar africano ainda está a se investigar.

Letramento, a via de retorno ao ser

Tema-chave da Imprensa Negra Paulista, a educação representou em muitas edições de "A Voz da Raça", mais que uma lembrança ou evocação, uma alternativa real de acesso à verdadeira cidadania. O acesso à liberdade perdida, encontrada somente na terra-mãe. O retorno (refluxo?) aqui apresenta-se como alegoria, como a materialização do perdido. O letramento constituía, enfim, a via de retorno ao ser, a existência plena. Rechaçar de uma vez por todas a imagem de "não-pessoa", de "sem parentes" imposta na escravidão.

Contribuições e Possíveis Caminhos

De maneira despretensiosa, este trabalho chega ao término esperando ter provocado algumas reflexões. Com mais perguntas que respostas, finalizamos este capítulo sinalizando o desejo de prosseguir viagem. Entre as rotas que surgem, destacamos três.

Abolição, liberdade aqui e agora

Impossível investigar a pós-abolição dos escravos no Brasil e não traçar relações com o atual status dos negros brasileiros. Uma breve análise do "Atlas da Violência", divulgado no início de junho deste ano, e as evidências saltam aos olhos. Se por um lado observamos a redução da taxa de homicídios entre não negros em 6,8%, no período analisado, a vitimização da população negra aumentou 23,1%. O mesmo documento aponta que um jovem negro tem 2,7 vezes mais chances de ser vítima de homicídio no Brasil que um jovem branco¹¹¹. O quão atual são os pleitos dos membros da Frente Negra Brasileira? Seriam as pautas d'A Voz da Raça pertinentes para os periódicos de hoje?

Protagonismo Negro

O resgate de um momento histórico de protagonismo social dos negros é fundamental para a construção de uma autoestima entre os afrodescendentes. Esta proposição dialoga com o exposto na Lei 10.639/03 e nos desafia a criar caminhos de ressignificação. No periódico da FNB encontramos negros que mobilizam, propõem reformas, lutam por representatividade no Poder Legislativo e buscam ocupar todos os espaços na sociedade – disponíveis ou não. Do mesmo modo, resgatar as ideologias que construíram o racismo no Brasil é fundamental para revelá-lo e, assim, combatê-lo.

Flor do Lácio, Angola e outras terras

Investigar os “enxertos” que dão força e novas mudas à língua portuguesa são de incomensurável importância. O português, hoje presente em nove países, têm relações profundas com o continente africano. O quanto – a explorar e descobrir – temos em comum com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, e São Tomé e Príncipe? O quanto há a se revelar, Portugal? Enfim, algo

¹¹¹ Dados retirados do Atlas da Violência 2018, produzido pelo Ipea, páginas 4 e 41.

a se descobrir com iorubás, gegês e fanti-ashantis; fulas, mandingas, haussas e tapas; angola-congoleses e moçambiques.

ANEXO - Perfis Negros

Casimiro da Rocha (1856-1933)

Filho de mãe negra e sem recursos, conseguiu custear os estudos com a ajuda de professores da capital baiana. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia e, graças à fama alcançada no desempenho da profissão, iniciou carreira política. Alfredo Casimiro da Rocha elegeu-se vereador, deputado estadual e federal. Em sua trajetória, lutou pela causa abolicionista, sendo responsável pela libertação de vários escravos. Desempenhou dupla função, médico e político, até a morte aos 77 anos de idade.

Sobre Casimiro da Rocha:

- Negro político, político negro: a vida do doutor - Alfredo Casimiro da Rocha, parlamentar da República Velha, de Oracy Nogueira

- Verbetes do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ROCHA,%20Alfredo%20Casimiro%20da.pdf>



Cruz e Sousa (1861-1898)

João da Cruz e Sousa nasceu em Deterro, atual Florianópolis (SC). Filho de escravos alforriados, recebeu uma educação refinada de seu ex-senhor, o marechal Guilherme Xavier de Sousa - de quem adotou o nome de família, Sousa. Aprendeu francês, latim e grego, além de ter sido discípulo do alemão Fritz Müller, com quem aprendeu Matemática e Ciências Naturais. Um dos principais nomes do Simbolismo no Brasil enfrentou, no entanto, muito preconceito. Apesar de nomeado promotor de Laguna, não conseguiu assumir o cargo por conta da pressão de políticos locais. A partir de 1890, já no Rio de Janeiro, passou a publicar em diversas publicações. Conviveu com grandes intelectuais da época, como Raul Pompéia e Olavo Bilac, mas continuou a enfrentar sérios problemas financeiros. Cruz e Sousa morreu aos 36 anos de tuberculose. Seu enterro, realizado no cemitério carioca de São Francisco Xavier, foi custeado por José do Patrocínio e por uma lista de contribuições.

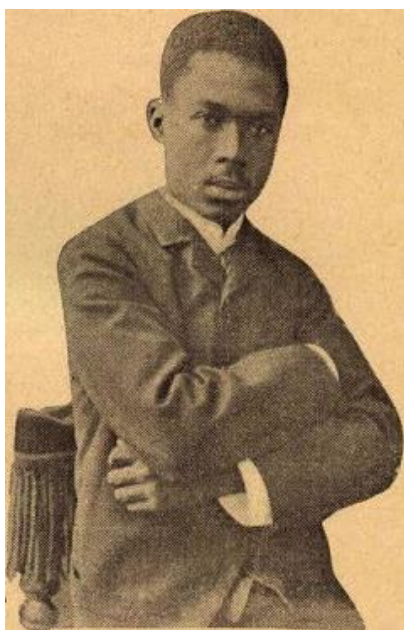
Sobre Cruz e Sousa:

- Artigo publicado na Literafro, da Faculdade de Letras da UFMG

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/206-cruz-e-sousa>

- Verbetes da Enciclopédia Itaú Cultural

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2567/cruz-e-sousa>



Enjolras (1885-1938) e Fabrício Vampré (1852-1909)

Imortalizado em nome de rua no bairro da Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo, Fabrício Vampré foi outro caso bem sucedido de médico que seguiu carreira política. Em Limeira, cidade onde criou os filhos, ocupou a função de intendente municipal (prefeito). Outro registro familiar diz respeito a Spencer Vampré (1888-1964). O filho do médico, mestre de Direito, formou-se na tradicional Escola do Largo de São Francisco, no coração da capital paulista. Ele foi um dos mais notáveis professores da casa, onde lecionou até a aposentadoria, em 1953.

Enjolras Vampré, irmão mais novo de Fabrício, chegou a complementar os estudos na Europa. Ao retornar a São Paulo, assumiu a cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo. O médico publicou dezenas de trabalhos científicos, dirigiu o Hospício de Alienados de Juquerí, em São Paulo, fundou e presidiu a Associação Paulista de Medicina. Foi membro do movimento Eugenista.

Sobre a família Vampré:

- Políticas da Raça, Experiências e Legados da Abolição e da Pós-emancipação no Brasil, de Flávio Gomes e Petrônio Domingues (orgs.)

- Ilustres Médicos da Bahia

<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com/2011/12/110-sergipe-fabricio-carneiro-tupinamba.html>

- Sobre o filho de Fabrício Vampré - Notável morador de Limeira

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/personagens-da-historia-de-limeira>



Henrique Dias (? – 1662)

Voluntário no combate às invasões holandesas, Henrique Dias conseguiu recrutar um grande número de negros para participar da resistência. Por sua bravura nos combates recebeu títulos de fidalgo, o hábito da Ordem de Cristo e a patente de Mestre de Campo. Comandou o Terço de Homens Pretos e Mulatos do Exército Patriota, também denominados Henriques, nas duas batalhas dos Guararapes (1648 e 1649). Apesar de todo sucesso alcançado, passou seus últimos anos em Pernambuco em extrema miséria. Faleceu em 1662, oito anos após a vitória sobre os holandeses. Em 2012, pela lei nº 12.701, teve seu nome inscrito no Livro de Heróis da Pátria (conhecido como "Livro de Aço"), depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Vale destacar que no mesmo documento histórico está registrado o nome de Zumbi dos Palmares.

Sobre Henrique Dias:

- Perfil na Fundação Joaquim Nabuco

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=292

- Da guerra preta às hierarquias de cor no Atlântico português, artigo de Hebe Mattos publicado no XXIV Simpósio Nacional de História (2007), pela Associação Nacional de História (ANPUH)

<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Hebe%20Mattos.pdf>



José Correia Leite (1900-1989)

Um dos principais articuladores da Imprensa Negra Paulista, o jornalista nasceu em uma família humilde na capital do estado. Trabalhou como em diversas ocupações: entregador de marmitas, cortador de lenha e cocheiro. Graças ao incentivo de uma patroa professora, Correia Leite começou a estudar sozinho. Aos 24 anos, fundou "O Clarim d'Alvorada", órgão feito por e para negros, que circulou de 1924 a 1932. Foi um dos fundadores da Frente Negra Brasileira, órgão do qual se afastou por divergências ideológicas. Foi o criador da Associação dos Negros Brasileiros (ANB), em 1945, e da Associação Cultural do Negro (ACN), em 1956.

Sobre José Correia Leite:

- Biografia de Luiz Silva Cuti - "E disse o velho militante José Correia Leite"

- Perfil Heróis de Todo Mundo no Site "A Cor da Cultura"

<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/josecorreialeite>



José do Patrocínio (1853-1905)

Farmacêutico, jornalista, escritor, orador e figura-chave na luta pela Abolição. Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras (ABL) e fundou a cadeira nº 21. Filho de um vigário de grande fama na capela imperial, o Padre João Carlos Monteiro, e uma escrava chamada Justina, nunca foi escravo, mas conviveu com vários até a adolescência na fazenda paterna da Lagoa de Cima (RJ). Depois de concluir a universidade foi morar na casa de Emiliano Rosa Sena, capitão republicano, onde teve a oportunidade de conhecer Quintino Bocaiúva, Lopes Trovão, Pardal Mallet, entre outros. Já como jornalista, na Gazeta de Notícias, em 1879, iniciou a campanha pela Abolição. Em 1881, fundou a Confederação Abolicionista e redigiu o manifesto, assinado também por André Rebouças e Aristides Lobo. Em setembro de 1887, criou o jornal Cidade do Rio, de onde saudou, em 13 de maio de 1888, o advento da Abolição pelo qual tanto lutou.

Sobre José do Patrocínio:

Perfil na Academia Brasileira de Letras (ABL)

<http://www.academia.org.br/academicos/jose-do-patrocinio/biografia>

Conheça o Herói em A Cor da Cultura

<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/josedopatrocinio>



Juliano Moreira (1873-1933)

Médico baiano apontado como o fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil. Filho de uma empregada doméstica negra e um português, inspetor de iluminação pública, conseguiu com a ajuda do padrinho (o Barão de Itapoã) fazer os preparativos para o ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia. Prodígio formou-se com apenas 19 anos de idade. Quatro anos mais tarde passou em primeiro lugar para a cátedra de Clínica Psiquiátrica e Doenças Nervosas da escola onde se formou. Em 1900, foi eleito Presidente Honorário do 4º Congresso Internacional de Assistência a Alienados, em Berlim. Representou o Brasil em muitas outras ocasiões em Lisboa (1906), Milão e Amsterdã (1907), Londres e Bruxelas (1913).

Sobre Juliano Moreira:

- Perfil na Academia Nacional de Medicina (ANM)

http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=516

- Verbete no Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil da Fundação Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz)

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/morjul.htm>



Luiz Gama (1830-1882)

Nascido em Salvador (BA), filho de mãe negra livre e pai branco, viveu uma infância atribulada. Quando ainda era muito pequeno, sua mãe partiu para o Rio de Janeiro, fugindo da perseguição aos malês, ocorrida na Bahia em 1835. O pai, depois de problemas financeiros com jogos, vendeu seu filho para um traficante de escravos. Gama permaneceu nesta condição até os 18 anos, quando finalmente conseguiu comprovar sua liberdade - já que era filho de uma liberta. Depois de servir como praça na Força Pública da Província, o escritor - um verdadeiro autodidata - empregou-se como aprendiz de tipógrafo e iniciou uma série de amizades que acompanhariam sua trajetória. Gama atuou ainda como rábula, tratando de inúmeros casos de escravizações ilegais e de abolições individuais e coletivas do Estado de São Paulo. Em 2015, 133 anos após sua morte, a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção São Paulo, concedeu-lhe o título de "advogado", uma vez que não era formado e atuava como "provisionado".

Sobre Luiz Gama:

- Artigo publicado pela Fundação Joaquim Nabuco

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=820:luiz-gama&catid=47:letra-l

- Conheça o Herói em A Cor da Cultura

<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/luizgama>



Teodoro Sampaio (1855-1937)

Filho da união de um padre e uma escrava, o engenheiro baiano Theodoro Sampaio foi levado para o Rio de Janeiro, então capital federal, aos nove anos de idade. Lá permaneceu até a formatura na Escola Central de Engenharia Militar Politécnica. Um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desenvolveu em sua trajetória profissional livros sobre aspectos geográficos do Brasil, com destaque para o Rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Entre suas obras destacam-se "O tupi na geografia nacional", considerada sua obra-prima; "Tremores de terra na Bahia" e "Tremores de terra no recôncavo da Bahia de Todos os Santos". Theodoro Sampaio, que nunca foi escravo, reverteu suas primeiras economias para comprar a alforria de sua mãe e de três irmãos (Martinho, Ezequiel, Matias).

Sobre Theodoro Sampaio:

- Perfil no Museu AfroBrasil

<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/theodoro-sampaio>

- Crítica do Livro "Theodoro Sampaio - Nos Sertões e nas Cidades", de Ademir Pereira dos Santos, por Lilia Moritz Schwarcz

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2201201134.htm>



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Márcio (2007). Frente Negra Brasileira – Depoimentos. São Paulo, SP: Quilombhoje.

BARROS, Surya - Negrinhos que por ahi andão: a escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920) 2005. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Educação.

BASTIDE, Roger. FERNANDES, Florestan (1959). Brancos e negros em São Paulo. 2a edição. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.

BASTIDE, Roger (1951). A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI. Sociologia n.2. Estudos Afro-brasileiros, 2a. Série.

CARVALHO, José Murilo de (1989). Os bestializados. 3a edição. São Paulo: Companhia das Letras.

CUTI, Luiz Silva (1992). E disse o velho militante José Correia Leite. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Especial de Cultura / Coordenadoria Especial do Negro.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (1989). A Escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século. São Paulo, SP: ANDE, Revista da Associação Nacional de Educação São Paulo, v. 8, n. 14, p. 51-60.

DOMINGUES, Petrônio. O Recinto sagrado: Educação e antirracismo no Brasil. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.138, p.963-994, set./dez. 2009.

----- Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. São Paulo: Cadernos Pagu, 2007.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difel, 1972.

GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (Org). Políticas da raça – Experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil. Edições Selo - Negro São Paulo/SP – 2014. Artigo 10 - Negro político, sociedade branca: Alfredo Casimiro da Rocha como exceção e estudo de caso (São Paulo, décadas de 1880 a 1930), por James Woodard.

GRAHAM, Jessica. A virada antirracista do Partido Comunista do Brasil, a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930, in "Políticas da Raça" - GOMES, Flávio e DOMINGUES, Petrônio.

GOMES, Flávio. (Org.) Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito Racial: modos, temas e tempos. 2a ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. Novos Estudos Cebrap, São Paulo: n.54, p.147-156, jul. 1999.

HOFBAUER, Andreas (2006). Branqueamento e democracia racial: Sobre as entranhas do racismo no Brasil. Marília, SP: Unesp.

LACERDA, João Bastista. Sur les Métis au Brésil. Paris, 1911. Documento original encontra-se disponível em <http://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/35/1/Surlesmetis%20cdr.pdf>.

CERQUEIRA, Daniel (Pesquisador Coordenador). Atlas da Violência 2018 - Ipea e FBSP. Rio de Janeiro: Ipea, 2018. Documento disponível em http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf

Página acessada em 27/07/2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LOPES, Nei. Novo dicionário banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 1942.

_____. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. São Paulo, Selo Negro, 2006.

_____. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo, Selo Negro, 2004.

LUNARDON, Jonas Araújo. Maconha, Capoeira e Samba, a construção do proibicionismo como uma política de criminalização social. Artigo apresentado no 1º Seminário Internacional de Ciência Política – Estado e Democracia em Mudança no Séc. XXI – Porto Alegre (9, 10 e 11/09/2015). Documento encontra-se disponível no site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - <https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/LUNARDON-J.-Maconha-Capoeira-e-Samba-a-constru%C3%A7%C3%A3o-do-proibicionismo-como-uma-pol%C3%ADtica-de-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-social.pdf>

MACHADO, José Pedro. Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e reconhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1952-1959.

MENDONÇA, Renato (1935). A influência africana no português do Brasil. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia (1996). 5a edição. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba).

LEVY, Richard S. Antisemitism: a historical encyclopedia of prejudice and persecution (Two Vol. Set), 2005, p. 586. Verbetes Racism, Scientific.

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro (2016). A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris: Raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848). Revista Humanidades em Diálogo, v. 7. São Paulo, SP: USP.

MBEMBE, Achille (2017). Crítica da razão negra. Lisboa: Editora Antígona, 2ª edição.

MALATIAN, Teresa (2017). O Cavaleiro Negro. São Paulo, SP: Unesp.

PETRONE, Maria Teresa S. (1968). A lavoura canavieira em São Paulo. São Paulo, SP. p. 110-111 apud QUEIROZ, Suely Robles, op. cit., p.22.

DOMINGUES, Petrônio José. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. Cad. Pag. nº28. Campinas Jan./June 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100015&lng=en&nrm=isso/ Acesso em Março de 2007.

_____. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. Estud. afro-asiát. vol.24 no.3 Rio de Janeiro 2002. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000300006&lng=en&nrm=isso/ / Acesso em janeiro de 2008.

_____. O "messias" negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): "Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III !". Varia hist. vol.22 no.36 Belo Horizonte July/Dec. 2006

RODRIGUES, Raimundo Nina (1935). Os Africanos no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2a edição, p.20.

QUEIROZ, Sônia (org.). Brasilidades que vêm da África. VOZ DA RAÇA, A. Publicação da Frente Negra Nacional (FNB) – Artigos publicados de 1933 a 1937.

SANTOS, Raquel Pinheiro dos (2014). Manoel Bomfim e Juliano Moreira: Aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) - Faculdade de História.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (2012). Nem preto, nem branco, muito pelo contrário – Cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, p.22.

SILVA, Benedito (1986). Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p.440.

SILVEIRA, Renato da (2000). Afro-Ásia #23 p.90. Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO)/UFBA.

Teses & Dissertações sobre a Frente Negra Brasileira & Imprensa Negra

CARVALHO, Gilmar. A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências. Dissertação de Mestrado em História Econômica - Universidade de São Paulo (USP) - 2009

DOMINGUES, Petrônio José. Uma História não contada. Negro, racismo e trabalho no Pós-Abolição em São Paulo (1889-1930). Dissertação de Mestrado em História - Universidade de São Paulo (USP) – 2001

_____. A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Tese de Doutorado em História - Universidade de São Paulo (USP) – 2005

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. População Negra e Escolarização na Cidade de São Paulo nas Décadas de 1920 e 1930. Dissertação de Mestrado em História - Universidade de São Paulo (USP) – 2009

MALATIAN, Teresa M. “A Ação Imperial Patrianovista Brasileira”. Dissertação de Mestrado - Pontifício Universidade Católica (PUC) / São Paulo – 1978

OLIVEIRA, André Côrtes de. Quem é a Gente Negra Nacional? Frente Negra Brasileira e a Voz da Raça (1933-1937) - Dissertação de Mestrado em História - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – 2006

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. Rio de Janeiro, RJ. A Frente Negra Brasileira: Política e questão racial nos anos 1930. Dissertação de mestrado em História - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) – 2002

_____. Entre a Miscigenação e a Multirracialização: Brasileiros Negros ou Negros Brasileiros? Os Desafios do Movimento Negro Brasileiro no Período de Valorização Nacionalista (1930-1950) - A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro. Tese de Doutorado em História - Universidade Federal

Fluminense (UFF) - 2008

PINTO, Regina Pahim. São Paulo, SP. O Movimento Negro em São Paulo: Luta e Identidade. Tese de doutorado em Antropologia - Universidade do Estado de São Paulo (USP) – 1993

SANTOS, Gilca Ribeiros dos. O Pensamento Educacional de Francisco Lucrecio e Ironildes Rodrigues. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal de Uberlândia (MG) – 2013

SANTOS, Pedro de Souza. Cidadania e Educação dos Negros Através da Imprensa Negra em São Paulo (1915-1937). Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade São Francisco (USF) / Itatiba – 2007

SANTOS, Rael Fizon Eugênio dos. A África na Imprensa Negra Paulista (1927 - 1937). Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal Fluminense (UFF) – 2012

SOUZA, Rosângela Ferreira de. Pelas Páginas dos Jornais: Recortes Identitários e Escolarização do Negro em São Paulo (1920-1940). Tese de Doutorado em Educação - Universidade de São Paulo (USP) - 2013

Leis

Lei 10.639/03 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

Lei 11.645/08 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

Links

Acervo Vincenzo Pastore no Instituto Moreira Salles

<https://ims.com.br/titular-colecao/vincenzo-pastore/>

Diccionario de Etimológico - Página chilena visitada em 02/03/2018

<http://etimologias.dechile.net/>

Frente Integralista Brasileira - Site ainda em atividade do movimento Integralista

<http://www.integralismo.org.br/?cont=825&ox=2> - Página chilena visitada em 02/03/2018

Portal Imprensa Negra Paulista – Texto publicado “Sobre o Acervo”, por Miriam

Nicolau Ferrara. [http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/sobre-o-acervo-](http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/sobre-o-acervo-2/)

[2/](http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/sobre-o-acervo-2/) - Página chilena visitada em 02/03/2018

Virgínia Bicudo – Matéria sobre a trajetória da psicóloga

[https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-](https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-lugar-de-escuta/)

[lugar-de-escuta/](https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-lugar-de-escuta/) - Página chilena visitada em 02/03/2018